

**ISCTE  IUL**  
**Instituto Universitário de Lisboa**

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de História

**Valorização do património resultante da I Invasão Francesa – As  
batalhas da Roliça e do Vimeiro**

João Paulo Henriques Mergulhão

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Ramo de Especialização: Gestão Cultural

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:

Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

## Resumo

Os acontecimentos ocorridos no âmbito da Primeira Invasão Francesa (1807-1808) deram origem a um rico património cultural atualmente existente em Portugal, que apresenta diversos desafios, sendo um dos principais o conhecimento das suas expressões materiais e imateriais.

O trabalho desenvolvido nesta dissertação identificou um conjunto de bens patrimoniais diretamente relacionados com as batalhas da Roliça e do Vimeiro, ocorridas a 17 e 21 de agosto de 1808, recorrendo a metodologias de inventariação que constituem um ponto de partida para uma roteirização da Primeira Invasão Francesa à qual será ainda necessário adicionar um trabalho de investigação em áreas de conhecimento como a arqueologia e a história, entre outras.

Apesar de circunscrito aos concelhos do Bombarral e da Lourinhã, a informação apurada evidencia que existem condições para a ativação turística deste património e que a Primeira Invasão Francesa, que naturalmente não se limita a estes territórios, poderá assumir-se como uma marca nacional do Turismo Militar.

A criação de um Roteiro-Base de Dados como é proposto na presente investigação para esta temática não constitui, *per si*, um produto turístico, mas representa um primeiro passo na direção da criação de uma base de informação, em constante necessidade de atualização, que sirva suporte aos diversos agentes do Turismo, públicos ou privados, para o desenvolvimento dos seus produtos e serviços.

A importância destas duas batalhas, o valioso potencial paisagístico, a existência de um centro de interpretação, ou a forte ligação ao legado militar inglês, da qual se destaca a ascensão de Wellesley, futuro duque de Wellington, como líder militar e figura de primeira importância no combate ao domínio napoleónico, constituem um suporte a partir do qual é legítimo assumir a existência de condições para que o final da Primeira Invasão Francesa de Portugal, sustentado numa cooperação intermunicipal estratégica, possa assumir uma posição de destaque na oferta turística destes territórios.

## Palavras-chave

Turismo Militar, Turismo Cultural, Primeira Invasão Francesa, Património Militar.

## **Abstract**

The events that occurred during the First French Invasion (1807-1808) created a rich cultural heritage presently existing in Portugal, which presents several challenges, one of which being the knowledge of its material and immaterial expressions.

The work developed in this dissertation identified a set of heritage assets directly related to the battles of Roliça and Vimeiro, which took place on August 17 and 21 (1808), using inventoried methodologies that constitute a starting point for the routing of the First French Invasion to which it will be necessary to add a research work in fields of expertise such as archeology and history, among others.

The creation of a database roadmap as proposed in the present research for this theme is not, in itself, a tourism product, but represents a first step towards the creation of an information base, in constant need of updating, that support the various agents of tourism, public or private, for the development of their products and services.

The importance of these two battles, the valuable landscape potential, the existence of a center of interpretation, or the strong connection with the English military legacy, notably the rise of Wellesley, future Duke of Wellington, as a military leader and prime figure in the fight against Napoleon's domination, constitute a basis from which it is legitimate to assume the existence of the necessary conditions for the end of the First French Invasion of Portugal, sustained by strategic intermunicipal cooperation, to take a prominent position in the tourism activity of these territories.

## **Key words**

Military Tourism, Cultural Tourism, First French Invasion of Portugal, Military Heritage.

## Índice

1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Fundamento do Estudo .....	3
1.2. Contextualização do Estudo .....	4
1.3. Problemática e objetivos.....	8
2. TURISMO, PATRIMÓNIO MILITAR E PRODUTOS CULTURAIS .....	11
2.1. Turismo Cultural.....	11
2.2. Turismo Militar.....	20
2.3. Produtos de turismo militar .....	28
3. METODOLOGIA DE TRABALHO.....	33
3.1. Inventariação de Património Cultural.....	34
3.2. Entrevistas .....	36
4. PRODUTOS DE TURISMO CULTURAL MILITAR EM PORTUGAL .....	39
4.1. Estratégia Turística na região da Lourinhã e Bombarral.....	42
5. RECURSOS CULTURAIS NO BOMBARRAL E LOURINHÃ.....	46
5.1. As Batalhas da Roliça e Vimeiro.....	47
5.2. Recursos Primários .....	50
5.2.1. Monumentos, Conjuntos e Sítios .....	50
5.2.2. Campos de batalha e sítios arqueológicos .....	54
5.2.3. Equipamentos diferenciados de relevância.....	56
5.2.4. Eventos.....	62
5.2.5. Atividades .....	62
5.3. Recursos Secundários .....	63
5.3.1 Agentes .....	63
6. ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ROTEIRIZAÇÃO.....	65
7. CONCLUSÃO.....	73
8. FONTES .....	75
9. BIBLIOGRAFIA .....	77
ANEXOS .....	I
<b>Anexo I.</b> .....	I
<b>Anexo II.</b> .....	III





## **Índice de quadros**

Quadro 1.1. Motivações em percentagem dos indivíduos com interesse elevado em realizar as atividades das rotas (Cluster 2). .....	19
Quadro 2.2. Número de visitantes do USS Arizona Memorial .....	22
Quadro 3.3. Sistema criado para a geração de referências de identificação dos bens patrimoniais .....	35
Quadro 4.3. Listagem dos entrevistados. ....	37
Quadro 5.5. Classificação de Recursos Turísticos .....	46
Quadro 6.6. Entidades existentes no Registo Nacional de Turismo nos concelhos do Bombarral e Lourinhã. ....	67



## Índice de Figuras

Figura 1.1. - Mapa da Região Oeste.....	7
Figura 2.2. USS Arizona Memorial.. ..	21
Figura 3.2. Linha Maginot, Forte de Schenenbourg. ....	23
Figura 4.2. Cartaz do XV Cerco de Almeida.. ..	25
Figura 5.5. CIBV - Número de visitas anuais nos anos de 2017 e 2018.....	59
Figura 6.5. CILT. Número de visitantes anuais em 2017 e 2018.....	59
Figura 7.5. Circuito do Alqueidão. Número de visitantes anuais em 2017 e 2018.....	60
Figura 8.6. Ficha de Recurso Turístico-cultural.....	66



## 1. INTRODUÇÃO

A Primeira Invasão Francesa, iniciada com a entrada do exército comandado por Junot<sup>1</sup> em Portugal, no dia 19 de novembro de 1807, concluiu-se no mês de agosto do ano seguinte, numa sucessão de acontecimentos decisivos onde se incluem as batalhas da Roliça e do Vimeiro, respetivamente a 17 e 21 de agosto, e, por fim, no dia 30, a assinatura da Convenção de Sintra, através da qual foram definidas as condições controversas de retirada dos franceses.

Acontecimentos como o ultimato a Portugal para aderir ao bloqueio continental que Napoleão, o imperador de França, emitiu a 19 de julho de 1807, as ordens que Junot recebeu a 17 de outubro do mesmo ano para iniciar a invasão, o embarque da Corte Portuguesa na esquadra que a levou até ao Brasil, revoltas populares ou, ainda, o desembarque do Exército Britânico em Lavos, a 1 de agosto em 1808, são importantes para a compreensão desta Primeira Invasão Francesa, mas será a parte final deste acontecimento, mais precisamente os acontecimentos conhecidos como batalhas da Roliça e do Vimeiro, que constituem o tema deste estudo.

Estes acontecimentos materializaram-se de diversas formas no território, resultando num conjunto de bens que apresentam alguns desafios. O primeiro desses desafios é o do conhecimento das suas realidades materiais e imateriais. Um outro prende-se com a sua valorização, intrinsecamente ligada com a relação que se estabeleceu entre a memória dos acontecimentos e as gentes locais e, ainda, a ligação definida e estabelecida com o desenvolvimento local face aos modelos atuais. Um terceiro desafio atenta na ativação destes bens, potenciando a sua valorização e cimentando-os como fatores de desenvolvimento, associados à construção de uma oferta de natureza turística.

A viabilidade de criação de um produto turístico alicerçado nestes objetos que contribua para o desenvolvimento local e reforço da identidade deste território orientou a definição dos objetivos deste estudo, assim como a escolha das ferramentas metodológicas, no sentido de apresentar uma proposta concreta de trabalho. Esta proposta de trabalho assenta assim num

---

<sup>1</sup> Jean-Andoche Junot (1771 – 1813) nasceu em Bussy-le-Grand, Côte-d'Or e iniciou os seus estudos em Châtillon. Seguiu direito em Paris e, durante a Revolução Francesa, alistou-se no Exército no batalhão de voluntários da Côte-d'Or, onde foi ferido por duas vezes e conseguiu a patente de sargento. Durante o cerco de Toulon de 1793 foi escolhido como ajudante-de-ordens de Napoleão Bonaparte com quem faria carreira na Itália, no Egito, na Áustria, na Guerra Peninsular (1807-1808, e em 1810 voltou a Portugal com as tropas comandadas pelo General Massena) e na Campanha da Rússia. De regresso a França, mentalmente debilitado, atira-se de uma janela e morre dos ferimentos. Pelo seu temperamento, ficou conhecido como “Junot la Tempête”. (ARQNET [em linha]. Disponível em <http://www.arqnet.pt/exercito/junot.html>. Consultado em 13.05.2019).

objeto concreto: as batalhas da Roliça e do Vimeiro. E abrange num território também ele bem definido: os concelhos de Lourinhã e Bombarral. É, portanto, um trabalho intermunicipal assente em valores histórico-culturais, disseminados por estes territórios.

É ainda objetivo na definição desta proposta, que ela contribua para o desenvolvimento de uma estratégia de cooperação territorial empreendedora e eficaz, a partir de uma área abrangida administrativamente por duas câmaras municipais, tendo como catalisador o património cultural, que se reconhece como sendo um elemento capaz de agregar diferentes parceiros, orientando para uma causa comum e uma visão concertada: desenvolver e promover a região, criando, sistematizando e disponibilizando uma base de dados que seja reconhecida como uma fonte de informação válida para o desenvolvimento de novos produtos culturais e turísticos temáticos

Esta investigação apresenta na sua introdução, a contextualização e o fundamento para a pertinência do estudo. Com base neste enquadramento, iniciou-se a definição da questão de partida, da qual resultou a delimitação da área de intervenção da investigação no tempo e no espaço, o que originou a necessidade de recolha de informação sobre os acontecimentos histórico-militares nos territórios onde ambos ocorreram. Com a conclusão da formulação da questão de partida, iniciou-se o processo de produção de conhecimento sobre o objeto de estudo tendo em vista a capacidade de elaboração de uma resposta objetiva e sustentada.

No segundo capítulo, procedeu-se à identificação dos conceitos chave indispensáveis ao desenvolvimento da investigação, abordando o relacionamento entre a atividade turística e o património e a definição conceptual em relação às tipologias de turismo envolvidas no estudo. Assim, a investigação levou a uma análise conceptual mais detalhada do Turismo Cultural e do Turismo Militar e dos seus diversos produtos. Neste capítulo também foi aprofundado o conceito sobre os bens patrimoniais e a importância do seu processo de transformação tendo em vista a criação das necessárias condições para incorporação na atividade turística.

O terceiro capítulo foi dedicado à descrição da metodologia de trabalho, na qual se inclui a revisão da literatura e a aplicação das fases de trabalho. Estas foram divididas em duas principais atividades, por um lado, a identificação dos bens patrimoniais a considerar, seguida de um processo de registo documentado para efeitos de inventariação que envolveu a realização de um trabalho de campo com deslocações a todos os bens identificados e recolha fotográfica do seu estado atual, por outro, a realização de entrevistas a um grupo constituído por entrevistados com capacidade de atuação no território no âmbito da temática em investigação.

O capítulo seguinte apresenta a revisão dos documentos de planeamento estratégico existentes nos dois municípios, identificando-se o cumprimento alcançado em cada um deles face ao inicialmente proposto.

O quinto capítulo desenvolve a apresentação sumária dos bens identificados através do processo de inventariação desenvolvido no terceiro capítulo.

No capítulo final, são propostos alguns elementos para o desenvolvimento de um projeto que seja sustentado nos resultados da presente investigação.

Este trabalho termina com a apresentação das principais conclusões resultantes da informação recolhida, adiantando inclusivamente uma proposta de projeto, assente num intervenção faseada, tendo em conta as necessidades de investimento, e que permitirá à Primeira Invasão Francesa conquistar o seu espaço próprio na oferta turística da Região Oeste e, também, no quadro nacional e internacional do Turismo Militar.

### 1.1. Fundamento do Estudo

A Região Oeste tem vindo a destacar-se na capacidade de transformação dos recursos patrimoniais em produtos turísticos<sup>2</sup>. Neste campo, tem conseguido potenciar os bens patrimoniais ligados ao período das invasões francesas em Portugal (1807-1811) e conferir-lhes uma vertente e dinâmica turística que assenta num pressuposto de que constituem um conjunto “diferenciador capaz de captar fluxos turísticos e aumentar o tempo de permanência dos visitantes na região, o que irá gerar dormidas e consumos e contribuir para a sustentabilidade territorial”<sup>3</sup>.

Esta linha de ação é bem demonstrada pelo trabalho realizado nas Linhas de Torres Vedras, com a criação da Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT), um produto turístico

---

<sup>2</sup> A Região Oeste integra 12 municípios (Alcobça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras) e constitui uma unidade territorial estatística de nível III (NUTS III) que é formada por parte da Região do Centro (que, até 2002, estava incluída na antiga sub-região de Lisboa e Vale do Tejo), incorpora a parte norte do Distrito de Lisboa e a parte sul do Distrito de Leiria. A região é limitada a sul pela Área Metropolitana de Lisboa, a este pela Lezíria do Tejo, a norte pela Região de Leiria e a oeste pelo Oceano Atlântico. Tem uma área de 2.486 km quadrados e uma população de 362.523 habitantes (dados retirados dos Censos de 2011);

<sup>3</sup> “O Turismo Militar enquanto aposta na construção da identidade local. À conversa com o Presidente da Câmara Municipal da Lourinhã”, *website* da Associação de Turismo Militar Português, disponível em [www.turismomilitar.pt/index.php?lang=pt&s=news&id=83&title=O\\_turismo\\_militar\\_enquanto\\_aposta\\_na\\_construcao\\_da\\_identidade\\_local](http://www.turismomilitar.pt/index.php?lang=pt&s=news&id=83&title=O_turismo_militar_enquanto_aposta_na_construcao_da_identidade_local), acedido em junho de 2019.

cultural que, de acordo com Maria da Luz Rosinha, então presidente da Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres Vedras, “reúne numa causa comum seis municípios da região: Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira. Empenhámo-nos na investigação da história local relacionada com as invasões e concebemos um projeto integrado de salvaguarda, recuperação e valorização” da história e património das Linhas de Torres Vedras<sup>4</sup> e, em menor escala, a Batalha do Vimeiro, em consequência do trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal da Lourinhã na requalificação do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro - CIBV, no apoio à criação e desenvolvimento de atividades da Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro - AMBV e no evento anual Recriação Histórica & Mercado Oitocentista, que na sua edição de 2018 atraiu cerca de 20.000 visitantes ao Vimeiro<sup>5</sup>.

O legado das guerras napoleónicas é hoje indissociável da atividade turística em boa parte dos países europeus, o que levou o Conselho da Europa, em 2015, a certificar um itinerário cultural com a designação de *Destination Napoléon*<sup>6</sup>. Este itinerário europeu envolve um conjunto de 60 cidades e vilas, em 13 países, permitindo a fruição de sítios, monumentos, circuitos locais ou eventos, entre outros, e onde Portugal é atualmente representado por Almeida e pela Rota Histórica das Linhas de Torres Vedras.

Entende-se que também a Primeira Invasão Francesa reúne condições para assumir um maior destaque na oferta turística da Região Oeste, razão pela qual a presente investigação se afigura como pertinente e oportuna.

## 1.2. Contextualização do Estudo

Esta investigação partiu da motivação de identificar possíveis caminhos para a ativação dos vestígios culturais, materiais e imateriais, originados pelos confrontos das batalhas da Roliça e do Vimeiro, em agosto de 1808, localizados nos atuais concelhos do Bombarral e da Lourinhã.

Esta premissa permitiria também contribuir para a estruturação e sistematização do conhecimento sobre o património cultural resultante destes eventos. Pela limitação de recursos

---

<sup>4</sup> Prefácio de Maria da Luz Rosinha, que em 2010, era presidente da Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres, ao Guia da Rota Histórica das Linhas de Torres de 2011;

<sup>5</sup> “Recriação Histórica e Mercado Oitocentista” [em linha]. Disponível em <http://www.cm-lourinha.pt/news/Recriacao-Historica--Mercado-Oitocentista-recebeu-20-mil-visitantes>. Consultado em 12.01.2019.

<sup>6</sup> “*Destination Napoléon*” [em linha]. Disponível em <https://www.destination-napoleon.eu/>. Consultado em 13.01.2019.

naturalmente associada a um trabalho de natureza individual, designadamente competências técnicas em domínios do conhecimento essenciais para uma maior profundidade a amplitude de investigação ao nível do património imaterial, foi definido como objeto para este estudo: o conjunto de bens patrimoniais materiais associados às duas batalhas, localizado nos territórios atualmente correspondentes a estes dois municípios.

Para esta escolha contribuiu fortemente a atividade profissional desenvolvida nas câmaras municipais de Bombarral e Lourinhã, neste último caso em funções de dirigente do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro de 2014 a 2019, período durante o qual surgiram as primeiras interrogações sobre as potencialidades para o trabalho em conjunto nestes territórios no âmbito do Turismo Militar.

Os resultados alcançados na gestão da marca Batalha do Vimeiro 1808, investimento da Câmara Municipal da Lourinhã até agora sem acompanhamento no Bombarral, no que respeita à Batalha da Roliça, onde as últimas atividades relevantes associadas a este acontecimento remontam às comemorações do seu bicentenário em 2008, indiciam que, apesar da inexistência de património edificado de expressiva monumentalidade, como é o caso das vizinhas Linhas de Torres Vedras, e que é um fator relevante para a capacidade de captação de fluxos de visitantes, se estaria perante uma oportunidade.

A importância destas duas batalhas, o valioso potencial paisagístico, a existência de um centro de interpretação, ou a forte ligação ao legado militar inglês, da qual se destaca a ascensão de Wellesley, futuro duque de Wellington<sup>7</sup>, como líder militar e figura de primeira importância no combate ao domínio napoleónico, constituem um suporte a partir do qual é legítimo assumir

---

<sup>7</sup> Arthur Colley Wellesley (1769 – 1852) nasceu em Dublin, na Irlanda, a 29 de abril de 1769 e estudou em Eton e na Academia Militar de Angers, em França. Em abril de 1793 foi promovido a major e em junho do ano seguinte tomou parte da fracassada invasão dos Países-Baixos. Esteve também destacado na Índia em 1797. Comandou outras expedições e recebeu a patente de major-general, mas renunciou à mesma em 1804. No verão de 1807 comandou a força britânica que saiu vencedora de uma expedição na Dinamarca. Foi promovido a tenente-general a 25 de abril de 1808 e poucos meses depois desembarcava em Portugal onde alcançou importantes vitórias. Repele novamente as seguintes invasões francesas, ficando especialmente ligado à construção das Linhas de Torres Vedras. Em maio de 1811 é nomeado comandante-general de todos os exércitos aliados na Península Ibérica e, após o sucesso alcançado com a Batalha de Vitória (21 de junho de 1813), em Espanha, é promovido a marechal-de-campo. Com o regresso de Napoleão de exílio, em 1815, volta a comandar as forças britânicas e os seus aliados, tendo colocado um fim ao imperialismo napoleónico na Batalha de Waterloo (18 de junho de 1815). Dedicou-se ainda à atividade política, tendo sido primeiro-ministro do seu país por duas vezes. (ARQNET [em linha]. Disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/wellington.html>. Consultado em 13.05.2019).

a existência de condições para que o final da Primeira Invasão Francesa, sustentado numa concertação intermunicipal estratégica, possa assumir uma posição de destaque na oferta turística destes territórios.

O objeto de estudo é assim muito concreto. Concreto no tempo: vestígios culturais associados às batalhas da Roliça e do Vimeiro e concreto no espaço, com a investigação a ser desenvolvida num território muito bem definido. Este território encontra-se sujeito a uma gestão repartida pelas diferentes competências e atribuições de entidades públicas e, apesar da delimitação administrativa ter um significado reduzido quando se trata de turismo na perspetiva do viajante ou dos operadores turísticos, esta repartição origina alguma indefinição de responsabilidades quando se trata de gestão de projetos.

O património histórico-militar que resulta das batalhas da Roliça e do Vimeiro estende-se numa “linha” imaginária entre estes dois locais, numa distância que varia entre os 20 e os 25 km. No sentido este-sudoeste, esta “linha” integra-se administrativamente nos concelhos de Bombarral e de Lourinhã.

Concelho desde 29 de junho de 1914, o Bombarral é composto por quatro freguesias (União de Freguesias de Bombarral e Vale Covo, Freguesias de Carvalhal, Pó e Roliça), tem cerca de 91,7 km<sup>2</sup> e aproximadamente 13.000 habitantes. Encontra-se no extremo sul do Distrito de Leiria, no centro da Região Oeste, a 75 km de Lisboa e a 20 km do Oceano Atlântico<sup>8</sup>. Está ladeado a norte pelos concelhos de Óbidos e Caldas da Rainha, a oeste pelos concelhos da Lourinhã e Peniche, a sul por Torres Vedras e a este pelo Cadaval. A autoestrada A8 providencia acesso direto à vila do Bombarral, que assim se encontra a 47 minutos (68 km) do Aeroporto de Lisboa. Encontra-se ainda disponível a ligação ferroviária no centro do Bombarral, através da Linha do Oeste.

O concelho da Lourinhã foi fundado em 1160 e também integra a Região do Oeste, sendo limitado a norte pelos concelhos de Peniche e Óbidos, a sul pelo concelho de Torres Vedras, a este pelos concelhos de Bombarral e Cadaval e a oeste pelo Oceano Atlântico. Pertence ao Distrito de Lisboa, a 63 km a norte da capital, integrando também a Região de Lisboa e Vale do Tejo. Agrega oito freguesias (União de Freguesias de Lourinhã e Atalaia, União de Freguesias de São Bartolomeu dos Galegos e Moledo, União de Freguesias de Miragaia e Marteleira, Freguesia da Moita dos Ferreiros, Freguesia do Reguengo Grande,

---

<sup>8</sup> “Bombarral – A nossa identidade” [em linha]. Disponível em: <http://www.cm-bombarral.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=e79d4100-8b9b-4adb-8d2f-8cb8afa088a5>. Consultado em 18.02.2019.

Freguesia de Ribamar, Freguesia de Santa Bárbara e Freguesia do Vimeiro), numa área de 146 km<sup>2</sup> onde reside uma população de aproximadamente 25.000 habitantes<sup>9</sup>.

Em termos de acessibilidades, a Lourinhã é servida pelas Estradas Nacionais n.ºs 8/2, 247 e 361, que estabelecem a ligação a Torres Vedras, Lisboa, Caldas da Rainha, Óbidos e Bombarral. A autoestrada A8, cujos acessos se situam nas imediações do concelho, coloca o Aeroporto de Lisboa a 50 minutos (64,4 km). A nível ferroviário, a Lourinhã encontra-se próxima das linhas de Torres Vedras e do Bombarral, a 22 e 18 km respetivamente.

Estamos perante uma área total de aproximadamente 237,7 km<sup>2</sup>, com uma população de residente de cerca de 38.000 habitantes, onde o clima, segundo os dados termopluiométricos das estações meteorológicas do Cabo Carvoeiro, Pragança e Torres Vedras, evidencia um contraste entre o verão seco e o inverno chuvoso, caracterizado por fracas amplitudes térmicas anuais, com verão fresco a moderado e inverno ténido a moderado, precipitação moderada, humidade relativa elevada, com nevoeiros frequentes durante as manhãs de verão. As vagas de calor continental são raras na região e a temperatura média anual é de aproximadamente 15°C. O mês de janeiro é o que apresenta as mais baixas temperaturas, com uma média de 10°C, sendo os meses de julho e agosto os mais quentes, com temperaturas médias de 20°C. Os valores médios de precipitação anual são próximos dos 750 mm, com um a dois meses secos.

No âmbito do trabalho realizado no seio da Comunidade Intermunicipal do Oeste, existe um vasto historial de projetos desenvolvidos em cooperação, quer pela totalidade dos doze municípios, quer em cooperação de apenas alguns deles em áreas de interesse comum. Os municípios do Bombarral e da Lourinhã participaram e participam em ambos os modelos de cooperação, antevendo-se por isso com alguma facilidade a possibilidade de um projeto a dois no seguimento das conclusões do presente estudo.

---

<sup>9</sup> “Lourinhã” [em linha]. Disponível em: <http://www.cm-lourinha.pt/localizacao-e-caracterizacao>- Consultado em 18.02.2019.

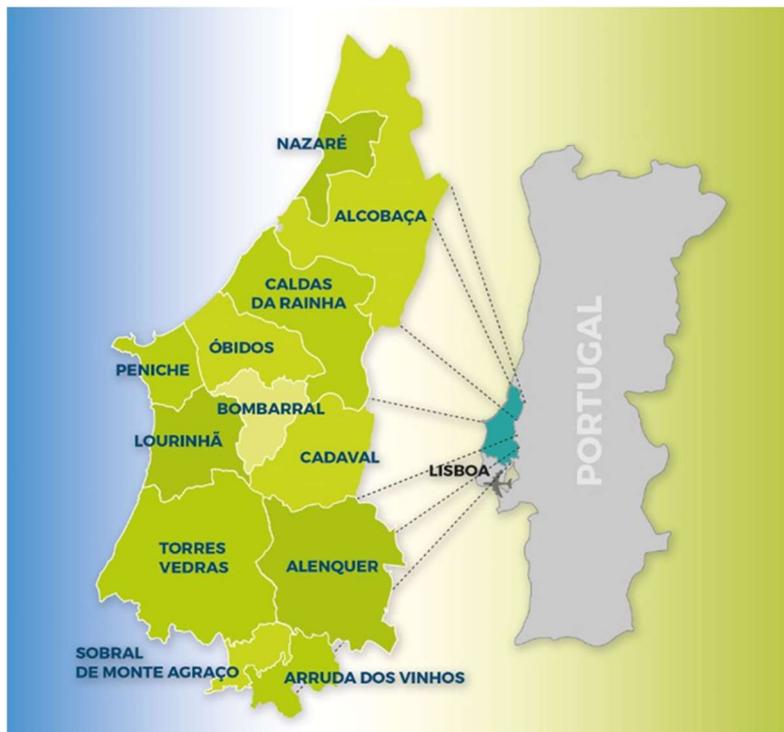


Figura 1.1. Mapa da Região Oeste. Fonte: Comunidade Intermunicipal do Oeste

### 1.3. Problemática e objetivos

Considerando que bens culturais dispersos e sem condições adequadas para a sua visita não possuem os necessários requisitos para suportarem de forma sustentada a atividade turística, a necessidade de identificar o património ligado às batalhas de Roliça e do Vimeiro e de estudar o seu potencial para a integração na construção de produtos turísticos temáticos, reveste-se de primordial importância tendo em conta a existência de uma conjuntura favorável ao desenvolvimento da oferta de Turismo Militar enquanto segmento do Turismo Cultural (Coelho, 2011: 91).

Quer pelo já mencionado itinerário cultural do Conselho da Europa, em parceria com a Federação Europeia de Cidades Napoleónicas<sup>10</sup>, quer pelo surgimento da Associação de Turismo Militar Português, quer, ainda, pelo envolvimento do Ministério da Defesa Nacional tendo em vista a criação de uma Rede Nacional do Turismo Militar<sup>11</sup>, o Turismo Militar é hoje

<sup>10</sup> “Fédération Européenne des Cités Napoléoniennes” [em linha]. Disponível em <https://www.destination-napoleon.eu/>. Consultado em 19.02.2019.

<sup>11</sup> Promovida pelo Ministério da Defesa Nacional e pelo Turismo de Portugal, visa a estruturação de uma rede temática ancorada na Invasões Francesas que desenvolverá uma plataforma agregadora à escala nacional, estimando-se os seguintes custos no âmbito desta candidatura. Fonte: Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra.

uma realidade incontornável da oferta nacional. O próprio Turismo de Portugal, I.P. assumiu, na elaboração da Estratégia Turismo 2027<sup>12</sup>, o Turismo Militar como um dos produtos em torno do qual pretende estruturar e promover ofertas que respondam à procura turística, nomeadamente através da estruturação da oferta em torno de roteiros e itinerários.

É, pois, nesta conjuntura, que se julga que o Turismo Militar poderá dar um significativo contributo para o desenvolvimento dos territórios dos concelhos da Lourinhã e do Bombarral, unidos pela partilha de um património histórico militar comum ligado aos acontecimentos de agosto de 1808 e que foram alvo de aprofundamento na presente investigação.

O processo de formulação da pergunta de partida foi iniciado com a elaboração do inventário de recursos dos territórios, enquadrados na investigação, assim como com uma pesquisa de projetos nacionais e internacionais que pudessem contribuir para a identificação das melhores práticas e resultados alcançados, no âmbito da área temática em análise

Do conjunto de recursos identificados, das suas características, localização, estado de conservação, acessibilidades e outros requisitos necessários à sua integração em produtos turísticos, resulta a seguinte questão de partida: poderá o património cultural associado às batalhas da Roliça e do Vimeiro constituir-se como um produto turístico, no segmento do Turismo Militar, na temática das Invasões Francesas, nos concelhos de Bombarral e Lourinhã?

Face aos bens patrimoniais existentes, tudo indica que estaremos perante uma resposta positiva. No plano nacional, a Rede Nacional do Turismo Militar, no eixo temático das Invasões Francesas ou, numa perspetiva internacional, o “Destino Napoleão” e a Federação Europeia de Cidades Napoleónicas, serão apenas alguns exemplos de possibilidades de trabalho em rede e acesso a importantes canais de comunicação de produtos turísticos temáticos a criar nestes territórios<sup>13</sup>.

Há que ter em conta que o processo de desenvolvimento da atividade turística é complexo, pois a criação de produtos turísticos e, simultaneamente, a necessidade e obrigação de proteger, conservar e valorizar os recursos sobre os quais estes se alicerçam origina dificuldades em diversas áreas de atuação das entidades empreendedoras desses projetos, sejam elas públicas ou privadas.

---

<sup>12</sup> “Estratégia Turismo 2027” [em linha]. Disponível em [https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia\\_Turismo\\_Portugal\\_ET27.pdf](https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia_Turismo_Portugal_ET27.pdf), p. 55. Consultado em 21.02.2019.

<sup>13</sup> “European Federation of Napoleonic Cities”[em linha]. Disponível em [https://www.napoleonicities.eu/index.php?article\\_id=163&clang=1](https://www.napoleonicities.eu/index.php?article_id=163&clang=1). Consultado em 19.02.2019.

Daqui resulta que a presente dissertação terá como objetivo principal a realização de um estudo que identifique, defina e permita o lançamento das bases para o desenvolvimento de um processo de roteirização do património resultante da Primeira Invasão Francesa nos concelhos do Bombarral e da Lourinhã

A existência de uma ferramenta de trabalho que venha combater os efeitos da escassez e dispersão da informação que atualmente se verifica poderá contribuir para uma maior facilidade de acesso a essa informação por parte dos interessados, públicos ou privados, para a construção dos seus produtos e serviços ou para o surgimento de projetos de investigação que venham complementar e melhorar o conhecimento sobre estes recursos poderá favorecer o surgimento de novos produtos e serviços.

## 2. TURISMO, PATRIMÓNIO MILITAR E PRODUTOS CULTURAIS

Será já um lugar-comum a referência à importância económica do Turismo, mas não se poderá presumir que os seus resultados serão equivalentes em todas as localidades ou distribuídos de forma simétrica por todos os indivíduos das comunidades envolvidas.

O forte crescimento do Turismo a nível mundial tem também originado a necessidade de construção de novas ofertas para complementar as tipologias tradicionais disponibilizadas. No caso de Portugal, o turismo de Sol e Mar continua a ser uma aposta estratégica, mas importa cada vez mais miscigenar este segmento com outros, como o “turismo náutico”, o “turismo de natureza” e mesmo o “turismo cultural”, procurando complementaridades e aprofundando sinergias (Simões e Ferreira, 2017: 227). É através de um sistema de complementaridades, que os produtos turísticos podem assegurar a captação e retenção de nichos do mercado turístico, recorrendo à diversificação da oferta dos vários destinos.

Esta dissertação centrou a sua investigação numa dessas tipologias, o Turismo Militar, cuja importância se encontra plasmada nas propostas de valorização do território e das comunidades através da Estratégia Turismo 2027, apresentada pelo Turismo de Portugal, I.P., no ano de 2017. Neste documento de referência nacional, que aponta a visão e a estratégia do Turismo de Portugal I.P para o país, a 10 anos, o património militar é reconhecido como um ativo diferenciador.

### 2.1. Turismo Cultural

O enquadramento legislativo nacional é claro na abrangência do património cultural ao estipular, através da Lei nº 107/2001, de 8 de setembro que “(...) integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização (...)”, acolhendo ainda na sua redação sobre o património cultural “(...) não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa (...)”<sup>14</sup>.

Os bens culturais têm vindo a ser apropriados pela indústria do turismo há já vários anos, tal como é referido, um processo que se intensificou a partir dos anos 1970: “(...) from the 1970’s onwards there was a significant increase in popular interest in the past, and heritage

---

<sup>14</sup> Lei 107/2001, estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, DR, I série-A, n. °209, 8 de Setembro de 2001.

tourism expanded dramatically – although to varying degrees - in almost all Western societies” (Light, 2015: 146). No último quartel do século XX a indústria do turismo conheceu mudanças significativas que a afastaram do turismo massificado para formas de consumo turístico mais diferenciadas e flexíveis, tendo como consequência um desenvolvimento exponencial de novas formas de turismo. O património cultural veio consubstanciar umas das primeiras manifestações neste âmbito e evoluiu de tal forma que, segundo Carvalho, suscitou a exploração de “(...) novos patrimónios antes pouco conhecidos, ou mesmo desvalorizados começaram, a pouco e pouco, a ser apreciados pelos públicos turísticos, e a descoberta da sua potencial rendibilidade orientou o seu desenvolvimento e a criação de infraestruturas, organizando-as em novos produtos” (Carvalho, 2017: 357).

O acolhimento destes fluxos turísticos gera competição entre as regiões, que utilizam os recursos culturais, com grande ênfase nos bens patrimoniais, para afirmar a singularidade da sua oferta, entre tantas outras. Para Rodrigues, o turismo cultural e o património são duas faces de uma mesma moeda e são frequentemente invocados como estratégia de regeneração de urbes e territórios rurais de uma forma sustentável (Rodrigues, 2018: 80).

Este reconhecimento do valor do património cultural é promovido em outros âmbitos, como por exemplo na criação de emprego e desenvolvimento económico. No seu estudo de 2015, a Europa Nostra conclui que:

“Cultural heritage sector is estimated to produce up to 26.7 indirect jobs for each direct job, much more than, for example, the car industry with a quotient of only 6.3. The number of persons directly employed within Europe in the cultural heritage sector is estimated at over 300,000 but the potential of cultural heritage lies also in inducing job creation in other sectors - indirectly created jobs amount to 7.8 million person-years (...)”<sup>15</sup>

E ainda que o Património Cultural:

“(...) has a track record on providing a good return on investment and is a significant generator of tax revenue for public authorities both from the economic activities of heritage-related sectors and indirectly through spillover from heritage-oriented projects leading to further investment”<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Europa Nostra (2005), *Cultural Heritage Counts for Europe*, p. 24. Disponível em <https://www.europanostra.org/our-work/policy/cultural-heritage-counts-europe/>

<sup>16</sup> Europa Nostra (2005), *Cultural Heritage Counts for Europe*, p. 24. Disponível em <https://www.europanostra.org/our-work/policy/cultural-heritage-counts-europe>

Por seu lado, o Turismo é atualmente parte essencial de muitas economias nacionais e regionais, e pode ser um importante fator de desenvolvimento, quando gerido com sucesso (ICOMOS, 1999: 2), o que nem sempre é uma tarefa fácil atendendo à sua crescente complexidade, com dimensões políticas, económicas, sociais, culturais, educacionais, estéticas, ecológicas ou ambientais, entre outras.

O conceito de Turismo tem sofrido várias evoluções e subsiste ainda alguma dificuldade em encontrar uma proposta que seja aceite de forma generalizada, mas a definição difundida pela Organização Mundial do Turismo (OMT), agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do Turismo é uma das principais referências: “a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either tourists or excursionists, residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which imply tourism expenditure” (OMT, 2008: 1)<sup>17</sup>.

Este conceito, em conjugação com as definições propostas pela OMT para “visitantes” e “turistas” acrescenta a necessidade de estas pessoas (os turistas) pernoitarem no local de visita e não terem como objetivo o exercício de uma atividade remunerada no local visitado. Nesta definição nada existe que limite o fenómeno a determinado tipo de motivações de viagens, do mesmo modo que não se estabelecem restrições, por exemplo, no que respeita a modalidade de alojamento o âmbito internacional. Apenas é exigida uma deslocação para além da residência habitual, um tempo de viagem que não ultrapasse um ano (para não se confundir com os fenómenos migratórios de natureza diversa) e uma motivação de viagem que não envolva o exercício de uma atividade remunerada no local visitado.

Ao dirigir o foco da análise conceptual para o Turismo Cultural, em 1976 já a relação entre património e turismo era abordada pelo ICOMOS, que introduzia nas preocupações com o património o elemento do turismo “Cultural tourism is that form of tourism whose object is, among other aims, the discovery of monuments and sites. It exerts on these last a very positive effect insofar as it contributes - to satisfy its own ends - to their maintenance and protection. This form of tourism justifies in fact the efforts which said maintenance and protection demand of the human community because of the sociocultural and economic benefits which they bestow on all the populations concerned” (ICOMOS, 1976).

---

<sup>17</sup> A Organização Mundial do Turismo (2008), *Understanding Tourism: basic glossary*, disponível em <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryenrev.pdf>. Consultado em 5.06.2019.

Na subdivisão e identificação dos tipos de Turismo, Licínio Cunha inclui no Turismo Cultural as viagens das pessoas “(...) provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, de conhecer as particularidades e os hábitos de outras populações, de conhecer civilizações e culturas diferentes, de participar e manifestações artísticas ou, ainda, por motivos religiosos (...)” (Cunha, 1997: 23).

A OMT, na sua definição de 2004, propõe que são “movimentos das pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações” (Richards, 2009: 1). Numa atual revisão, a OMT define Turismo Cultural como “a type of tourism activity in which the visitor’s essential motivation is to learn, discover, experience and consume the tangible and intangible cultural attractions/products in a tourism destination. These attractions/products relate to a set of distinctive material, intellectual, spiritual and emotional features of a society that encompasses arts and architecture, historical and cultural heritage, culinary heritage, literature, music, creative industries and the living cultures with their lifestyles, value systems, beliefs and traditions” (UNTWO, 2019).

Carvalho refere-se ao Turismo Cultural como a “(...) afluência de turistas a núcleos recetores que oferecem como produto essencial o legado histórico do Homem em épocas distintas, representando a partir do património e do acervo cultural manifesto nas ruínas, monumentos, museus e obras de arte, na gastronomia, no trabalho, na língua, no saber fazer(...)” (Carvalho, 2017: 350). Por seu lado, Richards apresenta uma abordagem mais simplificada: “(...) Cultural tourism is essentially about journeys. Not just because the tourists by definition travel to experience culture, but also because culture itself is a journey – a voyage of discovery and self-realisation” (Richards, 2011: 33).

Uma visão historicista do turismo cultural, centrada na procura, foi também proposta pela *National Trust for Historic Preservation*: “(...) a prática de viajar para experimentar atrações históricas e culturais com o fim de aprender sobre o passado de uma região ou de um país, de uma maneira divertida e informativa” (National Trust for Historic Preservation, 1993 *apud* Pérez, 2009).

A procura pelo turismo cultural continua a crescer. Como afirma Light: “(...) On a global scale, heritage tourism continues to expand. The ‘demand’ for this form of tourism is increasing (and is likely to increase further) as new, affluent consumers – particularly those from the ‘BRIC’ countries (Brazil, Russia, India and China) – seek out established heritage places beyond their borders (...)” (Light, 2015: 148).

Em Portugal, a indústria do Turismo continua a crescer de forma assimétrica, com destinos consolidados no panorama internacional, com as cidades de Lisboa e do Porto a liderar uma oferta, à qual corresponde uma procura que ainda mantém níveis de intensidade muito inferiores para outros territórios nacionais<sup>18</sup>. Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística - INE referentes ao ano de 2017 revelam que o mercado interno gerou 18,8 milhões de dormidas (+7,3%, após +7,8% em 2016)<sup>19</sup>.

Atendendo ao contexto temático em investigação, com uma forte ligação com o Reino Unido, assume relevância a informação sobre o comportamento dos mercados externos. Segundo o INE, apresentaram um crescimento superior (+12,2%, sucedendo a +13,3% no ano precedente) e atingiram 47,1 milhões de dormidas e “como habitualmente, o principal mercado emissor foi o Reino Unido (20,9% do total das dormidas de não residentes), registando um crescimento de 2,8%”. Seguem-se o mercado alemão (13,8% do total) que cresceu 11,3%, enquanto os mercados francês e espanhol (ambos com uma quota de 9,9%) cresceram 5,2% e 7,0%, respetivamente<sup>20</sup>.

Se por um lado estes resultados ao nível do número de hóspedes em estabelecimentos hoteleiros, número de dormidas, receita por quarto disponível ou taxa de ocupação dos hotéis (entre numerosos indicadores possíveis), apresentam significativos crescimentos na última década, por outro, diversos territórios, mesmo estando próximos dos principais destinos nacionais, continuam a não sentir os benefícios expectáveis deste momento positivo da atividade turística (INE, 2017).

Importa, pois, no contexto desta investigação, uma atenção especial ao que leva as pessoas a viajar e qual a importância fator cultural nessa procura. Para Jewell e Crofts, os turistas que viajam para destinos essencialmente ligados aos bens patrimoniais podem apresentar interesses tão diferentes como o prazer, relaxamento, ou mesmo para adquirir conhecimentos sobre o passado (Jewell e Crofts, 2001). Timothy e Boyd sistematizam as motivações do turista cultural em três grupos, os que querem conhecer o património, os que

---

<sup>18</sup> De acordo com o Instituto do Planeamento e Desenvolvimento do Turismo (IPDT), em Lisboa, cidade que recebe 4,5 milhões de turistas por ano, existem nove turistas por cada residente e ao Porto chegam 1,6 milhões de turistas por ano, o que representa oito turistas para cada residente. Informação disponível em <https://www.publico.pt/2018/04/04/sociedade/noticia/lisboa-e-porto-tem-mais-turistas-por-residente-que-londres-e-barcelona-1809036>.

<sup>19</sup> Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2018), *Estatísticas do Turismo 2017*, p. 6.

<sup>20</sup> Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2018), *Estatísticas do Turismo 2017*, p. 6.

querem aprender história e os que querem ter uma experiência recreativa (Timothy e Boyd, 2003).

Em 1992, Bonink, M. e G. Richards numa investigação sobre o turismo cultural promovida pela Association for Tourism and Leisure Education - ATLAS<sup>21</sup>, aplicando a metodologia do inquérito por questionário a 6500 turistas em 26 locais de interesse cultural pertencentes a 9 países, identificou as seguintes motivações dos turistas para visitar lugares de interesse cultural:

- A “fuga da cidade” (22%);
- “Viajam para fazer turismo” (27%);
- Motivações estritamente culturais (51%): férias especificamente “culturais”, para “aprender coisas novas” e procurar “descansar”;
- Nem todos os turistas que se veem atraídos pelos lugares de interesse cultural estão motivados por eles para passar férias. Podem existir outras motivações primárias;
- Os turistas culturais procuram experiências novas;
- Um paradigma de “economia da experiência”, o que significa que o desenvolvimento de vivências é mais importante que a simples provisão de bens e serviços;
- Os produtos do turismo cultural incorporam importantes valores educativos e estéticos, mas também deveriam integrar a experiência, o entretenimento e a diversão (Bonink, M. e G. Richards, 1992).

Cinco anos mais tarde, a ATLAS repetiu o estudo, desta vez com uma amostra superior a 8000 visitantes em 10 países europeus e 70 lugares de interesse cultural, tendo os resultados confirmado o perfil anteriormente identificado. Richards coordenador deste projeto de investigação da ATLAS, sugere que o perfil do turista cultural:

“pouco tem variado, e embora inclua cada vez mais o segmento dos indivíduos entre 20 e 29 anos, continuam a ser mais as mulheres do que os homens. O nível educativo alto dos turistas continua a ser importante, até porque é este último tende a consumir mais cultura. Entre as principais motivações de viagem destacam-se a atmosfera e o ambiente do destino, o ver coisas interessantes e o desejo de aprender mais sobre a cultura local. Das fontes de informação, os amigos e familiares são as mais importantes, embora o uso de Internet tenha vindo a aumentar. Entre as práticas dos turistas, há que sublinhar o aumento do interesse no património cultural imaterial e no turismo criativo, isto é, num turismo que possibilite mais participação e envolvimento do turista no próprio turismo.” (Richards, 2009 *apud* Pérez, 2009: 126)).

---

<sup>21</sup> A ATLAS foi criada em 1991 para o desenvolvimento de iniciativas de educação e investigação internacionais em turismo e lazer.

Ao traçar o perfil do turista cultural, Bonifácio Rodrigues recorre à proposta de G. Richards, referindo que este poderá ser caracterizado da seguinte forma (Rodrigues, 2018: 72):

- Idade compreendida entre os 20 e os 40 anos;
- Predominância de mulheres;
- Formação académica média ou elevada, bons rendimentos (com salários 1/3 acima da média da União Europeia) e bons cargos profissionais, normalmente de alguma responsabilidade;
- Profissões liberais ou com profissões relacionadas com a cultura (por exemplo, trabalham, mas também visitam museus);
- Motivações centradas na procura de conhecimento e na experiência do local;
- Seleção prévia e informada do destino;
- Os jovens serem um importante público, admitindo as camadas mais jovens a hipótese de escolher os pontos a visitar após chegar ao destino.

No âmbito de um estudo do qual resultaram duas propostas de rotas culturais no centro de Portugal, a Rota da EN 2 e a Rota das Invasões Francesas<sup>22</sup>, Paiva, Seabra, Abrantes, Reis e Pereira (2018) inquiriram 626 indivíduos em treze distritos. Confirmaram, para o caso português, o perfil traçado pela equipa do ATLAS: predominância etária, para este tipo de proposta, de indivíduos com idades até aos 45 anos (68,8%); formação académica superior (45,3% dos inquiridos); quadros médios e superiores (14%), com uma grande prevalência de estudantes (36,5%). O desvio mais significativo, relativamente ao perfil ATLAS, verificou-se ao nível dos rendimentos dos inquiridos em que 72% do universo apresentava rendimentos até aos 1000 euros, 22.6% entre 1001 e 2000 euros, entre 2001 e 3000 euros 4% e apenas 1.5% da amostra tem rendimentos superiores a 3001 euros (Paiva et.al, 2018).

No caso da Rota das Invasões Francesas, os resultados obtidos por estes investigadores indicaram níveis altos e muito altos de interesse na temática “cerca de 80% da amostra manifesta elevado interesse na realização da Rota das Invasões Francesas”, bem como aferiram que a disponibilidade da realização desta Rota era elevada. As atividades identificadas como preferenciais (com mais de 60% de respondentes), a desenvolver no âmbito da Rota, foram:

- “(…) i) Visitar museus e centros de interpretação militares; ii) Assistir a recreações históricas relacionadas com batalhas e outros eventos; iii) Visitar monumentos militares; iv) Experimentar gastronomia relacionada com acontecimentos históricos; v) Fazer percursos entre monumentos;

---

<sup>22</sup> Rota sustentada na 3.<sup>a</sup> invasão francesa a Portugal envolvendo Almeida, Bussaco e as Linhas de Torres Vedras.

e vi) Participar em atividades de *storytelling* para conhecer lendas e histórias locais.” (Paiva *et al.*, 2018: 392).

Desta investigação, um dos resultados mais significativos foi a identificação de “*clusters*” (nichos) de visitantes, que facilmente podem ser extrapolados para produtos turísticos da mesma natureza, sendo especialmente relevante o que foi definido pelos autores como Cluster 2 que “engloba os turistas que têm maior interesse em praticar as atividades turísticas, num total de 23.1% dos respondentes”<sup>23</sup>. As características sociodemográficas do Cluster 2 apuradas foram as seguintes:

- Prevalência de mulheres;
- Indivíduos de maior idade;
- Casais com filhos;
- Indivíduos de quadros médios/superiores;
- Indivíduos com rendimentos elevados (Paiva, *et al.*, 2018: 393).

As motivações deste nicho foram sintetizadas no Quadro 1.1.

Atividades	Cluster 2
Visitar monumentos relacionados com a História portuguesa	99.3%
Fazer percursos entre monumentos	97.2%
Visitar paisagens culturais e históricas	97.2%
Experimentar gastronomia típica regional	96.5%
Experimentar gastronomia relacionada com acontecimentos históricos	95.8%
Visitar e conhecer património classificado pela UNESCO	95.8%
Participar e experimentar costumes locais	93.1%
Conhecer o artesanato local e modos de produção artesanal	92.3%
Participar em atividades de <i>storytelling</i> para conhecer lendas e histórias locais	91.6%
Fazer rotas de água (rios, praias fluviais, barragens, quedas de água...)	90.9%
Experimentar atividades de saúde e bem-estar (termas, spas, tratamentos...)	90.2%
Participar em eventos festivos culturais (festas, folclore, música popular...)	89.5%
Fazer rotas de aromas e paladares	89.5%
Assistir a recreações históricas relacionadas com batalhas e outros eventos	88.1%
Visitar monumentos militares (fortalezas, fortes...)	87.5%
Participar em provas de vinhos	80.5%
Visitar museus e centros de interpretação militares	78.4%
Fazer rotas de vinhos	78.4%

<sup>23</sup> Para além do Cluster 2, foram ainda caracterizados o Cluster 1 com “49.5% dos respondentes, revelaram um interesse mediano pelas atividades propostas” e o Cluster 3 “os indivíduos que têm um menor interesse na prática das atividades a integrar nas rotas” (Paiva *et al.*, 2018: 394).

Participar em atividades agrícolas	74.9%
Praticar desportos náuticos	72.8%
Participar em celebrações religiosas (romarias, peregrinações...)	68.6%
Visitar infraestruturas militares em funcionamento (quartéis, casernas...)	63%

Quadro 1.1. Motivações em percentagem dos indivíduos com interesse elevado em realizar as atividades das rotas (Cluster 2). Elaboração própria. Adaptado de Paiva, Seabra, Abrantes, Reis e Pereira (2018).

Conclui-se então que o Turismo Cultural é um segmento da atividade turística de forte interesse: “(...) In recent years, however, attention has shifted from the purely quantitative growth of cultural tourism demand, towards qualitative changes in the nature of that demand. For example, research has highlighted the development of different segments of cultural tourism demand” (McKercher e du Cros, 2002 apud Richards, 2014:1) e verifica-se uma predisposição de países e regiões para o seu acolhimento e desenvolvimento,: “(...) cultural tourism is also seen as a desirable market by many countries and regions because it is seen as a high volume market comprising generally high spending, highly educated individuals who stimulate cultural activity in the destination (...)” (Richards, 2014: 2).

Segundo este investigador, esta avaliação favorável é também estendida à população local, pois “Local residents also seem to appreciate the potential benefits of cultural tourism. When asked what forms of tourism they would like to see developed in future, over 90% of Barcelona residents indicated that they would prefer to develop cultural tourism. They also saw benefits from cultural tourism, such as increased local incomes and support for local cultural institutions” (Richards, 2011:33).

Na mesma linha de pensamento, Foulk, aborda a importância e diversidade dos intervenientes nos destinos turísticos ao afirmar que os:

“(...) stakeholders should not be limited to those who solely make their living directly from the receipts of tourist revenues. The term “stakeholder” must also include those members of the community who are involved in the secondary services to which tourists are attracted, for example, the local supermarkets.” (Foulk, 2016: 12)

Desta forma, os “novos” patrimónios serão sem dúvida aproveitados pela indústria do turismo: “What societies choose to value and define as heritage is always fluid, so that new heritages are being constructed and embraced by the tourist industry” (Light, 2015: 148). Mantendo, reforçando, ou mesmo criando, uma relação entre turismo e património que vai dar origem a “(...) práticas turísticas que implicam múltiplos e diferentes ‘olhares’ sobre os territórios e os patrimónios(s) que o compõem. Estes ‘olhares’, quando profundamente

(in)formados, vão otimizar um planeamento turístico sustentável, criador de valor e de significado económico, ambiental, social e cultural” (Almeida, 2018).

## 2.2. Turismo Militar

Dentro da tipologia do Turismo Cultural surge o Turismo Militar, área temática no âmbito desta dissertação.

A procura pelo turismo em lugares militares, independentemente do período histórico a que estes se reportam, tem vindo a crescer em diversos países. Considerando o Turismo Militar como um segmento do Turismo Cultural, a aceitação do valor do património militar e a sua apropriação turística surge como uma compreensível consequência, dando origem ao surgimento de novos e diferenciadores produtos turísticos.

Como e porquê um lugar militar se torna um destino turístico? Em que medida é que se pode falar em Turismo Militar e não apenas Turismo Cultural? É uma questão de segmentação de mercado, ou seja, uma lógica de mercantilização? A linha que permite separar Turismo Cultural de Turismo Militar é ainda muito ténue e relaciona-se mais com uma perspetiva de quem o experimenta do que uma estruturação da oferta nesse sentido.

A escassa literatura existente sobre a matéria parece relacionar uma apropriação turística de lugares militares com países com um passado histórico mais recentes (Estados Unidos da América ou Austrália), mas sobretudo com acontecimentos militares da história contemporânea: Guerra Civil Americana, as Guerras Mundiais, entre outros.

No caso, por exemplo, dos Estados Unidos da América, o adjetivo “militar” para um produto turístico reside na ótica de que o frui: para os habitantes não militares, os lugares militares, sobretudo as bases militares, são excelentes locais de turismo onde se podem apropriar do espírito das Forças Armadas, da sua tradição e história. Centenas de milhares de civis visitam anualmente as bases militares dos Estados Unidos da América, em visitas guiadas organizadas ou eventos esporádicos. Neste caso, o lugar militar, ainda não é um bem patrimonial, é ainda uma entidade viva, mas que serve um propósito turístico.

Neste país, a Guerra Civil Americana originou aproximadamente 10.000 campos de batalha. A título de exemplo, o campo da batalha de Gettysburg recebe cerca de 2 milhões de visitantes por ano (Goodheart, 2005 *apud* Prideaux, 2007)<sup>24</sup>, pelo que a afirmação de Ryan:

---

<sup>24</sup> De acordo com este autor, dos 400 campos de batalha considerados dignos de proteção pela Comissão do Governo do Estados Unidos da América em 1993, apenas 50 foram preservadas.

“(...) battlefield sites attract several hundreds of thousands of visitors each year (...)” deverá ser considerada como motivadora (Ryan, 2007: 13). Em Pearl Harbour (Hawaii), o local que marca o antigo ancoradouro do USS Arizona, navio afundado pelas forças japonesas a 7 de dezembro de 1941, tem um memorial que recebe anualmente (desde 2011) entre 1,5 e 2 milhões de visitantes<sup>25</sup>.



Figura 1.2. USS Arizona Memorial<sup>26</sup>.

Ano	Visitantes
1994	1,453,948
1995	1,373,331
1996	1,415,855
1997	1,404,684
1998	1,358,699
1999	1,402,418
2000	1,444,904
2001	1,436,006
2002	1,499,760

<sup>25</sup> Disponível em

[https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/Park%20Specific%20Reports/Annual%20Park%20Recreation%20Visitation%20\(1904%20-%20Last%20Calendar%20Year\)?Park=VALR](https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/Park%20Specific%20Reports/Annual%20Park%20Recreation%20Visitation%20(1904%20-%20Last%20Calendar%20Year)?Park=VALR). Consultado em 09.08.2019.

<sup>26</sup> Fonte: <https://www.nps.gov/valr/index.htm>. Consultado em 09.08.2019.

2003	1,476,396
2004	1,566,633
2005	1,556,808
2006	1,542,757
2007	1,557,336
2008	1,407,879
2009	1,276,868
2010	1,372,724
2011	1,694,896
2012	1,751,224
2013	1,786,024
2014	1,620,814
2015	1,574,156
2016	1,819,020
2017	1,947,495
2018	1,779,143
<b>Total</b>	<b>38,519,778</b>

Quadro 2.2. Número de visitantes do USS Arizona Memorial. Fonte: Pearl Harbour - National Park Service, U.S. Department of the Interior

Na Austrália, o maior repositório da história militar da nação, o *National War Memorial* atrai cerca de 900.000 visitantes por ano<sup>27</sup>. Em Inglaterra, com origem no Império Romano, a Muralha de Adriano<sup>28</sup>, composta por diversos locais e museus acolhe anualmente cerca de 100.000 visitantes<sup>29</sup>. Neste caso, aplica-se a ténue linha entre o Turismo Cultural e o Turismo Militar, ou ainda, por exemplo, os *tattoos* militares do festival de Edimburgo que albergam

<sup>27</sup> *Australian War Memorial*, citado por Prideaux, Bruce (2007), “Echoes of War: Battlefield Tourism”, in Chris Ryan (ed.), *Battelfield Tourism: History, Place and Interpretation*, Oxford, Elsevier, p. 17

<sup>28</sup> Muralha fronteiriça romana, edificada entre os anos 122 e 128 por iniciativa do Imperador Adriano, composta por 80 fortes de pequena dimensão, situados aproximadamente a uma milha romana de distância entre si, existindo entre eles pequenas torres de vigilância.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://perlineamvalli.wordpress.com/2015/06/26/88-how-many-tourists-visit-hadrians-wall-every-year/>. Consultado em 18.08.2019.

quase 9.000 espetadores por cada evento, num total de 217.000 espetadores em média, no total das apresentações<sup>30</sup>.

Newark, em 2001, argumenta que “More recent battlefields, particularly where the original combatants or their relatives are able to revisit in the quiet of peace, have also become popular tourism attractions” (Newark, *apud* Prideaux, 2007: 19). Esta perspetiva poderá ser confirmada na Europa, onde a I e a II Guerras Mundiais deram origem a um incalculável património militar do qual fazem parte produtos como a Linha Maginot, visitável desde 1978, compreendendo cerca de 2.000 fortificações, ao longo de 200 km que atraem mais de 40.000 visitantes por ano<sup>31</sup>.



Figura 2.2. Linha Maginot, Forte de Schenenbourg. Fonte: <http://www.lignemaginot.com>. Consultado em 09.08.2019

Apesar desta expressividade, a definição em termos internacionais para Turismo Militar ainda não está definida. Autores como Michael Hrusovsky e Konstantin Noeres (2011) definem Turismo Militar como “The term military tourism does not apply to a specific form of holiday. Moreover it is a general definition for a holiday whose competitive-advantage-carrying component has a military background” (Hrusovsky e Noeres, 2011: 87)

---

<sup>30</sup> *The Royal Edimburgh MilitaryTattoo*. Informação disponível em <https://www.edintattoo.co.uk/> acedido em 09.08.2019

<sup>31</sup> Disponível em <http://www.lignemaginot.com/accueil/indexfr.htm>. Consultado em 09.08.2019.

Expressões como *Battlefield Tourism*, cuja investigação tem tido no Reino Unido e nos Estados Unidos da América maior incidência, ou Turismo de Guerra, proposto por Fraga como “(...) novo chamamento de marketing e abriria na possibilidade de perfil do turista, podendo abraçar os mais cultos e interessados pela formação e História nacional, assim como os aventureiros, os exóticos e muitos outros (...)” (Fraga, 2002: 48), são apenas algumas conceptualizações que parcialmente correspondem ou integram a definição de Turismo Militar. Ainda no panorama internacional, o Turismo Militar é também associado ao *Dark Tourism*, no qual se enquadram as visitas a locais, atrações ou eventos relacionados “com morte, sofrimento, violência ou desastre” (Sharpley e Stone, 2009: 4).

No caso português, o Turismo Militar viu surgir uma das primeiras definições com o trabalho de Coelho (2011: 24), que o propôs como um segmento do Turismo Cultural, numa fundamentação enquadrada pela publicação, em 2007, do Plano Estratégico Nacional do Turismo - PENT, onde surgiram as linhas enquadradoras do *Touring Cultural* e Paisagístico, e o Turismo Cultural viu consolidado a sua importância estratégica nacional para a atividade turística.

Este autor afirma que estamos perante “(...) um novo elemento que possui como missão a projeção da imagem de Portugal através da sua vertente histórico-militar, tanto no mercado interno e externo (...)” (Coelho, 2011: 24). No âmbito da conceptualização deste segmento turístico, são apresentados por Coelho vários tipos de atrações e proposto um conjunto de produtos para a concretização do Turismo Militar onde são incluídas as atividades didáticas e pedagógicas, a interpretação, os eventos, a animação, a visitação e a socialização de militares.

Para a presente investigação, aceita-se como válida a proposta de Coelho, sendo os seus pressupostos e delimitações aplicados ao longo do trabalho desenvolvido.

Um simples exercício de pesquisa *on-line* no portal do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), da Direção Geral do Património Cultural, através da palavra *militar*, irá originar um total de 943 resultados<sup>32</sup>, distribuídos por uma diversidade de tipologias onde se encontram acampamentos, fortes, fortalezas, hospitais, quartéis, monumentos comemorativos ou fábricas, entre muitos outros. Este número, que integra registos de grande diversidade quanto ao estado atual dos bens, não significa de forma alguma que estaremos perante mais de nove centenas de produtos militares, mas constitui um dado quantitativo sobre a dimensão destes recursos primários no território nacional.

---

<sup>32</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2), consultado em 07.07.2019.

A apropriação de lugares militares para produtos turísticos é feita essencialmente tendo em conta que estes são bens patrimoniais. Exemplos como a valorização das Linhas de Torres, têm tido reconhecimento através da atribuição de diversos prémios, como o Prémio da União Europeia para o Património Cultural / Prémios Europa Nostra, que distinguiu a Rota Histórica das Linhas de Torres na categoria de Conservação em 2014 ou, em 2012, a atribuição pelo Turismo de Portugal, do Prémio de Melhor Projeto Público de Requalificação. A 17 de outubro de 2014, a Assembleia da República deliberou, por unanimidade, instituir o dia 20 de outubro como o Dia Nacional das Linhas de Torres<sup>33</sup>. Também em Almeida se comemora a III Invasão francesa, com o evento *Cerco de Almeida*

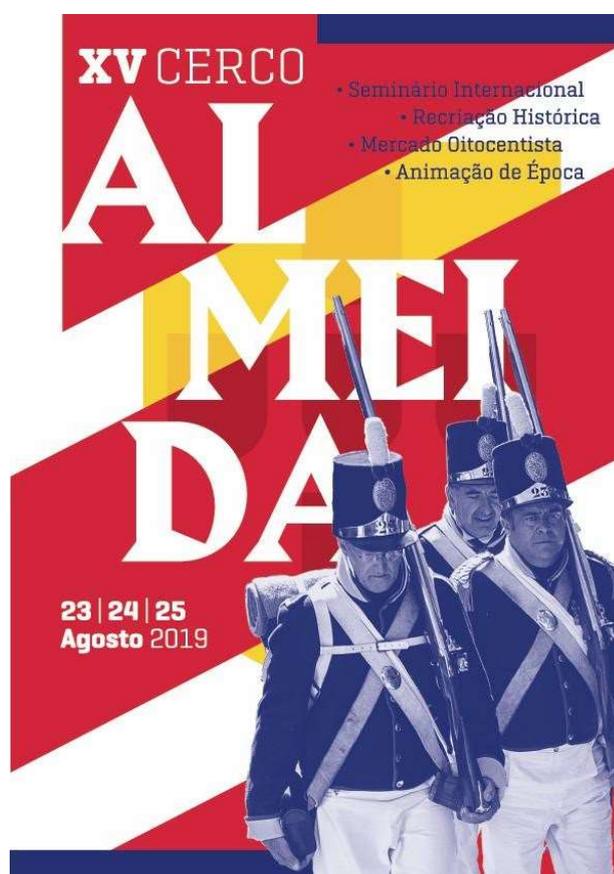


Figura 3.2. Cartaz do XV Cerco de Almeida. Fonte: <https://www.cm-almeida.pt/evento/cerco-de-almeida-2019/>. Consultado em 09.08.2019.

Mais a sul, na Região Oeste, em Aljubarrota e no Vimeiro, devido às batalhas ocorridas em 1385 e 1808 respetivamente, foram construídos centros de interpretação que são hoje locais de visita anual de milhares de visitantes, tendo o Vimeiro também avançado com a organização

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.rhlt.pt/pt/associacao-rhlt/>. Consultado em 09.08.2019.

de um evento anual de recriação histórica. Estes produtos, entre outros a par do crescente número de eventos de natureza histórico-militar, são exemplos de como a inovação na valorização da herança cultural, nas suas diversas formas, pode assumir um papel determinante no desenvolvimento dos territórios.

O surgimento da Associação de Turismo Militar Português (ATMP), em 2015, veio impulsionar o desenvolvimento do Turismo Militar em Portugal, muito em resultado da sua capacidade para promover o estreitamento de relações entre as diferentes entidades e agentes que trabalham ou podem trabalhar o Turismo Militar no território nacional através da criação de momentos de encontro e partilha de experiências ou sendo pioneira na formação em Turismo Militar, com o lançamento, em 2018/2019 do primeiro Curso de Turismo Militar, organizado em parceria com o Instituto Politécnico de Tomar e o apoio da Câmara Municipal de Tomar e da Entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal.

A ATMP tem também tido um papel preponderante na promoção, divulgação e preservação do património histórico e militar português, apoiando os seus parceiros na comunicação das suas atividades e avançando ela própria com a Rede Nacional de Roteiros de História Militar, integrando e estruturando a oferta turística do património militar nacional.

O Turismo Militar tem vindo a utilizar um conjunto diversificado de tipos de bens patrimoniais e culturais que condicionarão a construção do produto turístico associado, e que dão origem a diferentes variantes.

Estas variantes, por vezes de difícil distinção<sup>34</sup>, ou cuja distinção, numa primeira análise poderá não ser tão relevante, acabam por fazer sentido no momento em que são colocadas opções de construção e incorporação na narrativa, pelos investimentos associados, quer de impulso inicial, quer de gestão e manutenção corrente futura.

Entre estes tipos de Turismo Militar mais frequentes encontram-se:

a) **Unidades Militares:** Unidades Militares existentes que despertam diferentes sentimentos no cidadão comum como a “saúde”, a “curiosidade”, o “sonho” ou “tristeza”. Como exemplos sugerem-se os encontros anuais de ex-combatentes ou ex-militares que perfazendo um elevado número de visitantes, prestam homenagem à sua unidade militar, por norma com um almoço na área periférica e, se possível, com uma visita a essa mesma instituição com quem mantêm laços de forte emotividade. Este tipo de atividade pode desenrolar-se em unidades militares físicas (edifícios) ainda em atividade.

---

<sup>34</sup> Hrusovsky e Noeres (2011) admitem apenas duas divisões no Turismo Militar que se centram em produtos que estão orientados para equipamento militar ou para eventos, de preferência históricos.

b) Museus Militares: Para além dos museus militares, importa também referir os centros de interpretação ou centros interpretativos que, fruto de investimentos maioritariamente autárquico, tem vindo a criar novos espaços museológicos referentes a diferentes períodos militares, como é o caso do Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, o Centro de Interpretação da Batalha dos Atoleiros ou o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, entre outros. Dentro das estruturas museológicas, também são objeto de visita, as especializações militares ou com elas relacionadas (espionagem, naval, força aérea entre outras).

c) Campos de batalha: Refere Coelho que muitos locais de batalhas “encontram-se desimpedidos quanto a edificações civis e, portanto, serão capazes de acolher potenciais interessados na história local e nacional e estruturas fixas ou efémeras adaptadas a esta nova função” (Coelho, 2011: 30). Um levantamento e sinalização parece-nos ser claro mesmo sem considerarmos apenas o objetivo da sua integração em Roteiro de Turismo Militar. O seu significado histórico é deveras relevante. O seu significado económico é, do mesmo ponto de vista, também bastante claro e perfeitamente enquadrável no objeto de estudo, batalhas da Roliça e do Vimeiro. Em muitos países da Europa, o *Battlefield Tourism* é uma área muito presente como inspiração para o turismo e já bastante expressiva na atividade económica local, quer a nível doméstico quer a nível internacional. “(...) a battlefield can create employment, but also their importance in contributing to a portfolio of tourist attractions to support a tourism industry in places devoid of iconic attractions (...)” (Ryan, 2007: 3). Em Portugal, o sector económico das empresas de animação turística pode ser incrementado, ainda mais, com o fortalecimento do Turismo Militar.

d) Eventos de memória militar: Como as reconstituições históricas - a recriação histórica é parte determinante do processo de entretenimento e de animação de um evento temático de determinada época histórica ou a uma área territorial - desfiles militares, festivais aéreos.

e) Experiências reais: A experiência disponibilizada assume uma especial importância para o turista militar, pois “In a sense, military tourism is less about the narrative and more about the experience (...)” (Veer Yatra Military Tourism) <sup>35</sup>. Para Leopold (2003) “For war heritage sites, this aspect is especially concerning with opposing histories or political ideologies of various nations, such as Americans visiting Vietnamese war heritage sites”. Também Jones

---

<sup>35</sup> Veer Yatra Military Tourism é uma iniciativa de um departamento do Governo do Estado de Maharashtra, na Índia, criada em 2002 para apoio ao ex-combatentes que também desenvolve experiências militares para civis. A informação deste projeto poderá ser consultada em <http://veeryatra.com/>

afirma que “(...) reexperiencing of places also has the power to evoke memory (...) Places need not be reexperienced by physically visiting them. They can also be evoked at a distance because of the presence of the things associated with place (...)” (Jones, 2007: 58).

A experiência representa uma componente transversal na construção do produto turístico militar, estando presente, entre outros, nos eventos de recriação histórica, nas visitas aos campos de batalha ou aos monumentos comemorativos.

As motivações do turista militar são, na sua generalidade, coincidentes com as que foram identificadas para o turista cultural. Contudo, produtos específicos do Turismo Militar, como são os casos dos campos de batalha, incluem outros fatores específicos, como a distância temporal ao evento que lhes deu origem, a escala desses eventos ou o seu significado cultural e apelo emocional (Ryan, 2007; Lloyd, 1998). Num estudo sobre as motivações dos turistas aos campos de batalha da II Guerra Mundial, em França, Iles (2008: 138), verificou que aspetos como a pesquisa sobre os familiares que ali combateram ou perderam a vida fazem parte das motivações para a visita.

Desta forma, os escassos estudos realizados sobre este turista, parecem vir confirmar que o Turismo Militar reside essencialmente na ótica de quem o experimenta e que estabeleceu com os lugares militares laços emocionais de ordens diversas.

### 2.3. Produtos de turismo militar

Recursos e atrativos ocupam um posicionamento diferente na atividade turística, sendo necessário desenvolver um trabalho de transformação sobre o recurso para que este possa reunir os requisitos exigíveis para ser considerado um atrativo válido para o turismo de determinado destino (Jafari, 2000).

Ao afirmar que “(...) attractions are more than just site or an event ... it only becomes one when a tourism system is created to designate and elevate it to the status of attraction (...)”, Jafari (2000:35), apresenta uma visão concordante com a premissa da OMT “(...) não temos que confundir os atrativos com recursos (...)” (OMT, 2001).

Aceitamos que o grande limite da utilização dos bens patrimoniais enquanto recurso reside na adequação das necessidades da sua conservação e salvaguarda como os interesses turísticos. As necessidades de conservar a estrutura material dos bens patrimoniais podem, por vezes, colidir com as necessidades da indústria do turismo, o que origina o desenvolvimento de linhas de ação orientadas essencialmente para a salvaguarda. Um dos exemplos mais significativos encontra-se no tratamento dado à Gruta de Lascaux, em França.

O Decreto – Lei 191/2009, de 17 de agosto, que veio estabelecer as bases das políticas públicas de turismo, definiu, na alínea b) do artigo 2.º, recursos turísticos como “os bens que pelas suas características naturais, culturais ou recreativas tenham capacidade de motivar visita e fruição turísticas”. Licínio Cunha (1997), na sua esquematização das componentes essenciais do produto turístico, refere-se aos recursos turísticos como o conjunto de elementos naturais, culturais, artísticos, históricos ou tecnológicos que geram uma atração turística (Cunha, 1997). A OMT, em 2008, define os recursos turísticos como o conjunto de bens e serviços que, por intermédio da intervenção humana, tornam possível a atividades turística e satisfazem as necessidades da procura efetiva. Importa salientar nesta definição a importância do processo de transformação que é necessário efetuar sobre o recurso para que este possa satisfazer as necessidades turísticas (OMT, 2008).

A evolução de bens patrimoniais a produtos culturais, com capacidade para aceder convenientemente ao mercado, carece de um processo de transformação que deverá ser desenvolvido numa trilogia que engloba a identificação e avaliação dos recursos, a identificação das necessidades dos turistas e o consequente direcionamento dos produtos em conformidade com essas necessidades (Silva, 2017: 209).

Concluída a inventariação dos recursos com aptidão turística e efetuada a intervenção necessária em cada um deles para criar as condições de satisfação das necessidades turísticas, seguir-se-á a construção de produtos apoiados no repositório criado. Para Figueira “Os recursos naturais e culturais só se tornarão visíveis e efetivos atrativos quando a massa crítica que os envolve, os sinaliza e os encaminha ao mercado, tendo em conta a responsabilidade da sua sustentação futura, assegura um quotidiano turístico-cultural de qualidade (...)” (Figueira, 2013: 14).

Tomando como exemplo um campo de batalha, a sua simples referenciação numa base de dados não significará que reúne as necessárias condições para a sua fruição turística. Estes recursos, à semelhança de outros, necessitam de ser geridos:

“There is a need to identify the appropriate location for a car park; calculate the number of car parking spaces required; identify and signpost the location of the entry; indicate entry prices when required; establish means of collecting entry fees; provide information; and then, establish routes around sites with reference to points of interest, interpretation, sight lines and carrying capacities. Are people able to wander at will, or are conducted tours required? Where is there a need to protect artefacts? Should some parts of the battlefield be placed under cover? Where might a visitor centre be established, how large should it be, where should the toilets be, what

souvenirs and merchandise might be stocked, how should sewage be treated, is the site connected to water and electricity mains?" (Ryan, 2007:13).

Para ir ao encontro das necessidades dos turistas, Mckercher e Du Cros apresentam as seguintes linhas orientadoras para a construção de produtos culturais:

1. Contar uma história - *Tell a story* - o *storytelling* é apresentado como um instrumento que ajuda os turistas a melhor entender a História e a Cultura local, criando também novos significados para os destinos e auxiliando na interpretação dos produtos do Turismo Cultural;
2. Tornar o recurso vivo - *Make the asset come alive* - os produtos devem incorporar criatividade e mensagens estimulantes, que contribuam para que o turista tenha uma experiência agradável. Com isto, o turista estará mais predisposto para o consumo destes produtos e para uma permanência mais prolongada nos destinos;
3. Uma experiência participativa - *Make it a participatory experience* - os produtos culturais deverão estimular a participação dos turistas e assim aumentar a sua satisfação através da oferta de uma experiência agradável;
4. *Make it relevant to the tourist*: os produtos do Turismo Cultural devem ser apresentados de forma a serem relevantes para os turistas, dentro dos seus quadros de referência e conhecimentos.
5. Qualidade e Autenticidade - *Focus on quality and authenticity* - tendo em conta o perfil do turista cultural, será privilegiada uma seleção com base na qualidade. A qualidade e autenticidade dos produtos culturais serão assim fatores determinantes para a atração e satisfação dos turistas (Mckercher e Du Cros, 2002).

Aceitando como válidas estas propostas, o conjunto de bens associados à Primeira Invasão Francesa nos concelhos do Bombarral e da Lourinhã identificados na presente investigação constitui um ponto de partida apelativo para o desenvolvimento de produtos culturais. Contudo, fica bem vincada importância do conhecimento das necessidades e desejos dos consumidores, pelo que o estudo de mercado deverá ser encarado como um precioso auxílio para a criação de produtos e serviços.

A maior ou menor valorização e atratividade de um território assenta, em primeira linha, na sua especificidade e nas características que lhe permitem ser singular ou, pelo menos, muito raro, definindo uma identidade própria que permite demarcar-se e diferenciar-se dos restantes destinos, podendo essa especificação ser de base religiosa, gastronómica, monumental, ecológica, paisagística, militar, industrial ou outra.

A promoção da imagem de um território junto do potencial turista deve ser considerada, e assentar, no conhecimento rigoroso daquilo que são as valências do mesmo, devendo evitar-se as derivações para áreas que não correspondem a um produto cultural endógeno ou tentar replicar a identidade de outrem. Veja-se a título meramente exemplificativo a Festa dos Tabuleiros, que é um produto cultural imediatamente associado a Tomar ou os Caretos em relação a Podence. Não fará sentido uma tentativa de apropriação destas tradições por outros territórios, assim como também não faria sentido que Fátima procurasse impor a sua imagem no âmbito do Turismo Militar, quando é o Turismo Religioso que constitui a essência da sua afirmação identitária.

O conceito estratégico subjacente à elaboração de um plano de promoção e desenvolvimento turístico deverá ter sempre em conta a realidade concreta de cada território, contribuindo para a preservação da sua natureza intangível como marca definidora de uma identidade.

Hoje em dia, os produtos culturais assumem-se como o cimento sobre o qual assenta o desenvolvimento turístico e toda a vastíssima atividade económica que orbita em seu redor, sendo não só a tradição como a capacidade criativa e de inovar elementos que devidamente integrados se podem constituir como diferenciadores e fontes de mais-valias que captam e retém fluxos de visitantes, permitindo reforçar a competitividade do território.

É neste âmbito, e perante casos de sucesso, que surge a apetência, por exemplo, para identificar, registar e promover os antigos saberes, as antigas artes que o povo praticou e desenvolveu ao longo de séculos e que se foram perdendo, por falta de conhecimento ou interesse das elites decisoras, da indiferença das novas gerações, da movimentação das populações promotora de desertificação das áreas rurais do interior onde faltam empregos e vão encerrando os serviços públicos, que potenciaram a ausência de registos escritos ou, mais recentemente, fotográfico, áudio e vídeo.

O desaparecimento de um idoso sem que as suas memórias no âmbito da cultura e vivência comunitária sejam preservadas, constitui a perda de páginas de história, cultura e de muitos saber-fazer.

É preciso identificar e valorizar os nichos culturais que possam ser aproveitados e dinamizados em prol da imagem e desenvolvimento identitário de um território.

Atualmente, na ausência de património material que possa potenciar a diferenciação da oferta de produtos culturais, desenvolvem-se investigações no âmbito do património cultural imaterial para redescobrir a herança cultural, produzindo o conhecimento sobre as especificidades locais que possibilita que estas possam ser a base de produtos culturais

singulares de excelência e, conseqüentemente, fonte de desenvolvimento económico do território, por força do incremento da sua atratividade.

Para que um produto cultural possa efetivamente ser um fator de desenvolvimento do território, definindo e sublinhando a sua identidade, importa que exista um pensamento concreto e definido em termos de conjunto, pois se assim não for, esse produto cultural pode passar literalmente ao lado do território, não contribuindo para o seu desenvolvimento.

No território em investigação na presente dissertação, o exemplo do Buddha Eden, no Bombarral, ilustra cabalmente esta realidade, atraindo um elevado número de turistas internos e externos, mas, por ausência ou insuficiente articulação com o território adjacente e com os produtos culturais que nele existem, acaba por originar um contributo para economia local limitado a alguns estabelecimentos de restauração localizados nas imediações do empreendimento.

### 3. METODOLOGIA DE TRABALHO

Tendo em conta a problemática definida e os objetivos do estudo, optou-se por metodologia de trabalho faseada e sequencial, com início na melhoria do conhecimento sobre estes bens culturais, com especial incidência no que respeita ao seu estado atual.

Assim, atendendo à delimitação histórica e geográfica proposta para esta investigação, numa primeira fase, foi realizada a revisão bibliográfica tendo em vista a recolha de informação que, por um lado, permitiu identificar o conjunto de recursos patrimoniais a envolver e, por outro, contribuiu para a consolidação dos principais conceitos e respetivos enquadramentos teóricos. Pela sua relevância para o objeto de estudo, a clarificação conceptual do Turismo Militar enquanto segmento do Turismo Cultural (Coelho, 2011) assumiu especial importância.

O inventário produzido na primeira fase serviu de suporte à fase seguinte, na qual, através do trabalho de campo, os locais onde as forças em confronto se posicionaram, os locais onde decorreram as batalhas, os monumentos comemorativos, os edifícios que acolheram acontecimentos ou os equipamentos culturais construídos posteriormente, entre outros, foram visitados com o objetivo de perceber o seu estado atual e o seu potencial para integrar uma proposta turística na região.

A informação recolhida deu assim origem a um sistema de pré-inventário, assente na descrição do bem patrimonial e no seu registo fotográfico que foi organizado por concelho e por bem cultural. A resolução das imagens inseridas nas fichas de pré-inventário foi propositadamente reduzida, ficando em arquivo, os ficheiros em alta resolução.

Foram também realizadas entrevistas a um conjunto de *stakeholders* tendo em vista a avaliação da exequibilidade da proposta de criação de produtos de turismo militar, com base nas batalhas da Roliça e Vimeiro. Recorreu-se a entrevistas semiestruturadas, suportadas num guião pré-definido e aplicadas a um grupo de entrevistados selecionado em função da sua capacidade de atuação no território.

Foi assim possível alcançar uma visão global dos recursos existentes no território e, simultaneamente, aferir a predisposição dos decisores para a afetação.

### 3.1. Inventariação de Património Cultural

A identificação prévia do conjunto dos bens patrimoniais em presença no território deu origem à elaboração de um pré-inventário, em conformidade com os requisitos da DGPC (Kits-Património | KIT 01<sup>36</sup>), naquilo que constitui um contributo da presente investigação que poderá servir de apoio a novas fases do trabalho tendo em vista a futura construção de uma oferta turística temática no território.

Pretendeu-se, com a aplicação deste rastreio dos recursos dos territórios do Bombarral e Lourinhã relacionados com os acontecimentos militares de agosto de 1808, produzir uma visão atualizada daquilo que são as potencialidades deste património para as comunidades locais, em articulação com o desenvolvimento económico, o ambiente e ordenamento do território, entre outros, e cuja utilidade se estenda para além dos objetivos da presente investigação.

Atendendo às limitações originadas pelos recursos e conhecimentos técnicos disponíveis, optou-se pela modalidade de registo de pré-inventário, sem prejuízo da apresentação de informação nos campos 11 a 22 (Kits-Património | KIT 01: 13), quando esta se encontrou disponível.

Foram também contactados os serviços do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)<sup>37</sup> para validar os requisitos de recolha e a estruturação dos elementos de informação a incluir no registo de pré-inventário. Deste contacto resultou um conjunto de indicações das quais se realça o sistema criado para a geração das referências a inscrever no campo Identificador<sup>38</sup>:

---

<sup>36</sup> O Kits-Património | Kit 01 pertence a uma coleção de guias práticos elaborados pelo Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. e o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P., em novembro de 2010, que veio dotar os agentes do património cultural e os cidadãos em geral de instrumentos técnicos que os orientam em ações de reconhecimento, identificação e documentação do "seu" património, promovendo assim a constituição de inventários patrimoniais tecnicamente consistentes de âmbito local e setorial. O Kit 01, em concreto, trata do património arquitetónico.

<sup>37</sup> O Sistema de Informação para o Património Arquitetónico - SIPA é um sistema de informação e documentação sobre património arquitetónico, urbanístico e paisagístico português e de origem ou matriz portuguesa gerida pela Direção-Geral do Património Cultural.

<sup>38</sup> De acordo com o Kits-Património | KIT 01, entende-se por Identificador o número ou código alfanumérico que identifica o objeto arquitetónico e o individualiza no universo de objetos arquitetónicos inventariados.

Numeração:	Bombarral	Designação:
01	BBR	Campo da Batalha da Roliça
02	BBR	Túmulo do Tenente-Coronel Lake
03	BBR	Moinho da Roliça
04	BBR	Monumento da Batalha da Roliça
05	BBR	Marco Caveira

Numeração:	Lourinhã	Designação:
01	LNH	Padrão do Vimeiro
02	LNH	Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro <sup>39</sup>
03	LNH	Campo da Batalha do Vimeiro
04	LNH	Quinta da Moita Longa
05	LNH	Forte de Nossa Senhora dos Anjos de Paimogo
06	LNH	Quartel-General de Wellington
07	LNH	Hospital de Campanha - Vimeiro
08	LNH	Antiga Casa Rural na Fonte Lima – Hospital de Campanha
09	LNH	Igreja Paroquial do Vimeiro

Quadro 3.3. Sistema criado para a geração de referências de identificação dos bens patrimoniais. Fonte: Elaboração do autor.

Seguindo as indicações dos técnicos do SIPA, foi criada uma categoria suplementar no campo Localização<sup>40</sup>, de preenchimento obrigatório, para referenciar a freguesia onde se encontra o bem, em consequência e na previsão de reorganizações administrativas que originam dificuldades no uso futuro dos identificadores criados.

Com base na informação produzida através da análise bibliográfica, e após a inventariação prévia dos bens patrimoniais, foram realizadas visitas de campo através das quais se aferiu o trabalho de inventariação de bens nos dois concelhos. Concluiu-se desta forma, para cada um dos bens, o preenchimento de uma ficha elaborada para esse efeito (**Anexo II**), recolhendo e sistematizando a informação, com especial incidência nas condições atuais de acessibilidade, estado de conservação e registo fotográfico. Esta ficha vai permitir a inserção destes elementos na base portuguesa de dados do património cultural e serão simultaneamente as primeiras entradas para o processo de Roteirização – Base de Dados.

<sup>39</sup> Apesar de o CIBV não representar, por si, um elemento de património arquitetónico oitocentista, entende-se relevante a sua integração neste levantamento pela relevância do seu acervo.

<sup>40</sup> De acordo com o Kits-Património | KIT 01, a Localização traduz a posição geográfica nacional do objeto arquitetónico a inventariar, de acordo com as circunscrições político-administrativas e localização de forma precisa, segundo os sistemas de coordenadas, permitindo a inserção em base de dados ou num Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Com esta esta verificação dos bens patrimoniais *in situ* foi também possível melhorar o conhecimento sobre os mesmos e formular uma análise primária sobre os meios que poderão ser necessários para concretizar o seu processo de transformação em produto.

### 3.2. Entrevistas

Um outro instrumento metodológico utilizado neste projeto foi a realização de entrevistas.

A criação de um produto desta natureza vai assentar na participação, no mesmo, de um conjunto de *stakeholders*, cuja opinião importou aferir. Tal foi possível com a realização de entrevistas semiestruturadas com recurso a um guião pré-definido que se apresenta no **(Anexo D)**. Consideram-se estas entrevistas como um instrumento direto de recolha de informação, configurando-se enquanto fontes primárias, no âmbito dos objetivos deste trabalho e foram aplicadas a um conjunto de decisores políticos, empresários e dirigentes associativos, definidos enquanto os principais *stakeholders* para a implementação de um projeto desta natureza.

Para Ribeiro (2008), a entrevista é a técnica mais pertinente quando se pretende obter informações a respeito do objeto que permite ao conhecer atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento e que permite incorporar novas fontes para a interpretação dos resultados dos próprios entrevistadores. A entrevista foi assim a técnica de investigação selecionada para a obtenção destes dados que não se poderiam encontrar em registos ou fontes documentais, mas que foi possível recolher em contacto direto com determinadas pessoas. Os locais de realização das entrevistas privilegiaram a abordagem direta nos seus contextos de interação.

Os grupos de entrevistados definiram-se consoante a sua capacidade de atuação no território. A lista de entrevistados encontra-se no Quadro 3.

O primeiro grupo é constituído por decisores políticos. Foram entrevistados responsáveis autárquicos de ambos os municípios em análise, ao nível das câmaras municipais e juntas de freguesia.

O segundo grupo de entrevistados é constituído por operadores turísticos que desenvolvem a sua atividade na região e com enfoque na área temática em estudo. A contribuição deste grupo assenta na transmissão de conhecimento sobre aceitação e características da procura para produtos de cariz histórico-militar o que se considera ser um fator crítico de sucesso para a seleção de projetos a implementar.

O último grupo de entrevistados contempla os movimentos associativos locais enquanto representantes da sociedade civil e das comunidades (fazendo entrar na lógica do projeto as

comunidades locais) e enquanto promotores de atividades de animação e divulgação destes valores patrimoniais específicos.

Decisores Políticos:	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presidente da Câmara Municipal do Bombarral;</li> <li>▪ Presidente da Câmara Municipal da Lourinhã;</li> <li>▪ Presidente da Junta de Freguesia da Roliça;</li> <li>▪ Presidente da Junta de Freguesia do Vimeiro;</li> </ul>
Agências de Viagens e Operadores:	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gerente da Oestetur<sup>41</sup></li> <li>▪ Gerente da Mystical Trips<sup>42</sup></li> </ul>
Associações:	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presidente da Direção da Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro;</li> <li>▪ Presidente da Assembleia da Comissão de Melhoramentos da Columbeira;</li> </ul>

Quadro 4.3. Listagem dos entrevistados.

Todos os entrevistados foram previamente informados, através de comunicação escrita que continha a apresentação e contextualização do estudo. Após o envio da comunicação escrita, foi efetuado novo contacto para agendamento da data e local da entrevista.

A entrevista seguiu um modelo que assenta na definição de um conjunto geral de questões, estruturadas de acordo com os objetivos definidos, comuns a todos os grupos de entrevistados:

- 1 -Defina a relevância da criação de um projeto cultural para ativação turística do património militar associado à primeira Invasão Francesa, nos concelhos da Lourinhã e Bombarral.

---

<sup>41</sup> Operador turístico e agência de viagens, com sede nas Caldas da Rainha e filiais na Lourinhã e em Peniche, inscrito no Registo Nacional das Agências de Viagens e Turismo (nº 3902) que desenvolve, entre outras atividades e serviços, a organização de circuitos turísticos. É também uma agência de *incoming* especializada na promoção do Oeste e na organização de circuitos de 1 ou ½ dia;

<sup>42</sup> A Mystical Trip é uma empresa de Animação Turística inscrita no Registo Nacional de Agentes de Animação Turística (nº 1320/2018), especializada no setor do Turismo Militar. Também se dedica à produção de eventos vocacionados para o ensino escolar (pré-ciclo; básico e secundário) e para empresas (*Corporate Team Building*; excursões empresariais; outros eventos);

- 2 -Na sua perspectiva quais os fatores a ter em conta na implementação de um projeto cultural militar?
- 3 -Na sua opinião, quais os investimentos estruturantes necessários para implementar este projeto (humanos, técnicos, financeiros, comunicação, parceiros, etc.). Defina as prioridades dos mesmos.
- 4 -Como define o seu contributo para a implementação deste produto cultural no território e quais as suas necessidades para o fazer?

Sendo uma entrevista semiestruturada foi dado espaço para que os entrevistados extrapolassem para lá do âmbito das questões.

As entrevistas foram alvo de registo em formato áudio, com posterior transcrição em sistema de fichagem para análise.

#### 4. PRODUTOS DE TURISMO CULTURAL MILITAR EM PORTUGAL

Os produtos de Turismo Militar em Portugal têm sido desenvolvidos sobre diversos períodos históricos e assumido formatos distintos.

##### Eventos

Um dos exemplos mais conhecido são os eventos que evocam um passado histórico militar, verificando-se uma proliferação de eventos de recriação histórica. A *Festa Templária*<sup>43</sup>, realizada anualmente em Tomar, sob a temática dos templários, introduz atividades de cariz militar no seu programa, que na origem não é militar; um dos exemplos de maior projeção em Portugal, neste segmento, é a *Viagem Medieval em Terras de Santa Maria* que na edição de 2019, inseriu no seu programa atividades como “Arqueiros de D. Fernando” e um “Arraial Militar”<sup>44</sup>. No caso da temática das invasões francesas é de destacar o *Cerco de Almeida*, iniciativa que tem como o objetivo de reconstituir os acontecimentos históricos ocorridos em 1810, altura da III Invasão Francesa e que em 2019 festejou já 15 anos de existência. Integrado no programa estão atividades de natureza militar como um acampamento militar, oficinas de artilharia, infantaria, cavalaria, balística, entre outros<sup>45</sup>. Esta iniciativa recebeu em 2018, de acordo com o presidente da Câmara Municipal de Almeida, António José Machado, “400 recriadores nacionais e estrangeiros, principalmente espanhóis e também franceses” e “deve atrair entre 12 a 15 mil visitantes”<sup>46</sup>. Mais recentemente, o *Festival Novas Invasões*, realizado em Torres Vedras procura no tema das Invasões Francesas o sustentáculo da sua existência e no seu programas “(...) apresenta espetáculos diários de diferentes áreas artísticas (teatro, dança, música, performance), contando com a representação de artistas provenientes de Portugal, França, Reino Unido e Espanha (...)”<sup>47</sup>. Ainda no segmento de eventos, de destacar no território em estudo o evento *anual Recriação Histórica da Batalha do Vimeiro & Mercado Oitocentista*, promovido no âmbito do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, no apoio às atividades da Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro.

---

<sup>43</sup> Disponível em

[https://www.facebook.com/events/205421996941911/?notif\\_t=event\\_calendar\\_create&notif\\_id=1528723927132508](https://www.facebook.com/events/205421996941911/?notif_t=event_calendar_create&notif_id=1528723927132508). Consultado em 05.09.2019.

<sup>44</sup> Disponível em <http://www.viagemmedieval.com/docs/2019/programa-VM-2019-PT.pdf>. Consultado em 04.09.2019.

<sup>45</sup> Disponível em: [https://www.cm-almeida.pt/wp-content/uploads/2019/08/cerco\\_2019\\_programa.pdf](https://www.cm-almeida.pt/wp-content/uploads/2019/08/cerco_2019_programa.pdf). Consultado em 09.08.2019.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.noticiasominuto.com/cultura/1069704/recriacao-historica-do-cerco-de-almeida-envolve-400-figurantes>. Consultado em 09.08.2019.

<sup>47</sup> Disponível em <http://www.cm-tvedras.pt/agenda/programa/26/>. Consultado a 2.09.2019.

## **Monumentos, Conjuntos e Sítios**

A visita aos monumentos militares é um dos principais motivos o turismo militar. Os castelos de Almourol (Vila Nova da Barquinha) ou de São Jorge (Lisboa) são disso exemplo. Este último, alcançou em 2018 um número superior a dois milhões de visitantes<sup>48</sup>, sendo aqui também realizadas mensalmente atividades de recriação militar pela Associação Portuguesa de Recriação Histórica (APRH)<sup>49</sup>. Contudo, as atividades de natureza militar, não representam o principal atrativo destes locais.

## **Museus**

A vertente museológica é naturalmente uma parte considerável da oferta de Turismo Militar. O Exército Português possui, na sua estrutura organizacional, seis museus militares (Bragança, Elvas, Lisboa e Porto, Açores e Madeira) e cerca de três dezenas de coleções militares visitáveis referentes a Unidades, Estabelecimentos e Órgãos. Para além destas estruturas museológicas, também os centros de interpretação têm vindo a vindo a crescer na oferta nacional como são exemplo os casos do Centro de Interpretação Templário de Almourol, em Vila Nova da Barquinha, o Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, em Sobral de Monte Agraço, o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro ou o “Mortágua na Batalha do Bussaco” Centro de Interpretação, estes três últimos todos no âmbito das Invasões Francesas. Para além de novos espaços expositivos, estes equipamentos têm desenvolvido ofertas inovadoras no apoio à interpretação do património através de agendas de atividades dinâmicas, serviços educativos e soluções suportadas nas novas tecnologias que se diferenciam da proposta museológica mais conservadora dos museus militares. Pela sua localização, estes equipamentos têm também assumido um papel fundamental no desenvolvimento local, envolvendo as suas comunidades locais e contribuindo para uma maior visibilidade dos seus territórios.

O percurso de recuperação e valorização do património resultante da construção das Linhas de Torres e que, em 2010, culminou na criação da Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLLT) será atualmente a maior referência nacional no domínio do Turismo Militar. A 20 de outubro de 1809, Wellington ordenou, a 20 de outubro de 1809, a construção de um campo entrincheirado, entre o Tejo e o Atlântico, que defendesse, por terra, a península de Lisboa, aproveitando as características acidentadas do território. Deste enorme esforço resultou uma

---

<sup>48</sup> Disponível em <https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/castelo-de-sao-jorge-supera-os-dois-milhoes-de-visitantes>. Consultado em 04.09.2019.

<sup>49</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/pg/APRHistorica/events/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/APRHistorica/events/?ref=page_internal). Consultado em 04.09.2019.

Primeira Linha, situada a 13 km da segunda, com uma extensão de 46 km, ligando Alhandra à foz do rio Sizandro, uma Segunda Linha com mais 39 km desde Ribamar, junto à foz do Safarju, à Póvoa de Santa Iria e, ainda, uma Terceira Linha com 3 km que assegurava a ligação entre Paço de Arcos e a Torre da Junqueira, levando a que os franceses tivessem que enfrentar à sua chegada 126 construções militares concluídas de um total das 152 (Lobo, 2015).

Após quase duas décadas, o investimento e trabalho desenvolvido sobre o conjunto de bens patrimoniais militares, originado pela construção do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras deu origem a um produto turístico merecedor do reconhecimento nacional e internacional que disponibiliza atualmente “(...) uma rota com 6 percursos de visita, troços pedestres, um conjunto de fortes “musealizados”, apoiado numa rede de centros de interpretação e percursos de visita. As ações de salvaguarda, recuperação e valorização sobre este património foram reconhecidas com os prémios do Turismo de Portugal (2012), Europa Nostra (2014) e a instituição do Dia Nacional das Linhas de Torres (2014) (...). A experiência de quase duas décadas da Rota Histórica das Linhas de Torres poderá ainda auxiliar na resolução de uma das principais dificuldades no desenvolvimento de projetos cuja necessidade de trabalho em rede será uma realidade incontornável, algo que se afigura como muito provável para os concelhos do Bombarral e da Lourinhã numa primeira fase, com possibilidade de posterior alargamento a outros municípios.

No panorama internacional, alguns exemplos foram explanados em capítulos anteriores, mas neste alinhamento com o período napoleónico, Waterloo justifica uma atenção especial, pois aqui aconteceu a batalha que encerrou este período histórico, com um efeito simbólico que ainda hoje contribui para o surgimento de produtos e serviços viabilizados pela elevada procura.

A construção da oferta de visitação “original” de Waterloo assenta, entre outros, no seu campo de batalha e no uso de edifícios que não foram construídos para fins militares. Exemplos ilustrativos serão a hospedaria onde Wellington passou os dias 17 e 18 de junho e onde redigiu o seu comunicado de vitória, hoje o *Wellington Museum*, a quinta do *Mont-Saint-Jean*, onde por ordem de Wellington foi instalado um hospital para tratamento dos feridos ou o último quartel general de Napoleão, no local onde o Imperador e o seu Estado-Maior, passou a noite de 17 de junho e 1815, na *Chaussée de Bruxelles*.

A construção de monumentos comemorativos e espaço de visitação fortemente suportados na produção de meios audiovisuais, proliferou ao longo dos anos, substituindo-se a um património militar edificado que não existe, mas cuja ausência não foi impeditiva para que a marca Waterloo 1815 seja atualmente uma referência.

Waterloo 1815 e a Rota Histórica das Linhas de Torres Vedras são dois exemplos para os quais será útil a realização de um trabalho de *benchmarking* incisivo, que permita identificar as opções que originaram a melhor relação custo benefício tendo em vista a tomada de decisão, não apenas para os decisores políticos na definição das suas prioridades de investimento, mas também para os agentes privados na construção dos seus produtos e serviços em função das tendências do mercado.

#### 4.1. Estratégia Turística na região da Lourinhã e Bombarral

A elaboração de documentos de planeamento estratégico foi assegurada pelas duas câmaras municipais ao longo da última década. A Lourinhã, em outubro de 2010, apresentou o Diagnóstico Descritivo e o Diagnóstico Estratégico do Concelho, documento que serviu de base à elaboração do Plano Estratégico da Lourinhã, cuja versão final foi concluída em janeiro de 2012, apresentando as visões para o território até 2020 e 2030<sup>50</sup>. Por seu lado, o Bombarral apresentou, em julho de 2015, o Plano Estratégico do Concelho do Bombarral. Os documentos foram elaborados para diferentes horizontes temporais e com metodologias de diagnóstico do território e consequentes propostas para concretização das respetivas visões também diferenciadas, mas em ambos os documentos, o Turismo foi colocado entre as opções estratégicas prioritárias pelos decisores.

No Diagnóstico Descritivo e do Diagnóstico Estratégico do Concelho da Lourinhã, num conjunto de cinco domínios, o Turismo foi incluído no da Economia e Competitividade, pretendendo o município “apostar no desenvolvimento sustentado das atividades de lazer/turismo com base nos recursos costeiros, paisagens e ruralidade”<sup>51</sup>.

Na análise SWOT que consta do documento, as referências ao potencial do Turismo Militar são evidenciadas na identificação de Oportunidades, onde se refere a “existência de

---

<sup>50</sup> “2030: a Lourinhã será um território atrativo e competitivo, assente na potenciação dos fatores endógenos que lhe conferem características únicas, transformando-o numa *marca* reconhecida e apreciada a nível local, regional, nacional e internacional, sabendo combinar a sustentabilidade ambiental e o crescimento económico, ancorado na participação cívica e numa governabilidade moderna e eficaz. 2020: um território atrativo, bem governado e amigável, um patamar de progresso assente numa moderna gestão municipal, na elevação do perfil de qualificações dos seus recursos humanos, na aposta no planeamento e gestão estratégico e territorial, na salvaguarda e valorização dos recursos naturais e patrimoniais e na posição geográfica privilegiada” (Plano Estratégico da Lourinhã, 2012).

<sup>51</sup> Plano Estratégico da Lourinhã - Diagnóstico Descritivo e do Diagnóstico Estratégico do Concelho, p 8.

fatores distintivos com capacidade de projetar internacionalmente o Concelho: património paleontológico, agricultura biológica, turismo de natureza, batalha do Vimeiro, Aguardente DOC e praias com características terapêuticas e condições “privilegiadas “para a prática de desportos náuticos”<sup>52</sup>.

No seguimento deste planeamento, foi apresentada uma candidatura<sup>53</sup>, em junho de 2011, à medida 3.2.1. do subprograma 3 do PRODER<sup>54</sup>, com a designação de Dinamização do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro e um investimento de cerca de 100.000 euros, que veio permitir a criação de Grupo de Recreação Histórica, através da aquisição de armamento e fardamento, e investimentos na componente de *design* gráfico, tratamento de imagens, conceção e execução de equipamentos como armários vitrinas, iluminação e equipamento interativo.

Em dezembro de 2017, a Câmara Municipal da Lourinhã submeteu uma segunda candidatura, agora ao abrigo do Programa Valorizar – Linha de Apoio ao Turismo Acessível, desta feita para um valor de investimento de 200.000 euros, com o objetivo de requalificar e reabilitar o CIBV de forma a dotá-lo dos necessários requisitos para a entrada no mercado do turismo acessível e inclusivo<sup>55</sup>.

No Plano Estratégico do Concelho do Bombarral, onde se propõe alcançar a Visão<sup>56</sup> através de oito Prioridades Transversais, o Turismo encontra-se também nos oito Objetivos Estratégicos, pretendendo-se “criar um destino turístico diversificado e diferenciador com base nas especificidades e recursos locais”<sup>57</sup>. De acordo com esta estratégia municipal, foi definida uma carteira de projetos âncora onde o Turismo assume o *P7 | Programa de Valorização do Setor Turístico: Bombarral, Destino de Experiências*.

---

<sup>52</sup> Plano Estratégico da Lourinhã - Diagnóstico Descritivo e do Diagnóstico Estratégico do Concelho, p 20.

<sup>53</sup> “Dinamização do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro” [em linha]. Disponível em [http://mwp4.lourinha.oestedigital.pt/\\_uploads/pdf/contabilidade/RelatorioGestao2011.pdf](http://mwp4.lourinha.oestedigital.pt/_uploads/pdf/contabilidade/RelatorioGestao2011.pdf). Consultado em 2.08.2019.

<sup>54</sup> Programa de Desenvolvimento Rural - Instrumento estratégico e financeiro de apoio ao desenvolvimento rural do continente para o período 2007-2013 e cofinanciado pelo FEADER – Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural.

<sup>55</sup> Informação disponível em <http://www.cm-lourinha.pt/gestao-financeira>. Consultado em 2.08.2019.

<sup>56</sup> Em 2020, Bombarral deverá afirmar-se como um território rural de múltiplas oportunidades através da valorização dos seus recursos endógenos, da sua identidade e da aposta em dinâmicas socioeconómicas e empresariais inovadoras capazes de fixar população e atrair investimento.

<sup>57</sup> Plano Estratégico do Concelho do Bombarral, p 4.

Na fase de elaboração deste documento, foi disponibilizado um questionário à população tendo como objetivo a recolha de contributos em relação à definição das novas estratégias territoriais de desenvolvimento para o período 2014-2020 no concelho do Bombarral. De acordo com a população inquirida, no que se refere às áreas estratégicas com maior potencial de desenvolvimento para o concelho do Bombarral, foram destacadas as seguintes no setor turístico<sup>58</sup>:

- Turismo rural e vitivinícola (articulação com a atividade agrícola);
- Turismo de natureza (aproveitar o potencial turístico e natural da Serra da Columbeira, Mata Municipal, Carvalhal, trilhos pedestres, requalificar o rio Real);
- Articulação do concelho com a área envolvente de Óbidos, Peniche;
- Promoção de eventos;
- Preservação e divulgação do património histórico e cultural.

Quando inquirida sobre os projetos de grande importância para o desenvolvimento do concelho do Bombarral, a população indicou as seguintes opções:

- Criação de roteiro turístico do concelho;
- Dinamização das grutas da Columbeira;
- Centro de Interpretação da Batalha da Roliça;
- Criação de espaço de lazer junto ao rio e à Praça do Município;
- Valorização da arquitetura religiosa;
- Campanha de promoção do concelho onde inclua pontos turísticos, festival do vinho, restaurantes, pera rocha e outros produtos;
- Incentivar os proprietários de quintas com alto valor arquitetónico e paisagístico (quintas dos Loridos, da Granja ou do Sanguinhal, entre outras) a desenvolver soluções de turismo rural.

Tal como a batalha do Vimeiro na Lourinhã, também no Bombarral, o confronto da Roliça englobou o conjunto de recursos identificados, pois para a concretização do objetivo estratégico associado ao setor do Turismo, foi considerado relevante<sup>59</sup>, entre outros:

“Reforçar o posicionamento do concelho como destino turístico sustentável e diferenciado, baseado na diversidade de recursos locais (património vitivinícola, património natural, história

---

<sup>58</sup> Plano Estratégico do Concelho do Bombarral, p 33.

<sup>59</sup> Plano Estratégico do Concelho do Bombarral, p 61.

Batalha da Roliça, achados arqueológicos, aldeias históricas, Jardim Buddha Éden e o previsto Parque Temático);

Definir itinerários/rotas que valorizem e integrem o património do concelho e desenvolver um sistema eficaz de sinalética e interpretação das principais áreas de interesse turístico associada ao desenvolvimento de aplicações para telemóveis;

Qualificar a oferta tendo em conta a análise e sistematização de condições de visitação, a formação dos recursos humanos, a criação de roteiros, a rede de alojamento e de restaura o presente no território.”

Contudo, e apesar de uma clara convergência de conclusões em ambos os municípios no que respeita   importância atribuída ao património resultante dos acontecimentos históricos de agosto de 1808, a implementa o de projetos tendo em vista a concretiza o do planeamento estratégico ainda não se verificou no concelho do Bombarral.

Este desequilíbrio entre a oferta disponível nos concelhos da Lourinhã e do Bombarral   penalizadora também quando se pensa num produto intermunicipal. Este estado atual   inclusivamente reconhecido pelos decisores políticos do concelho do Bombarral. Afirma Ricardo Fernandes, Presidente da Câmara Municipal do Bombarral “podemos e devemos associar-nos a estas situa es”, mas “temos a no o de que no território do Bombarral as coisas não estão ainda feitas, está tudo por fazer, há décadas que não se mexe nesta situa o”<sup>60</sup>.

A constata o deste desequilíbrio foi também verificada através do trabalho de campo realizado, mas a disponibilidade expressa quer pelo Presidente da Câmara Municipal do Bombarral, quer pelo Presidente da Junta de Freguesia da Roliça, Joana Caetano, em trabalhar na constru o de produtos turísticos da Primeira Invasão Francesa indicia que existem condi es para que também a Roliça possa contribuir com eficácia para projetos futuros.

---

<sup>60</sup> Entrevista realizada a Ricardo Manuel Silva Fernandes, Presidente da Câmara Municipal do Bombarral, em 10.10.2019.

## 5. RECURSOS CULTURAIS NO BOMBARRAL E LOURINHÃ

A identificação dos recursos no território capazes de serem integrados num produto cultural com base nas Batalhas da Roliça e do Vimeiro seguiu as propostas metodológicas de José Silva que propõe a desagregação da oferta turística por tipologias de recursos, processo que deverá ser apoiado pelo prévio inventário dos recursos (Silva, 2017):

Recursos primários	Património	Natural		Praias oceânicas e fluviais, reservas naturais,
		Cultural	Monumental	Castelos, monumentos, estações arqueológicas,
			Artístico	Museus, azulejaria, cerâmica, etc.
			Etnográfico	Trajes regionais, jogos populares, artesanato, etc.
	Complementar		Parques, jardins públicos, aldeias preservadas, etc.	
	Atividades		Roteiros	Percursos urbanos, pedestres sinalizados, etc.
			Animação	Marcha, canoagem, escalada, etc.
	Equipamentos		Culturais	Espaços de exposição, auditórios, etc.
			Desportivos	Ténis, golfe, zonas de caça turística, etc.
			Recreativos	Estádios, praças de touros, casinos, etc.
			Negócios	Caves, adegas, centros de negócios, etc.
	Eventos		Religiosos	Procissões, romarias, etc.
			Culturais	Exposições, espetáculos, conferências, etc.
			Animação	Teatro, espetáculos, touradas, etc.
			Desportivos	Pesca desportiva, asa delta, motociclismo, etc.
			Negócios	Feiras, provas de vinhos, leilões, etc.
Mega eventos			Expo'98, Euro 2004, etc.	
Recursos secundários	Atividades			Gastronomia, vinhos, circuitos turísticos, etc.
	Equipamentos	Animação e outros	Centros comerciais, mercados periódicos, etc.	
		Turísticos	Hotelaria, agências de viagens, parques de	
		Transportes	Aeroportos, terminais ferroviários e fluviais, etc.	
		Infraestruturas sociais	Estradas, portos de recreio, marinas, etc.	

Quadro 5.5. Classificação de Recursos Turísticos. Fonte: Silva, 2017: 201.

### 5.1. As Batalhas da Roliça e Vimeiro

Num complexo exercício de equilíbrio de relações internacionais, na sequência da nova ordem instaurada pela Revolução Francesa, o príncipe herdeiro de Portugal, D. João, firmou acordos separados com Espanha e Inglaterra, em 1793, o que originou o envio de um contingente português para apoio nas operações no Rossilhão, nos Pirenéus Orientais a pedido do governo espanhol. O exército francês, vencedor desta contenda, formaliza em Basileia, a 22 de julho de 1795, um acordo de paz com a Espanha. É neste contexto que a Espanha se aproxima de França, deixando Portugal numa posição de isolamento na Península e com o exército enfraquecido pela campanha do Rossilhão.

O século XIX inicia com o ultimato de Napoleão ao príncipe regente D. João, a 29 de janeiro de 1801 e, no mês seguinte, a Espanha, agora aliada aos franceses, declara guerra a Portugal. As forças envolvem-se em confrontos entre Douro e Minho, na Beira e no Alentejo, tendo as escassas vitórias lusas sido alcançadas pelo general Gomes Freire. Aquela que ficou conhecida como a Guerra das Laranjas terminou no verão do mesmo ano, dando origem ao Tratado de Badajoz, em 6 de junho de 1801. Este tratado significou para Portugal a perda de Olivença e ainda o pagamento de indemnizações de guerra.

Os tratados internacionais subsequentes, nos quais o futuro de Portugal foi frequentemente colocado na mesa de negociações, deixaram sempre D. João em posição delicada <sup>61</sup>. Os esforços desenvolvidos pela Coroa portuguesa, ao longo de vários anos, para manter Portugal a salvo do jogo de poderes entre a França e a Inglaterra não impediram que, em julho de 1807, os franceses reunissem em Baiona cerca de 25.000 homens, oficialmente para patrulhar a zona fronteiriça, mas que viriam a constituir o Corpo de Observação da Gironda, sendo nomeado para a comandar o general Jean Andoche Junot.

Junot, no comando do Corpo de Observação da Gironda, invade Portugal no final de 1807, dando início à Guerra Peninsular em território nacional. Por altura da chegada das tropas britânicas em agosto de 1808, o domínio francês estava praticamente limitado à península de Lisboa e às fortalezas de fronteira, muito devido às resistências portuguesas. Os britânicos, liderados por Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington, optam pela praia de Lavos, na foz do rio Mondego para, no dia 1 de agosto, iniciarem os desembarques que se prolongaram até ao dia 8, seguindo depois para sul ao longo da costa.

---

<sup>61</sup> Apesar de desde 1 de fevereiro de 1792 assegurar a governação do Estado, apenas assume título de Príncipe Regente em 1799.

Ao tomar conhecimento do desembarque, foi enviado o General Delaborde com o objetivo de ganhar tempo para assim conseguir reunir as tropas francesas que se encontravam dispersas devido à necessidade de fazer frente aos inúmeros focos de rebelião existentes no país. Nos dias que se seguem, Wellington recebe mais reforços, entre eles cerca de 2.000 homens enviados por Bernardim Freire.

Na marcha de Wellesley e dos seus homens em direção ao Lisboa, o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Após várias escaramuças, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. “(...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia (...)” (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas forças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Percebendo a manobra, o general francês, ordena a evacuação, ficando a manobra aliada sem efeito. Ordeiramente, os franceses passam pela aldeia da Roliça em direção à elevação próxima da Columbeira e aí formam nova posição defensiva.

Do alto desta elevação, cuja visibilidade alcança a Serra do Montejunto, não se avistam sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos. A aproximação, das companhias ligeiras, ao sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas. Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, liderou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, “(...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...)” (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa um novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de

artilharia, equipamento e bagagem diversa. Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu atrasar a marcha dos inimigos, barrando o seu caminho para a capital.

No dia 20, Junot chega a Torres Vedras, onde reúne as suas forças, enquanto Wellington se dirige em direção ao litoral para proteger a praia de Porto Novo, onde desembarcariam os seus reforços. Com mais 4000 homens, as forças anglo-lusas tinham superioridade numérica sobre as francesas.

A Batalha do Vimeiro foi travada no dia 21 de agosto, colocando em confronto o exército napoleónico, sobre o comando do Junot, com aproximadamente 13.000 homens e o exército anglo-luso, composto por cerca de 19.000 homens. Nessa manhã, Junot ordenou um ataque direto ao outeiro do Vimeiro (onde hoje se encontra o Monumento Comemorativo do Primeiro Centenário da Batalha e o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro) e enviou também tropas pelo norte, com o objetivo de realizar uma manobra de envolvimento. Os confrontos mais importantes e decisivos aconteceram no outeiro e após dois ataques sem sucesso, constatando a impossibilidade de fixar o inimigo na colina, Junot enviou tropas para tomar a localidade do Vimeiro. Na zona da Igreja, travou-se uma violenta peleja que acabou com a retirada dos franceses, que foram ainda perseguidos pela cavalaria anglo-lusa. Sem conhecimento da situação do flanco esquerdo, duas brigadas francesas confrontaram os britânicos nos altos da Ventosa e Fonte Lima, mas, novamente, os franceses viram-se forçados a recuar. A Batalha do Vimeiro resultou numa importante vitória do exército anglo-luso sobre as forças da França Imperial e colocou termo à Primeira Invasão Francesa. No dia seguinte à Batalha do Vimeiro é assinado o Armistício entre franceses e britânicos, que desde logo indicia o que viria a ser, no dia 30 de agosto, a Convenção de Sintra.

Apesar do seu nome, a convenção não foi negociada em Sintra, mas sim entre Torres Vedras e Lisboa. Sintra foi o local para onde se deslocou o quartel-general inglês, pelo que a correspondência seguia para Londres com esta referência. Os termos acordados entre vencedores e vencidos foram, no mínimo, questionáveis, originando contestação em Portugal e Inglaterra. Pela importância que representa na proposta resultante desta investigação, importa mencionar que esta contestação envolveu, numa fase inicial, o próprio Wellington, pois como refere Tormenta: “Só a recusa deste último (Wellington) em assinar a convenção, acabando por só o fazer com ordens dos seus superiores, permitiu que as acusações contra a sua pessoa fossem consideradas improcedentes” (Tormenta, 2005: 126). Na visão de José Acúrsio das Neves, contemporâneo dos acontecimentos e que sobre eles escreveu no imediato, “o seu nome saiu tão ileso deste negócio que em lugar de manchas teve os agradecimentos que lhe votou o

parlamento dos reinos unidos da Grã-Bretanha, e lhe intimou o Orador da Casa dos Comuns de uma maneira mui distinta, pelos importantes feitos à pátria nesta campanha, especialmente nas ações de 17 e 21 de Agosto de 1808” (Neves, 2008 [1810-1811]).

## 5.2. Recursos Primários

### 5.2.1. Monumentos, Conjuntos e Sítios

As fichas de pré-inventário elaboradas para os bens identificados neste capítulo encontram-se no **Anexo II**.

Existem dois bens patrimoniais classificados diretamente ligados às batalhas da Roliça e do Vimeiro:

01 LNH Padrão Comemorativo do Vimeiro:

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro.

Existe um registo com a referência IPA 0003057<sup>62</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público; Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982.

No local onde se travou a batalha entre o exército Napoleónico, comandado pelo General Junot, e o exército anglo-luso, comandado pelo General Wellesley, foi inaugurado a 21 de agosto de 1908<sup>63</sup>, com a presença do rei D. Manuel II, o Padrão Comemorativo do Vimeiro, também identificado como Monumento Comemorativo do 1º Centenário da Batalha do Vimeiro. Com cerca de 4,5 metros de altura, implanta-se no cimo de uma pequena elevação sobranceira à povoação do Vimeiro. Está atualmente rodeado por um espaço ajardinado onde também foram colocados seis painéis de azulejo alusivos às batalhas da primeira invasão francesa.

Em 2008, foi inaugurado o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, sendo ambos servidos pelas boas acessibilidades e sinalização direcional. A zona de estacionamento tem condições limitadas para autocarros.

---

<sup>62</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3057](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3057). Consultado em 6.9.2019.

<sup>63</sup> “Padrão Comemorativo do Vimeiro” [em linha]. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74716>. Consultado em 17.01.2019.

## 05 LNH Forte de Nossa Senhora dos Anjos de Paimogo

Concelho: Lourinhã; Freguesia: União das Freguesias de Lourinhã e Atalaia

Existe um registo com a referência IPA 00006327<sup>64</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Classificado como Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 41 191, DG, 1.ª série, n.º 162, de 18 julho 1957.

Forte abaluartado, cuja construção iniciou em 1674, no âmbito das Guerras da Restauração. Integra-se na 2ª linha fortificada, de Peniche a Cascais e à barra do Tejo e é um exemplar quase único de fortificações posteriores à Restauração sem alterações arquitetónicas. A pequena enseada, protegida pelos seus fogos, serviu de desembarque às tropas inglesas que vieram reforçar as forças anglo-lusas do comando de Wellington que tomaram parte no combate da Roliça e Batalha do Vimeiro, aquando da 1ª Invasão Francesa, em 1808.

Através do trabalho de campo foi constatado que o forte se encontra em risco de derrocada devido à erosão na arriba que colocou a descoberto parte das suas fundações<sup>65</sup>.

Apesar deste imóvel acrescentar, pela sua natureza e localização privilegiada no litoral, diversidade ao conjunto de bens inventariados, a sua utilização na formulação de produtos turísticos deverá ser previamente analisada pelas entidades competentes de forma a garantir todas as condições de segurança à sua visita.

Quanto aos bens patrimoniais não classificados foram identificados e caracterizados os seguintes elementos:

## 02 BBR Túmulo do Tenente-Coronel Lake

Concelho: Bombarral; Freguesia: Roliça.

Existe um registo com a referência IPA 00004951<sup>66</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

Na encosta da Serra do Picoto uma cruz de pedra rodeada por uma vedação metálica e uma pedra de mármore com texto evocativo assinalam o local da sepultura do Tenente-Coronel

---

<sup>64</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2). Consultado em 05.09.2019

<sup>65</sup> Esta informação é também veiculada pela comunicação social. <https://www.dn.pt/portugal/forte-em-risco-de-derrocada-por-erosao-da-arriba-na-praia-de-paimogo-lourinha-9057454.html>

<sup>66</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=4951](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4951). Consultado em 04.09.2019

Augustus Frederik Lake (1781-1808), que aqui perdeu a vida na Batalha da Roliça, a 17 de agosto de 1808.

#### 03 BBR Moinho da Roliça

Concelho: Bombarral; Freguesia: Roliça.

Local onde se desenvolveram ações militares no dia 17 de agosto de 1808 situado em espaço rural, no limite do perímetro urbano da aldeia da Roliça, com vista para a Quinta da Freiria. Este foi o local da 1ª Posição Francesa na Batalha da Roliça e onde seguidamente se posicionou a artilharia inglesa

#### 04 BBR Monumento da Batalha da Roliça

Concelho: Bombarral; Freguesia: Roliça.

Painel de azulejos comemorativo da Batalha da Roliça baseado numa antiga gravura *d'après nature* de Lévêque.

#### 05 BBR Marco Caveira

Concelho: Bombarral; Freguesia: União de Freguesias de Bombarral e Vale Covo.

De acordo com Francisco Vergikosk, (1995: ??), no decurso da retirada da Batalha da Roliça em direção a Torres Vedras, as tropas francesas sepultaram os seus mortos no local assinalado por um marco onde durante décadas foram surgindo à superfície caveiras e diversos artefactos.

#### 04 LNH Quinta da Moita Longa

Concelho: Lourinhã; Freguesia: União das Freguesias de Lourinhã e Atalaia.

Existe um registo com a referência IPA 00006320<sup>67</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

Solar residencial, cuja construção remonta ao século XVI, composto por uma casa principal como capela e a oeste da casa principal desenvolve-se o jardim organizado em vários planos, integrando um tanque retangular, em torno do qual se reconhecem bancos e canteiros. Em 1808, uma divisão de infantaria do exército luso-britânico, comandada pelo general Campbell esteve aquartelada na quinta

---

<sup>67</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320). Consultado em 04.09.2019

#### 06 LNH Quartel-General de Wellington

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro.

Existe um registo com a referência IPA 00011880<sup>68</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, mas sem informação.

Edifício ainda hoje existente no qual esteve instalado o Quartel-General de Wellington de 19 a 23 de agosto e onde, na sequência da Batalha do Vimeiro, foram encetadas negociações entre ingleses e franceses, dando origem ao Armistício.

#### 07 LNH Hospital de Campanha do Vimeiro

Concelho da Lourinhã, Freguesia: Vimeiro

A poucos metros da Igreja do Vimeiro e em frente ao Quartel-General de Wellington encontra-se um edifício onde, segundo a tradição oral, terá sido instalado o Hospital de Campanha para tratamento dos feridos da batalha.

#### 08 LNH Antiga Casa Rural – Hospital de Campanha

Concelho da Lourinhã, Freguesia de Santa Bárbara, localidade de Fonte Lima.

Antiga Casa Rural onde terá sido feito tratamento de feridos dos combates que tiveram lugar em Fonte de Lima. “(...) Neale diz-nos ainda que os feridos foram assistidos numa casa rural. Ora, em Fonte Lima existe uma antiga casa rural onde, conta a população, foram assistidos os feridos da batalha. (...)” (Bento, 2019)

#### 09 LNH Igreja Paroquial do Vimeiro

Concelho da Lourinhã, Freguesia: Vimeiro

Existem dois registos do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico referente à Igreja do Vimeiro: IPA.00011026 (descrição completa do edifício, mas não refere os acontecimentos de 21 de agosto de 1808) e IPA.00011027 (registo sem informação).

Durante a Batalha do Vimeiro, ocorrida a 21 de agosto de 1808, tiveram lugar junto à igreja e nas ruas da povoação ataque entre as forças em combate: (...) O terceiro ataque comandado por Kellerman evitou subir a colina e, aproveitando ainda a confusão do primeiro ataque, flanqueou-a pela esquerda, procurando entrar na povoação. O General Brigadeiro

---

<sup>68</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=11880](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11880). Consultado em 04.09.2019

Anstruther antecipando as intenções de Kellerman, ordenou que o 43º Regimento descesse a colina até ao adro da Igreja e tomasse a sua defesa (...). (Ribolhos, 2008, 28). No adro da Igreja, foi feito tratamento de feridos e nos dias seguintes à batalha, esta terá servido de hospital (Ribolhos, 2008; 29).

### 5.2.2. Campos de batalha e sítios arqueológicos

#### 02 BBR Campo da Batalha da Roliça

Concelho: Bombarral; Freguesia: Roliça.

Existe um registo com a referência IPA 00026760<sup>69</sup> no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico referente ao Cruzeiro que se encontra neste local.

Local onde se desenvolveram ações militares no dia 17 de agosto de 1808 situado no cume da Serra do Picoto e que corresponde à 2ª Posição Francesa. Aqui se encontra um cruzeiro assente numa base calcária onde se ergue uma cruz latina, formada por três elementos, que criam as hastes da cruz, sem qualquer decoração. O cruzeiro foi colocado no séc. XIX para marcar o local do confronto anglo/luso com as forças napoleónicas, na Batalha da Roliça. Na base do cruzeiro está inscrita a data 1753, que corresponde à instituição da Confraria de Santa Ana e Nossa Senhora da Pobreza, cuja capela se encontra nas imediações, e em ruínas, indicando que este cruzeiro aproveitou a existência de matéria-prima. No séc. XX, o antigo cruzeiro de madeira, foi substituído pelo monumento atualmente existente; em 2008 foi colocada uma placa evocativa das comemorações do bicentenário da Batalha da Roliça.

A inexistência de constrangimentos para a colocação de suportes de interpretação em formatos de maior dimensão constitui uma oportunidade para valorização deste local, devendo ser planeado o acesso e estacionamento para viaturas.

#### 03 LNH Campo da Batalha do Vimeiro

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro

CNS (Código Nacional de Sítio) 35838.

A Batalha do Vimeiro foi travada no dia 21 de agosto de 1808, no âmbito da Primeira Invasão Francesa de Portugal. Opuseram-se o exército anglo-luso comandado pelo General Arthur Wellesley e o exército francês comandado por Jean Andoche Junot. Esta batalha resultou numa vitória clara do exército anglo-luso sobre as tropas da França Imperial, sendo também

---

<sup>69</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=26760](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=26760). Consultado a 5.9.2019.

decisiva pois pôs o termo à Primeira Invasão Francesa e à sua governação de Portugal, que acontecia desde o fim de novembro de 1807.

O combate terá durado cerca de duas horas e meia e o número de baixas provocadas terá sido de 720 ingleses e 1800 franceses, entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros. A batalha teve lugar em dois locais distintos, no lugar da Ventosa e Fonte de Lima (freguesia de Santa Bárbara) e no Vimeiro (lugar do Outeiro nas encostas da colina do Vimeiro e junto da Igreja de S. Miguel).

No Vimeiro, a batalha decorreu em locais que, atualmente, correspondem a campos agrícolas, na sua maioria. Existem vestígios materiais e arqueológicos daquele momento histórico que surgem à superfície durante a realização de trabalhos agrícolas.

Ao longo dos anos têm sido recolhidos objetos pelos proprietários dos terrenos e pela população local, sobretudo durante aqueles trabalhos de lavra, existindo muitas pessoas, residentes do Vimeiro, que ainda hoje dão conta disso mesmo através da história oral. Há vários e frequentes relatos, que remontam ao séc. XX, acerca do espólio proveniente do campo da batalha: desde balas que foram reutilizadas como pesos de pesca, até uma festa popular que terá sido paga graças aos baldes de balas recolhidos e vendidos pelas gentes da terra.

A comprovar a real existência e frequência destes achados casuais são alguns dos artefactos arqueológicos que chegaram ao Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro (CIBV), provenientes de doações feitas pelos habitantes locais e pelo espólio recolhido nas investigações arqueológicas realizadas por Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira (Ferreira 2015) e que deram origem à tese de mestrado realizada por Rui Ribolhos Filipe (Filipe, A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica 2015).

Os trabalhos de arqueologia realizados por Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira, falecido em 2014, permitiram: “a recolha e identificação de um significativo número de objetos relacionados diretamente com a Batalha do Vimeiro. Balas de chumbo, fragmentos de granadas, botões, etc.”, confirmação da Batalha do Vimeiro na colina “corroborando que as linhas Luso-britânicas permitiram aos Franceses uma aproximação ‘perigosa’ e fizeram fogo a curta distância para causar o máximo de dano” (Ferreira, 2015).

Por iniciativa da Câmara Municipal da Lourinhã, novos trabalhos de prospeção arqueológica foram iniciados em 2018, alargando então o local de execução para além do concelho da Lourinhã. Foram indicadas a freguesia do Vimeiro (Lugares do Outeiro, Sítio da Lagoa ou Lagoa de Sangue, Alto do Cutelo, Colina do Vimeiro, Esteveiras), a freguesia de Santa Bárbara (lugares de Ventosa e Fonte de Lima) e, no concelho de Torres Vedras, a freguesia de A-dos-Cunhados (lugar de Carrascais).

Atualmente, a utilização do Campo de Batalha é predominantemente de referência visual no apoio à interpretação efetuada a partir das visitas realizadas no CIBV (cuja janela principal está estrategicamente orientada para o Campo de Batalha) e, pontualmente e com autorização dos proprietários, em atividades de recriação histórica.

Atendendo às limitações de espaço do CIBV, a utilização de parte do Campo de Batalha para a criação de novas ofertas *outdoor* deverá ser ponderada, num exercício que deverá sempre assegurar o cumprimento das boas práticas de proteção arqueológica do local.

### 5.2.3. Equipamentos diferenciados de relevância

Neste ponto serão apresentados equipamentos que, apesar de não serem bens patrimoniais militares, reúnem condições para a estruturação, no território, de produtos de natureza turística cultural-militar:

#### 02 LNH Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro

Inaugurado em 2008, este equipamento encontra-se estrategicamente localizado junto ao Campo de Batalha. Após a decisão do Executivo Municipal da Lourinhã em 2014, que enquadrou o CIBV no Regulamento Orgânico da Câmara Municipal, foram concretizados diversos investimentos que vieram dotar o espaço de novos conteúdos expositivos, assim como de uma oferta diversificada de serviços que permitem a satisfação de vários públicos. Foi também criado um quadro de pessoal a tempo inteiro onde se inclui atualmente uma historiadora e dois assistentes técnicos. Destacam-se as seguintes ofertas:

- Aplicação CIBV para *Android* e *IOS*: desenvolvida ao longo do ano de 2015 e apresenta um design atrativo e conteúdos simples e facilmente perceptíveis, com uma componente de *gamification*, conteúdos bilingues e uma versão infanto-juvenil. Integra também dois guias para percursos pedestres, um pela localidade do Vimeiro, numa extensão de 1500 metros e outro percurso com cerca de 12 000 metros pelos locais mais emblemáticos da batalha;

- Agenda Cultural: foi em 2015 que foi organizada a primeira edição da agenda do CIBV. Atualmente as atividades da agenda tem uma cadencia mensal e, face aos resultados alcançados nos anos anteriores, diversas atividades mantem-se na programação. A organização do conjunto de atividades da agenda envolve parceiros como a Junta de Freguesia do Vimeiro, a Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro ou o Grupo de Teatro TAMAL, fortalecendo a ligação do CIBV à comunidade local;

Serviço educativo e atividades para o público em geral:

- Visitas guiadas: nestas visitas, adaptadas aos diversos tipos de público, os visitantes têm oportunidade de explorar a exposição permanente do CIBV, abordando as diversas temáticas relacionadas com a Guerra Peninsular e com a Batalha do Vimeiro: enquadramento, explicação do confronto com base na observação do campo da batalha, abordagem aos exércitos do período Napoleónico. A atividade pode incluir também visita à exposição temporária;

- *Battle Tours* e Passeios Pedestres orientados: percursos pedestres destinados a dar a conhecer os espaços associados à memória da Batalha do Vimeiro. Os passeios têm cerca de 2 km e percorrem a localidade do Vimeiro visitando os espaços mais significados para a compreensão do confronto: campo da batalha, Igreja, Quartel-General de Wellington, Hospital de Sangue, Estátua do Soldado, Monumento Comemorativo do Primeiro Centenário. Os *Battle Tours* são percursos mais extensos, com cerca de 12 km, que aliam a cultura à atividade física percorrendo os espaços com memórias associadas à batalha: campo da batalha, Igreja, Quartel-General de Wellington, Hospital de Sangue, Fonte Lima e Ventosa, Toledo, Posto de Comando de Jean Andoche Junot e Monumento Comemorativo do Primeiro Centenário;

- Programas de Meia Jornada: contemplam atividades que permitam ao visitante passar uma manhã no CIBV e é composto pela visita guiada ao espaço e por um passeio pedestre com cerca de 2 km pelos espaços com memórias associadas à Batalha do Vimeiro: Campo da Batalha, Quartel-General, Igreja, Hospital de Campanha, Monumento;

- Programas de Jornada Completa: contemplam atividades para os períodos da manhã e da tarde. A atividade começa com um *Battle Tour*, sugerindo-se para o período da tarde a visita ao CIBV. Conta com parcerias com unidades de restauração local de modo a que estas possam ter uma oferta temática que complemente estes programas. De referir que foi realizada uma investigação ao nível de ementas da época oitocentista, a qual foi fornecida a estes parceiros;

Atividades para o Público em Idade Escolar:

- Visitas Temáticas: os alunos do Pré-Escolar e 1º Ciclo poderão explorar temáticas sobre a Batalha do Vimeiro. A visita termina com a realização de uma atividade em contexto de oficina pedagógica;

- Visita Wellington: direcionada para os alunos do Pré-Escolar e 1º Ciclo que, partindo de uma história sobre Wellington, lança um desafio para uma atividade de exploração pelo CIBV que permite aos mais novos aprenderem mais sobre o quotidiano dos soldados da Guerra Peninsular;

- A Manta: visita temática direcionada para os alunos do Pré-Escolar e 1.º Ciclo;
- Oficinas Pedagógicas: atividades de artes plásticas desenvolvidas em torno da temática das Invasões Francesas e direcionadas para os níveis Pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos;
- Jogos Didáticos: Wellington e o Caminho da Vitória: Atividade lúdico-didática que inclui *peddy paper*, destinada aos alunos dos 1.º e 2.º ciclos;
- Soldadinhos de Wellington; Gincana destinada aos alunos do Pré-Escolar e 1.º e 2.º ciclos.

#### Atividades para o Público Sénior:

- Oferta que contempla a visita à exposição permanente e atividades ao ar livre na área envolvente. Esta zona reúne boas condições para o efeito visto tratar-se de uma área plana, sem degraus ou desníveis onde podem ser dinamizadas oficinas pedagógicas e explicações sobre o Monumento Comemorativo e os painéis de azulejos alusivos à batalha;

#### Programas para Férias Escolares

- Desde 2016, o CIBV dispõe de programas específicos para as férias escolares com a atividade “O Natal de Wellington” que inclui a leitura de uma história sobre Wellington e a realização de jogos de exploração. Todas as atividades podem ser adaptadas para públicos com Necessidades Educativas Especiais, Percursos Curriculares Alternativos, população com deficiência cognitiva e público sénior.

Dispõe de folheto e espaço próprio no menu de turismo no *website*<sup>70</sup> da Câmara Municipal da Lourinhã, assim como de página própria de *facebook*, onde as publicações são efetuadas em língua portuguesa e inglesa. Integra ainda diversos suportes de conteúdos turísticos genéricos em papel editados por esta autarquia e, pontualmente, da Entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal. É servido por boas acessibilidades e sinalização direcional. A zona de estacionamento tem condições limitadas para autocarros.

O CIBV aproxima-se de um número anual estabilizado de aproximadamente 10.000 visitantes, valores que contrastam com os 1770 do Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras, no Sobral de Monte Agraço (Figura 5.5. e Figura 6.5).

---

<sup>70</sup> Em português, inglês, francês, castelhano e alemão. Consultado em 18.01.2019. Disponível <http://www.cm-lourinha.pt/cibvpaginaentrada>

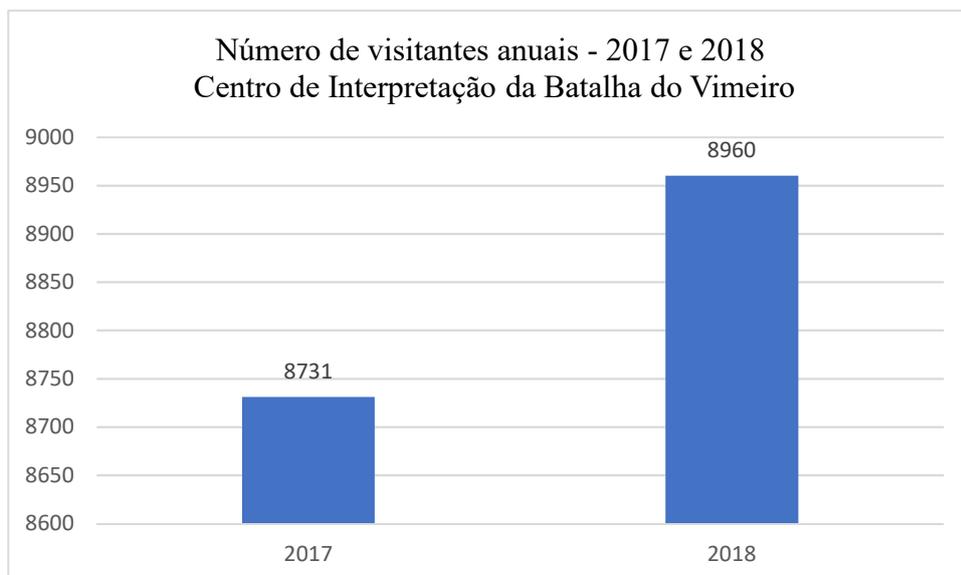


Figura 4.5. CIBV – Número de visitas anuais nos anos de 2017 e 2018. Fonte: Câmara Municipal da Lourinhã.

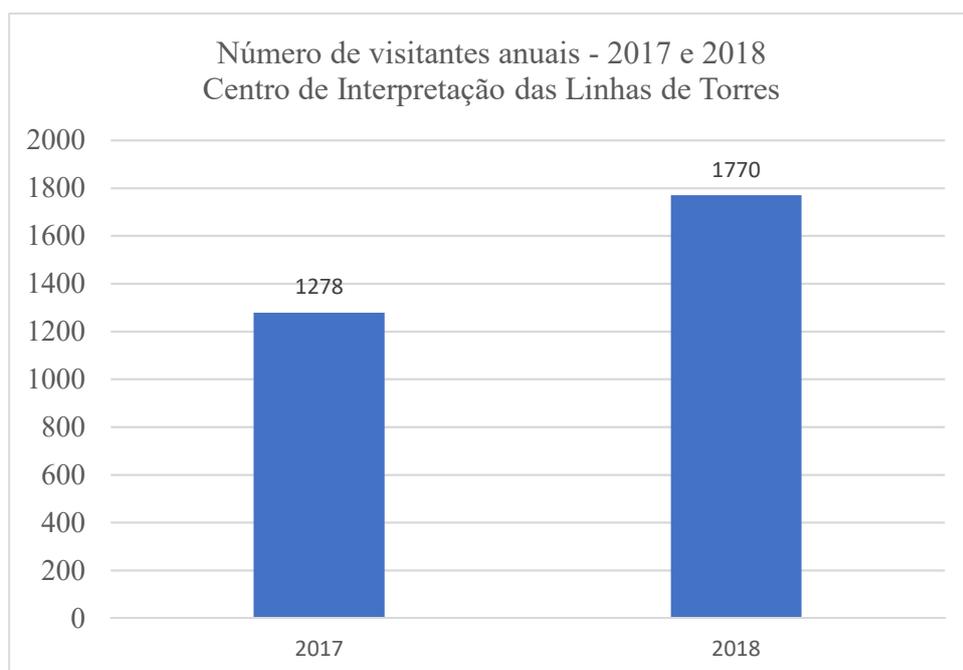


Figura 5.5. CILT. - Número de visitantes anuais em 2017 e 2018. Fonte: Câmara Municipal da Lourinhã.

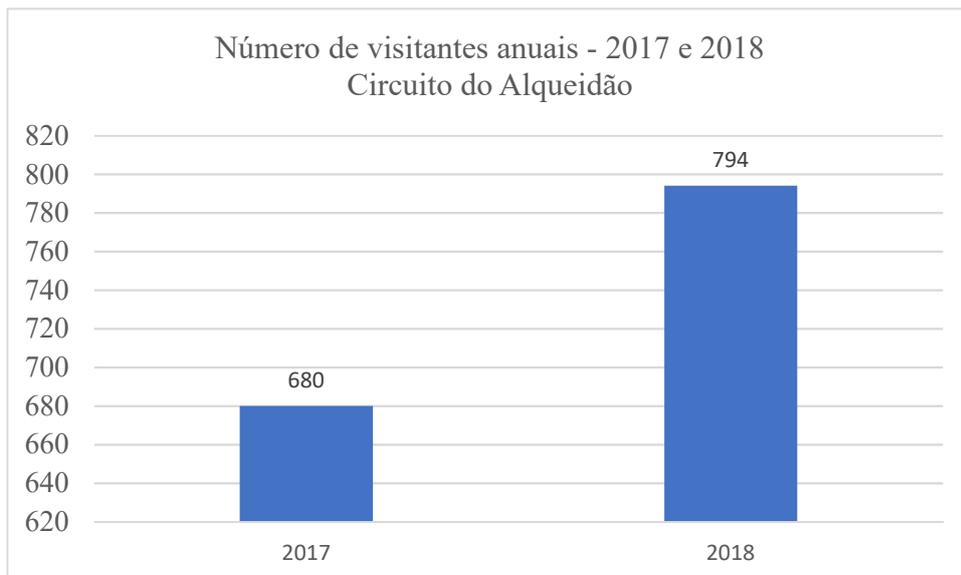


Figura 6.5. Circuito do Alqueidão - Número de visitantes anuais em 2017 e 2018. Fonte: Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço.

Como ficou acima demonstrado, pela amplitude da sua oferta de atividades, suportes de comunicação, condições gerais de funcionamento e capacidade de envolver a população do Vimeiro nas suas atividades, o CIBV encontra-se num estado de avançado desenvolvimento e maturidade, sendo um produto consolidado à escala municipal e regional, integrando também diversos projetos de âmbito nacional relacionados com o Turismo Militar.

Não carece de intervenção para integrar novos produtos e encontrando-se inclusivamente, em 2019, e, fase de execução de uma candidatura à Linha de Apoio ao Turismo Acessível que irá dotar o CIBV das melhores práticas de ao nível da acessibilidade e inclusão.

#### Palácio Gorjão

Concelho: Bombarral; Freguesia: União das freguesias de Bombarral e Vale Covo.

IPA 00003293<sup>71</sup> (Sistema de Informação do Património Arquitetónico).

Imóvel de Interesse Público; Decreto n.º 2/96, DR, 1.ª série-B, n.º 56 de 06 março.

Atualmente propriedade da Câmara Municipal, o Palácio Gorjão é um imóvel de inícios do século XVII, outrora conhecido como Palácio dos Coimbras, localizado na praça da República, no centro da vila do Bombarral.

<sup>71</sup> Disponível em [www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3293](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3293). Consultado em 14.08.2019.

Casa nobre maneirista, o início da sua construção data da segunda metade do século XVII. No século XVII passou a ser propriedade da família Gorjão Henriques, na posse de quem se manteria até ao início do século XX.

Funcionou como garagem de autocarros da firma Capristanos, loja de fotografia e escola. Na ala norte funcionou a biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1985, num espaço anexo ao palácio, foi inaugurado um auditório que dispõe de 116 lugares sentados, a biblioteca municipal e um anfiteatro ao ar livre.

Em 1990 foi inaugurado no palácio o Museu Municipal Vasco Pereira da Conceição e Maria Barreira, bem como o Posto de Turismo. O Museu possui acervo de arqueologia, epigrafia e heráldica, medalhística, etnografia, escultura; possui ainda obras de Jorge de Almeida Monteiro, o espólio do escritor Júlio César Machado, um espaço dedicado ao poeta Anrique da Mota, e o espólio do fotógrafo Fernando Neves.

Carece atualmente de obras de restauro e dispõe de condições, mediante uma intervenção de reafecção funcional dos seus espaços, para albergar um núcleo museológico sobre a Batalha da Roliça. O seu auditório e o anfiteatro poderão também acolher diversas atividades pontuais, como seminários ou teatro.

#### Teatro Eduardo Brazão

Concelho: Bombarral; Freguesia: União das freguesias de Bombarral e Vale Covo  
IPA 00003307<sup>72</sup> (Sistema de Informação do Património Arquitetónico).

Imóvel de Interesse Público; Decreto n.º 2/96, DR, 1.ª série-B, n.º 56 de 06 março 1996

Inaugurado a 27 de dezembro de 1921, o Teatro Eduardo Brazão situa-se na Rua Nuno Álvares Pereira, na vila do Bombarral, dispondo atualmente de 300 lugares repartidos entre plateia e camarotes (originalmente eram 458 lugares). A inauguração contou com a presença do ator cujo nome foi atribuído ao imóvel.

Teve a sua origem numa iniciativa da Empresa Recreativa do Bombarral, que durante décadas foi a responsável pela gestão do espaço, passando posteriormente a sua propriedade e gestão para a União Cultural e recreativa do Bombarral, atual detentora do mesmo.

Foi objeto de obras de restauro na década de 1950 na sequência de ventos fortes que causaram elevados danos e, novamente, no ano de 2004, mantendo desde então uma programação cultural regular. A fachada deste teatro, “apresenta notórias semelhanças com a

---

<sup>72</sup> Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74631/>. Consultado em 14.08.2019.

do teatro Sá da Bandeira, em Santarém, ambos com alçado principal dominado por amplo janelão, solução que se repete em Estremoz e que parece seguir o modelo do Teatro Politeama” (Carneiro, 2002:1089).

Não carece de intervenção para acolher atividades pontuais.

#### 5.2.4. Eventos

Recriação Histórica da Batalha do Vimeiro & Mercado Oitocentista

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro.

Apesar de inserido no âmbito das comemorações do aniversário da batalha, realiza-se no mês de julho, com duração de três dias. Junto ao CIBV e ao Campo de Batalha. Trata-se de um evento que recria o ambiente histórico-cultural em que foi travado o confronto e que tem como momento âncora a recriação histórica da batalha com a presença recriadores nacionais e estrangeiros. É organizado pelo Município da Lourinhã, Junta de Freguesia do Vimeiro e Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro em parceria com a Associação Napoleónica Portuguesa. Na edição de 2018, este foi já um produto turístico com forte impacto para o concelho, com a organização a comunicar que acolheu cerca de 20.000 visitantes.

#### 5.2.5. Atividades

PR3 – Pelos Caminhos da Batalha do Vimeiro

O Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro é o ponto de partida e de chegada de um percurso pedestre em circuito que percorre os principais locais associados à memória da batalha. Esta pequena rota está sinalizada nos dois sentidos e homologada pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, pelo que pode ser percorrida de forma autónoma, sem necessidade de guia. Decorre na parte sul do concelho da Lourinhã num total de 17.600 metros de extensão e dispõe de folheto próprio com descrição do percurso.

Também na análise deste conjunto de recursos se reconhece a maturidade dos investimentos feitos desde 2008 no concelho da Lourinhã, com o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, o evento anual de recriação histórica ou o percurso pedestre homologado a ocuparem um lugar de grande visibilidade, assumindo-se como âncoras dentro da oferta atualmente disponível.

### 5.3. Recursos Secundários

#### 5.3.1 Agentes

Comissão de Melhoramentos da Columbeira (CMB):

Concelho: Bombarral; Freguesia: Roliça.

Tipo de elemento: Associação sem fins lucrativos

A Comissão de Melhoramentos da Columbeira foi constituída no dia 15 de março de 1983 e tem como finalidade defender e valorizar o património arquitetónico da Columbeira. Esta associação organiza anualmente um passeio pedestre no dia 17 de agosto e ambiciona a criação de um espaço museológico subordinado ao tema da Batalha da Roliça.

Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro (AMBV):

Concelho: Lourinhã; Freguesia: Vimeiro.

Tipo de elemento: Associação sem fins lucrativos

Constituída no dia 23 de fevereiro de 2015 é uma instituição sem fins lucrativos, de direito privado e desenvolve a atividade de Recriação Histórica e Animação Turística de uma forma regular e sistemática. A A.M.B.V. dispõe de um Grupo de Recriação Histórica – (GRH), presentemente constituído por mais de duas dezenas de elementos, que, com o apoio de outras instituições existentes em Portugal, recebeu formação adequada. Assim, os elementos do GRH encontram-se aptos a participar em eventos não só de recriação histórico-militar, mas também noutras atividades compatíveis com a época do período da Guerra Peninsular. Para além de fardamento, os recriadores dispõem de armas de fogo.

A A.M.B.V. tem como principais objetivos:

- a promoção e divulgação do conhecimento da história de Portugal, principalmente associado ao período histórico designado por Guerra Peninsular (1807 – 1814) de que a Batalha do Vimeiro, ocorrida a 21 de agosto de 1808, foi um dos episódios mais significativos;
- a preservação e divulgação do património histórico-cultural da freguesia do Vimeiro em particular e do concelho da Lourinhã, em geral, tendo em conta as perspetivas e o desenvolvimento associados ao chamado Turismo Militar;
- a defesa da memória histórica dos participantes na batalha bem como dos habitantes do Vimeiro e localidades vizinhas desde essa época até aos nossos dias;
- a recriação histórica de unidades militares extintas e a participação em eventos da mesma índole no país ou no estrangeiro, através de um ou mais grupos de figurantes militares ou civis, a troca de experiências, a colaboração e o intercâmbio com

organizações similares, nacionais e estrangeiras, para a partilha de conhecimentos e de realizações, bem como a participação em quaisquer outras atividades consideradas de utilidade para a prossecução dos fins e propósitos da associação.

A A.M.B.V. tem marcado presença nos mais importantes eventos de recriação histórica oitocentista em Portugal. De relevar ainda a capacidade que a A.M.B.V. tem tido para envolver a população local nas suas atividades, evoluindo para além da vertente militar, como é o exemplo do Grupo de Danças Oitocentistas, num trabalho que tem conseguido conciliar os interesses da comunidade e da atividade turística.

Através das palavras de Joaquim Loureiro<sup>73</sup>, Presidente da Direção da AMBV, foi constatada a disponibilidade desta associação para “colaborar em termos de recriações históricas e partilhar todos os conhecimentos que temos e os da Associação Napoleónica Portuguesa, à qual pertencemos”, com a Comissão de Melhoramentos da Columbeira.

A boa relação entre estas entidades poderá ser um fator importante na recuperação de algum do atraso que é sentido no concelho do Bombarral.

---

<sup>73</sup> Entrevista realizada a Joaquim Pedro da Silva Loureiro, Presidente da Direção da Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro, em 28.09.2019

## 6. ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ROTEIRIZAÇÃO

Considerando a informação recolhida através desta investigação, a possibilidade de implementação de uma rota faseada, composta por itinerários históricos e educativos, desenvolvidos em regime de consumo individual ou em grupo, surge com alguma naturalidade, como uma das opções de maior aceitação e viabilidade.

Sem prejuízo das fases posteriores de desenvolvimento do projeto, a proposta desta investigação reconhece que existem condições para a criação de um itinerário intermunicipal subordinado ao tema das Invasões Francesas - Primeira Invasão Francesa - ancorado nas batalhas da Roliça e do Vimeiro. Desde logo, assume-se a possibilidade de este ser posteriormente integrado numa rota de maior extensão territorial, constituindo este projeto um impulso para uma futura colaboração com outros territórios ligados a este período histórico, desde concelhos vizinhos, como Óbidos e Torres Vedras, até a zonas mais distantes como Figueira da Foz, Abrantes ou Segura, entre outros. A introdução deste projeto em rotas internacionais subordinadas a este tema (por exemplo o “*Destination Napoléon*” obrigará a uma adequação, desde o início, aos modelos já vigentes, trabalho que deverá ser considerado também.

Contudo, a criação de itinerários culturais apresenta algumas dificuldades e atrasos em materializar-se no terreno, contribuindo para um desgaste nas relações entre decisores políticos e os diferentes *stakeholders*, cujas expectativas e necessidades nem sempre se coadunam com os tempos de execução de projetos cuja liderança é forçosamente assumida por entidades públicas.

O processo de estruturação de rotas, a que Luís Mota Figueira designou como Roteirização, “serve os objetivos de caracterização de recursos disponíveis, sua transformação em atrativos turísticos e sua “apresentação-interpretação”, servindo o mercado turístico, mediante a estruturação da oferta de viagens culturais” (Figueira, 2013:20). Das valências que este processo de Roteirização traz, destaca-se uma lógica de valorização do território, assente em paradigmas de sustentabilidade regional das ofertas turísticas e no conhecimento e reconhecimento contínuo dos ativos patrimoniais cuja “missão enquanto instrumento de desenvolvimento de base territorial é decisiva na relação Turismo-Cultura, porque é a sua referência informativa de base” (Figueira, 2013:20).

Na base da criação de roteiros estão os processos de conhecimento dos bens culturais em presença, no caso em análise, o património cultural (material e imaterial) associado à 1ª Invasão Francesa. Este conhecimento possibilita a sua inserção no domínio dos recursos com aptidão turística, acompanhada necessariamente por uma categorização e conformidade dos

mesmos (nem todos os locais têm a mesma possibilidade de serem integrados num processo de construção de uma rota) e, juntamente com outros recursos turísticos existentes nos territórios (culturais ou não) contribuem para a “definição de produtos turísticos característicos de um destino” (Figueira, 2013:20) e que assumem diversas formas: rotas, itinerários ou circuitos.

Assim, no contexto territorial e temático definido nesta investigação, o Roteiro-Base de Dados deverá englobar todos os pontos com possível interesse turístico-cultural associados aos acontecimentos militares de agosto de 1808 e disponibilizar a informação referente às suas localizações, atividades disponíveis, horários de funcionamento de instituições públicas ou privadas, com proximidade à Roliça e ao Vimeiro, que “sirvam direta ou indiretamente para o consumo do produto turístico, incluindo alojamento, unidades de saúde, instituições financeiras, de segurança, casas comerciais e outros prestadores de bens e serviços” (Figueira, 2013:52). Para concretização deste processo, Figueira avança com uma proposta de Ficha de Recurso Turístico-cultural:

Luis Mota Figueira		FICHA DE RECURSO TURÍSTICO-CULTURAL (MUNICIPAL)	
IDENTIFICAÇÃO	Denominação e Localização		
	Propriedade e Classificação		
	Estimativa de frequência anual de visitantes		
AVALIAÇÃO	Capacidade atractiva		
	Singularidade		
	Envolvente		
	Notoriedade		
	Visitabilidade		
	Estado de conservação		
	Boa		
ACESSIBILIDADE	Mediocre		
	Má		
	Situação actual		
ORIENTAÇÕES PARA O RECURSO	Situação pretendida		
	Factores favoráveis		
	Factores desfavoráveis		
	Acções recomendadas		
OUTROS DETALHES	Acções prioritárias		
Município de _____ O Técnico _____ / /			

Figura 7.6. Ficha de Recurso Turístico-cultural. Fonte: Figueira, Luís Mota (2013).

Também Silva realça a importância de uma base de dados de recursos turísticos, referindo alguns requisitos específicos:

“(…) devidamente construída e que tire partido das soluções de vanguarda ao nível das tecnologias de informação e comunicação (TIC), assume-se como uma ferramenta indispensável para o estudo ou a criação de novos produtos turísticos e também para a valorização dos existentes, podendo igualmente ser utilizada como instrumento de planeamento turístico, de ordenamento do território, de definição turística de cada região e de orientação dos próprios investimentos a efetuar, além de constituir um repositório de informação que também interessa aos próprios turistas…” (Silva, 2017: 201).

Foi com base na estruturação de recursos proposta por Silva, apresentada no capítulo 5, que se desenvolveu esta dissertação perspetivando-a como um modelo para a organização do Roteiro-Base de Dados da Primeira Invasão Francesa. O conjunto de recursos identificados no capítulo 5 e a informação sobre eles apurada nesta dissertação constitui um primeiro grupo de entradas.

Também a informação recolhida através do acesso ao Registo Nacional do Turismo<sup>74</sup> será parte integrante da base de dados:

Bombarral		
Alojamento Local	Registos: 37	Camas: 191
Empresas de Animação Turística	4	
Agências de Viagens	1	
Empreendimentos Turísticos	3	Capacidade: 121
Lourinhã		
Alojamento Local	Registos: 316	Camas: 1507
Empresas de Animação Turística	32	
Agências de Viagens	7	
Empreendimentos Turísticos	11	Capacidade: 1544

Quadro 6.6. Entidades existentes no Registo Nacional de Turismo nos concelhos do Bombarral e Lourinhã. Fonte: Turismo de Portugal. I.P. - Registo Nacional de Turismo

<sup>74</sup> O Registo Nacional de Turismo centraliza e disponibiliza para consulta informação relativa aos empreendimentos e empresas do turismo em operação em Portugal. Disponível em <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/ConsultaAoRegisto.aspx>. Consultado em 4.08.2019.

Mas, conforme refere Figueira, os contributos que o integram “deverão ser constantemente atualizados e, neste sentido, a produção de conhecimento, nomeadamente no âmbito de dissertações e teses de académicas ou relatórios, e outros documentos técnicos de origem académica ou empresarial” (Figueira, 2013:51).

Só após ser alcançado um volume de informação que permita a satisfação de todas as necessidades do consumo turístico se poderá dar início à criação, implementação e desenvolvimento de qualquer rota. Para tal, Figueira refere, em termos de senso-comum, quatro linhas de arranque:

1. Definição da temática (identidade da rota);
2. Definição dos Pontos de Interesse Turístico (geografia dos Atrativos a considerar como locais substantivos da rota);
3. Levantamento de recursos pertinentes (composição de Atrativos da rota);
4. Programação da Apresentação e Interpretação (projeto de traçado e de gestão da rota) (Figueira, 2013).

Aceitando a abordagem de Figueira, a figura do Circuito Local, reiterando a possibilidade de este ser posteriormente integrado num itinerário temático de maior extensão territorial, será merecedora de especial atenção, pois configura-se como o ponto de partida para materialização da proposta.

Afirma Figueira que:

“é nos Circuitos locais que acontece turismo, porque é neles que se dá o encontro de pessoas, de culturas. As autarquias são, nesta medida, as organizações que, conjuntamente com os operadores turísticos, maiores responsabilidades têm na oferta de Circuitos locais, porque estão mais perto destas realidades. As autarquias de menor dimensão territorial, as freguesias, deveriam ter aqui um papel promotor determinante” (Figueira, 2013:101).

A conjugação deste entendimento com o conjunto de *stakeholders* identificados nesta investigação reforça o papel decisivo que as câmaras municipais do Bombarral e da Lourinhã, assim como as freguesias da Roliça e do Vimeiro, deverão assumir e também nesse sentido se promoveu a abordagem metodológica desta dissertação.

A realização deste trabalho permitiu verificar a existência de lacunas de informação sobre os recursos, essencialmente patrimoniais, associados às Batalhas da Roliça e Vimeiro.

A necessidade de programas de investigação é essencial para a melhor definição dos recursos e da sua capacidade de integração em produtos culturais. Esta investigação, dada a natureza dos bens patrimoniais (sítios arqueológicos em muitos casos) requer a participação de técnicos especializados e com competências necessárias para executar trabalhos de campo,

sobretudo trabalhos de prospeção arqueológica e/ou escavação. A existência de um PATA para o sítio da Batalha do Vimeiro confirma a riqueza arqueológica destes locais, que é reforçada pela literatura em torno da *Battlefield Archaeology*. Assim, um extenso, mas incisivo programa de trabalhos arqueológicos permitirá consolidar conhecimentos sobre os bens em presença e aportar outras valências aos mesmos.

A existência de técnicos qualificados nos municípios do Bombarral e da Lourinhã permite o desenvolvimento colaborativo em atividades de investigação. Parcerias com outras entidades, com especial incidência no ensino superior, serão fundamentais, trazendo equipas multidisciplinares e meios que, para além da investigação dos factos históricos ocorridos em agosto de 1808, podem também desenvolver investigação sobre públicos, conservação, restauro entre outras áreas de especialidade que se venham a afigurar como uteis.

A capacidade de disponibilizar em contexto prático os resultados dos trabalhos de investigação e o conhecimento daí resultante serão essenciais para o bom funcionamento do produto cultural que se venha a implementar e sua constante inovação. As entrevistas realizadas com os presidentes das câmaras municipais e presidentes das juntas de freguesia evidenciaram a disponibilidade destas entidades públicas para a afetação dos seus recursos humanos e logísticos. Por seu lado, Norberto Brunheta<sup>75</sup>, lembrou que a manutenção do património histórico e cultural são objetivos estatutários da Comissão de Melhoramentos da Columbeira, afirmando a disponibilidade desta direção para “a preservação destes equipamentos e ajudar a promover e a partilhar este tipo de informação”.

Contudo, quer pela insignificância das limitações administrativas para a atividade turística na perspetiva do turista, quer pela necessidade de lançamento periódico e planeado de novas valências na rota, implementando assim boas práticas no âmbito da gestão de produtos, entende-se que as ações a desenvolver na segunda fase do projeto deverão estender-se os concelhos de Óbidos e Torres Vedras.

Será assim possível incluir novos circuitos que, por exemplo, correspondam aos locais dos confrontos e escaramuças ocorridos nos dias 15 e 16, ou, ainda, sinalizar os diferentes trajetos percorridos pelas brigadas aliadas desde o sul da Vila de Óbidos em direção a Roliça no dia 17. Pela sua dimensão como referência turística nacional, a associação a Óbidos poderá originar significativos ganhos de visibilidade e acréscimo de utilizadores para o projeto.

---

<sup>75</sup> Entrevista realizada a Norberto José Brunheta, Presidente da Assembleia Geral da Comissão de Melhoramentos da Columbeira, em 10.10.2019

No que respeita a Torres Vedras, o desembarque dos reforços britânicos no dia 20 de agosto, poderá dar origem a um novo percurso reproduzindo o trajeto percorrido pelos britânicos desde a praia do Porto Novo até ao Vimeiro. Para além de adicionar locais de valor paisagístico, como são a foz do rio Alcabrichel, a baía da Praia de Porto Novo ou o Vale Tifónico da Maceira<sup>76</sup>, este novo percurso poderá permitir a criação de um ponto de entrada na rota pelo lado oeste, a poucos metros de uma das unidades hoteleiras de maior dimensão da região.

O património histórico-militar que resulta das batalhas da Roliça e do Vimeiro estende-se por uma distância que varia aproximadamente entre os 20 e os 40 km, sendo esta variação originada pelos trajetos escolhidos e pelo modo como podem ser percorridos os locais, pois a distância efetuada de forma pedestre é inferior à opção percorrida em automóvel.

---

<sup>76</sup> O Vale Tifónico da Maceira (Escarpas da Maceira) integra o Inventário Nacional do Património Geológico Português, na categoria temática de sistemas cársicos. Mais informação disponível em <http://geossitios.progeo.pt/geositecontent.php?menuID=&geositeID=1127>. Consultado em 14.06.2019.



Figura 6.1. Distribuição territorial do itinerário. Elaboração própria.

A criação de um itinerário da Primeira Invasão Francesa, incorporando os bens identificados no processo de inventariação, terá uma distribuição territorial na área abrangida na figura 6.1 e poderá ser um dos primeiros produtos a surgir tendo por base um trabalho de Roteirização – Base de Dados.

As etapas desta criação de produto deverão contemplar:

1. A criação de um circuito local na freguesia da Roliça com base nos principais locais da Batalha;

2. Criar um percurso linear entre Roliça e Vimeiro com base nos trajetos percorridos pelas forças em combates;
3. Considerando que o circuito local (PR3 – Pelos Caminhos da Batalha do Vimeiro) já existe no Vimeiro, comunicar este itinerário intermunicipal como uma oferta “unificada”;

Numa extensão aos concelhos vizinhos, poderão ser criados:

4. Torres Vedras: percurso linear com base nos trajetos das forças britânicas entre a Praia de Porto Novo e o Vimeiro;
5. Óbidos: percursos lineares com base nos combates e trajetos das forças aliadas entre Óbidos e Roliça nos dias 15 e 16 de agosto de 1808.

Importa também mencionar que as batalhas da Roliça e do Vimeiro trouxeram um fim à Primeira Invasão Francesa e, simultaneamente, marcaram o início da afirmação de Wellington como figura de primeira importância na luta contra o domínio napoleónico, algo que constitui um valioso capital simbólico no plano de promoção deste produto no mercado britânico.

Com este trabalho pretendeu-se apresentar uma proposta que tivesse a capacidade de se assumir como o impulso inicial para a criação de um produto turístico de maior dimensão e com capacidade para proporcionar um conjunto de opções aos seus futuros utilizadores que permita o incremento de receitas na economia local, nomeadamente ao nível do alojamento, da restauração e da animação.

A inexistência de investimento em torno da Batalha da Roliça desde o ano de 2008 originou o isolamento da Batalha do Vimeiro, apesar do investimento efetuado pela Câmara Municipal da Lourinhã e, conseqüentemente, uma reduzida capacidade de penetração nos circuitos dos operadores turísticos com esta temática, para quem a extensão e duração do produto é um fator de competitividade.

Considerando que o conhecimento que foi possível apurar no âmbito da presente dissertação, nomeadamente sobre o património identificado e informação histórica, possa não estar totalmente completo, existe a necessidade de dar continuidade a esta investigação e, naturalmente, de encontrar respostas para as questões que o desenvolvimento do projeto, na sua implementação em contexto real, irá com certeza trazer.

## 7. CONCLUSÃO

Resulta da presente investigação a constatação de que o património originado pelos acontecimentos militares decorridos na segunda quinzena do mês de agosto de 1808 nas regiões do Bombarral e Lourinhã é possuidor de características que estão atualmente subaproveitadas. Esta conclusão constitui também parte da resposta à questão de partida: poderá o património cultural associado às batalhas da Roliça e do Vimeiro constituir-se como um produto turístico, no segmento do Turismo Militar, na temática das Invasões Francesas, nos concelhos de Bombarral e Lourinhã?

Face às evidências resultantes do trabalho desenvolvido ao longo desta dissertação, a resposta é positiva, verificando-se existirem condições de base, essencialmente recursos primários em quantidade e qualidade, para a estruturação de uma oferta turística que se pode materializar em diferentes produtos, e desde logo a criação de um itinerário intermunicipal surge como uma opção aceite e desejada por decisores políticos, por empresários e por entidades associativas.

Estes recursos primários consistem essencialmente em bens patrimoniais, vestígios existentes no território, parte incontornável da nossa História, capazes de moldar a identidade dos territórios. O património cultural identificado no decurso desta investigação representa um conjunto de mais-valias para a Região Oeste que justifica a atenção e o investimento dos decisores, não apenas pelos benefícios económicos que poderá originar, mas também pelos contributos sociais e culturais que poderá devolver à região e aos seus habitantes.

Perante a atual conjuntura, favorável ao desenvolvimento do Turismo Militar, não só em Portugal, como a nível internacional, a conceção de uma estratégia e o desenvolvimento de um produto turístico intermunicipal, de base cultural, patrimonial e militar, conhece nesta região condições favoráveis para a sua ocorrência. A caracterização do turista militar e a ausência de marcada sazonalidade para esta tipologia de produto acrescentam viabilidade a esta opção, complementando e diversificando a oferta existente nestes territórios.

A viabilidade da estruturação de um Roteiro-Base de Dados da Primeira Invasão Francesa nos concelhos do Bombarral e da Lourinhã, ligando o Turismo e a Cultura, útil aos diversos operadores, foi demonstrada através da presente investigação, quer pelo inventário de património material existente (ao qual se somará ainda o património imaterial), quer pela convergência de visões apurada por via das entrevistas realizadas aos decisores políticos, representantes das entidades associativas dos territórios e operadores privados.

Esta proposta de impulso inicial para a criação de um itinerário temático foi delimitada pelos acontecimentos ocorridos no que hoje corresponde aos concelhos do Bombarral e da

Lourinhã, garantindo, numa primeira fase, maior facilidade de coordenação do projeto nas suas diversas prioridades de investimento, pelo que se propõe, numa primeira fase, a criação de uma rota com início na Roliça e fim no Vimeiro, reproduzindo o trajeto efetuado, também de este para sudoeste, pelas forças militares em confronto.

Por reunir as condições para tal, a Primeira Invasão Francesa deve afirmar a sua importância e conquistar o seu espaço próprio, não apenas no âmbito da oferta turística da Região Oeste, mas, sobretudo, também no quadro nacional e internacional do Turismo Militar originado pela herança napoleónica.

## **8. FONTES**

### **Estatísticas**

Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2011), *Censos de 2011*. Disponível em [https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0005980&selTab=tab10](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0005980&selTab=tab10). Consultado a 6.8.2019.

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018), *Estatísticas do Turismo 2017*.

### **Fontes Orais**

Entrevistas presenciais realizadas a:

Joana Isabel Henriques Caetano, Presidente da Junta de Freguesia da Roliça, em 4.10.2019.

João Duarte Anastácio de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal da Lourinhã em 11.10.2019.

Joaquim Pedro da Silva Loureiro, Presidente da Direção da Associação para a Memória da Batalha do Vimeiro em 28.09.2019.

Norbeto José Brunheta, Presidente da Assembleia Geral da Comissão de Melhoramentos da Columbeira em 10.10.2019.

Ricardo Manuel Silva Fernandes, Presidente da Câmara Municipal do Bombarral em 3.10.2019.

Rui Miguel Martins dos Santos, Presidente da Junta de Freguesia do Vimeiro em 28.09.2019.

Sandra Maria Leitão Gomes Caldeira, sócio-gerente da empresa Mystical Trips em 27.10.2019.

### **Legislação Portuguesa e Internacional**

Decreto-Lei 191/2009, de 17 de agosto, estabelece as bases das políticas públicas de turismo.

Decreto-Lei 83/2018, de 19 de outubro, transpõe para a ordem jurídica portuguesa a Diretiva (UE) 2016/2102, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de outubro de 2016, sobre a acessibilidade dos sítios web e das aplicações móveis de organismos do setor público.

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro. Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural.

ICOMOS (1976), *Charter of Cultural Tourism*

### **Planos e Programas**

Câmara Municipal do Bombarral (2015), *Plano Estratégico do Concelho do Bombarral*.

Câmara Municipal da Lourinhã (2010), *Plano Estratégico da Lourinhã – Diagnóstico Estratégico*.

Turismo de Portugal, I.P. (2017), *Estratégia Turismo 2027* [em linha]. Disponível em [https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia\\_Turismo\\_Portugal\\_ET27.pdf](https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia_Turismo_Portugal_ET27.pdf), p. 55. Consultado em 21.02.2019.

## Outras fontes

ARQNET [em linha]. Disponível em <http://www.arqnet.pt>. Consultado em 13.05.2019.

Associação Portuguesa de Recriação Histórica [em linha]. Disponível em [https://www.facebook.com/pg/APRHistorica/events/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/APRHistorica/events/?ref=page_internal). Consultado em 04.09.2019.

Bento, Ana (2019) “Desenterrar o passado: Mortos e Feridos da Batalha do Vimeiro”, P-45 *Jornal do Exército*, janeiro 2019.

DGPC, SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [em linha]. Disponível em [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

“Destination Napoléon” [em linha]. Disponível em <https://www.destination-napoleon.eu/>. Consultado em 13.01.2019.

“Dia Nacional das Linhas de Torres” [em linha]. Disponível em <https://www.rhlt.pt/pt/associacao-rhlt/>. Consultado em 09.08.2019.

Europa Nostra (2015), *Cultural Heritage Counts for Europe – Full Report*, Disponível em: <https://www.europanostra.org/our-work/policy/cultural-heritage-counts-europe/>.

Europa Nostra (2015) *Cultural Heritage Counts for Europe - Executive Summary and Strategic Recommendations*. Disponível em: <https://www.europanostra.org/our-work/policy/cultural-heritage-counts-europe/>.

“Fédération Européenne des Cités Napoléoniennes” [em linha]. Disponível em <https://www.destination-napoleon.eu/>. Consultado em 19.02.2019.

“Fort de Schoenenbourg” [em linha]. Disponível em <http://www.lignemaginot.com/accueil/indexfr.htm>. Consultado em 09.08.2019.

“How many tourists visit Hadrian’s Wall every year?” [em linha]. Disponível em <https://perlineamvalli.wordpress.com/2015/06/26/88-how-many-tourists-visit-hadrians-wall-every-year/>. Consultado em 18.08.2019.

Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. e Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P. (2010), *KITS- Património / KIT 01*

“Ligne Maginot” [em linha]. Disponível em <http://www.lignemaginot.com/accueil/indexfr.htm>. Consultado em 09.08.2019.

“Lourinhã” [em linha]. Disponível em: <http://www.cm-lourinha.pt/localizacao-e-caracterizacao>. Consultado em 18.02.2019.

Neves, José Acúrsio das (2008 [1810-1811]), *História geral da invasão dos franceses em Portugal, e da restauração deste Reino*. Porto, Edições Afrontamento.

“O Turismo Militar enquanto aposta na construção da identidade local. À conversa com o Presidente da Câmara Municipal da Lourinhã”, website da Associação de Turismo Militar Português, disponível em

[www.turismomilitar.pt/index.php?lang=pt&s=news&id=83&title=O\\_turismo\\_militar\\_enquanto\\_aposta\\_na\\_construcao\\_da\\_identidade\\_local](http://www.turismomilitar.pt/index.php?lang=pt&s=news&id=83&title=O_turismo_militar_enquanto_aposta_na_construcao_da_identidade_local), acessado em junho de 2019.

“Programa do Festival Novas Invasões” [em linha]. Disponível em <http://www.cm-tvedras.pt/agenda/programa/26/>. Consultado a 2.09.2019.

“Programa da Viagem Medieval em Terras de Santa Maria” [em linha]. Disponível em <http://www.viagemmedieval.com/docs/2019/programa-VM-2019-PT.pdf>. Consultado em 04.09.2019.

“Programa do Cerco de Almeida” [em linha]. Disponível em [https://www.cm-almeida.pt/wp-content/uploads/2019/08/cerco\\_2019\\_programa.pdf](https://www.cm-almeida.pt/wp-content/uploads/2019/08/cerco_2019_programa.pdf). Consultado em 09.08.2019.

“Recriação histórica do cerco de Almeida envolve 400 figurantes”, *Notícias ao minuto* [em linha]. Disponível em: <https://www.noticiasao minuto.com/cultura/1069704/recriacao-historica-do-cerco-de-almeida-envolve-400-figurantes>. Consultado em 09.08.2019.

*Rota Histórica das Linhas de Torres* [em linha]. Disponível em <https://www.rhlt.pt/pt/associacao-rhlt/>. Consultado em 09.08.2019.

“USS Arizona Memorial” [em linha]. Disponível em [https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/Park%20Specific%20Reports/Annual%20Park%20Recreation%20Visitation%20\(1904%20-%20Last%20Calendar%20Year\)?Park=VALR](https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/Park%20Specific%20Reports/Annual%20Park%20Recreation%20Visitation%20(1904%20-%20Last%20Calendar%20Year)?Park=VALR). Consultado em 09.08.2019.

## 9. BIBLIOGRAFIA

Almeida, Maria Mota (2018), “O turismo e o património cultural: interação entre investigação e divulgação”, *Publituris* [em linha]. Disponível em: <https://www.publituris.pt/2018/12/28/opiniao-o-turismo-e-o-patrimonio-cultural-interacao-entre-investigacao-e-divulgacao/>.

“Bombarral – A nossa identidade” [em linha]. Disponível em: <http://www.cm-bombarral.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=e79d4100-8b9b-4adb-8d2f-8cb8afa088a5>. Consultado em 18.02.2019.

Bonink, M. e G. Richards (1992), *Cultural Tourism in Europe. A Transnational Research Initiative of the Association for Tourism and Leisure Education - ATLAS consortium*, London, Centre for Leisure and Tourism Studies.

Buttery, David (2011), *Wellington against Junot – The First Invasion of Portugal*, Barnsley, Pen & Sword Books Limited.

Carvalho, Gabriela (2017), “O Planeamento de Produtos Turísticos”, in: Silva, Francisco e Jorge Umbelino (coord.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico*, Lisboa, Lidel – Edições Técnicas, Lda.

- Criado Boado, Filipe Y Matilde González Méndez (2000). *Plan Diretor del Castro de Elviña*. Laboratório de Arqueoloxía e Formas Culturais, Universidade de Santiago de Compostela.
- Cunha, Licínio (1997), *Economia e Política do Turismo*, Lisboa, Mc Graw-Hill de Portugal.
- Cunha, Licínio (2008), “Avaliação do Potencial Turístico”, *Cogitur – Journal of Tourism Studies*, Ano 1 (1), pp. 21-40.
- Cunha, Licínio (2009), *Introdução ao Turismo*, Lisboa – São Paulo, Editorial Verbo.
- Coelho, João Frederico Pinto (2011), *Turismo Militar como segmento do Turismo Cultural: Memória, Acervos, Expografias e Fruição Turística*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, Tomar, Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Gestão de Tomar.
- Figueira, Luís Mota (2013), *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*, Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.
- Fouk, David (2016), “The impact of the “economy of history”: The example of battlefield tourism in France”, *Mondes du Tourisme* [em linha]. Disponível em <http://journals.openedition.org/tourisme/1338>.
- Fraga, N. (2002), “Turismo de Guerra – a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial: guerra do Contestado (1912 – 1916)”, *Revista PerCurso Curitiba em Turismo*, ano 1, nº 1, pp 43-76.
- Furtado, Ana Vanessa Pereira (2011), *Turismo Militar no Concelho de Peniche*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, Estoril: ESHTe.
- Garcia, Maria da Graça (2004). “A Convenção de Sintra” (online), consultado em 28.12.2018. Disponível em: [http://purl.pt/369/1/ficha-obra-convencao\\_sintra.html](http://purl.pt/369/1/ficha-obra-convencao_sintra.html).
- Iles, J. (2008), “Encounters in the Fields – Tourism to the Battlefields of the Western Front”, *Journal of Tourism and Cultural Change*, 6 (2), pp. 138-154.
- Hrusovsky, Michael e Konstantin Noeres (2011) “Military tourism”, in: Papathanassis A. (eds) *The Long Tail of Tourism*, Gabler, pp 87-94.
- Jafari, Jafar (2000), *Encyclopedia of Tourism*, Londres, Routledge.
- Jones, A., (2007), *Memory and Material Culture*, Cambridge University Press, United Kingdom.
- Leopold, Teresa (2007 [2003]), “A Proposed Code of Conduct for War Heritage Sites” in Ryan, Chris (ed.), *Battelfield Tourism: History, Place and Interpretation*, Oxford, Elsevier, pp. 49-58.
- Light, Duncan (2015), “Heritage and Tourism”, in: Waterton, E. e S. Watson, eds., *The Palgrave Handbook of Contemporary Heritage Research*, Basingstoke e New York, Palgrave MacMillan, pp. 144-158.
- Lobo, Francisco Sousa (2015), *A Defesa de Lisboa, Linhas de Torres Vedras, Lisboa, Oriente e Sul do Tejo (1809-1814)*, Lisboa, Tribuna da História.
- McKercher, B. e H. Du Cros (2002) *Cultural Tourism: The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management*, Binghampton, Haworth Press.

- National Trust for Historic Preservation in the United States (1993), *How to Succeed in Heritage Tourism*, Washington D.C, National Trust for Historic Preservation.
- Nunes, Joana Sofia Gaspar (2014), *Interpretação Turística na Qualificação do Destino: Proposta de modelo aplicado ao centro histórico de Tomar*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, Tomar, Instituto Politécnico de Tomar/Escola Superior de Gestão de Tomar.
- Organização Mundial do Turismo (2001), *Introdução ao Turismo*, Edições Roca, Brasil.
- Organização Mundial do Turismo (s.d), *Understanding Tourism: basic glossary*, UNWTO. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryenrev.pdf>. Consultado em 5.06.2019.
- Oliveira, Ângela, João Pedro Tormenta e Ricardo Pereira (2008), “Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça – 200 Anos”, *Revista RIO, edição especial*.
- Paget, Julian (2009). *Wellington’s Peninsular War – Battles and Battlefields*, Barnsley, Pen & Sword Books Limited.
- Paiva, Odete, Cláudia Seabra, José Luís Abrantes Manuel Reis e Andreia Pereira (2018), “Rotas Culturais no Centro de Portugal: Duas propostas”, in A. Correia e P. B. Homem (coord.), *Turismo no Centro de Portugal – Potencialidades e Tendências*, Coimbra, Actual, pp. 379-399.
- Pérez, Xerardo Pereiro (2009), “Turismo Cultural - Uma visão antropológica”, *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, n.º 2 [em linha]. Disponível em <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEedita2.pdf>.
- Prideaux, Bruce (2007), “Echoes of War: Battlefield Tourism”, in Ryan, Chris (ed.), *Battelfield Tourism: History, Place and Interpretation*, Oxford, Elsevier, pp 17-27.
- Ribeiro, Elisa Antónia (2008), *A Perspetiva da Entrevista na Investigação Qualitativa*, Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, vol. 4, n.º 4, pp. 129-148.
- Ribolhos, Rui (2008), *A Batalha do Vimeiro*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã.
- Ribolhos, Rui (2015), *A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Richards, G. (2009), “Turismo Cultural: Padrões e implicações”, in: Camargo, P. e G. da Cruz, G. (eds), *Turismo Cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*, Bahia, UESC, pp. 25-48.
- Richards, G (2011), “Tourism trends: Tourism, culture and cultural routes”, in: Khovanova-Rubicondo, K. (ed.) *Impact of European Cultural Routes on SMEs’ innovation and competitiveness*. Strasbourg: Council of Europe Publishing, pp. 21-39. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR\\_en.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR_en.pdf).
- Richards, G. (2014), “Tourism trends: The convergence of culture and tourism”, [em linha]. Disponível em [https://www.academia.edu/1473475/Tourism\\_trends\\_Tourism\\_culture\\_and\\_cultural\\_routes](https://www.academia.edu/1473475/Tourism_trends_Tourism_culture_and_cultural_routes).
- Rodrigues, Bonifácio Humberto do Rosário (2018), *Turismo Cultural e Desenvolvimento. A Rota da Catedrais e o Caso de Santarém*, tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, Ramo de Turismo e Desenvolvimento, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Ryan, Chris, ed., (2007), *Battlefield Tourism: History, Place and Interpretation*, Oxford, Elsevier.
- Sharpley, R e P. Stone, (2009), *The darker side of travel – the theory and practice of dark tourism*, Bristol, Channel View Publications.
- Silva, João Paulo Ferreira (2012), *Primeira Invasão Francesa 1807 – 1808: A invasão de Junot e a revolta popular*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa.
- Silva, José Sancho de Sousa (2017), “O Planeamento de Produtos Turísticos”, em Silva, Francisco e Jorge Umbelino (coord.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico*, Lisboa, Lidel – Edições Técnicas, Lda, pp. 197-220.
- Silveira, Carlos, Carlos Guardado da Silva Ana Catarina Sousa e Graça Soares Nunes, coord., (2011), *Rota Histórica das Linhas de Torres. Guia*, Vila Franca de Xira, PILT.
- Simões, José Manuel e Carlos Cardoso Ferreira (2017), “Sol, Mar e Praia: Da Vilegiatura Balnear à Reinvenção do Produto Turístico”, em Silva, Francisco e Jorge Umbelino (coord.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico*, Lisboa, Lidel – Edições Técnicas, Lda, pp. 221-228.
- The Royal Edimburgh Military Tattoo* [em linha]. Disponível em <https://www.edintattoo.co.uk/> acedido em 09.08.2019.
- Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005), *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*, Caldas da Rainha, Nova Galáxia.
- UNTWO (2019), *UNTWO Tourism Definitions*, Madrid, UNTWO.
- Vergikosk, Franciso (1995), “Bombarral: uma comunicação da Associação de Defesa do Património Cultural”, comunicação apresentada no 1º Seminário do Património da Região Oeste, realizado no Bombarral, 23 a 25 de junho de 1995.
- Veer Yatra Military Tourism [Em linha]. Disponível em <http://veeryatra.com/>. Consultado em 07.08.2019.

## ANEXOS

### Anexo I. Guião de entrevista

#### Entrevista no âmbito do Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura

ISCTE - IUL

#### Entrevistado:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ | Atividade/cargo: \_\_\_\_\_

Autorizo a gravação em formato áudio exclusivamente para os fins do presente trabalho académico:

\_\_\_\_\_

#### Entrevista:

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / 2019 | Hora: \_\_\_h\_\_\_ | Local: \_\_\_\_\_

Guião:

- 1 -Defina a relevância da criação de um projeto cultural para ativação turística do património militar associado à primeira Invasão Francesa, nos concelhos da Lourinhã e Bombarral.
- 2 -Na sua perspetiva quais os fatores a ter em conta na implementação de um projeto cultural militar?
- 3 -Na sua opinião, quais os investimentos estruturantes necessários para implementar este projeto (humanos, técnicos, financeiros, comunicação, parceiros, etc.). Defina as prioridades dos mesmos.
- 4 -Como define o seu contributo para a implementação deste produto cultural no território e quais as suas necessidades para o fazer?



## **Anexo II.** Fichas de pré-inventário

Campo da Batalha da Roliça  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Sítio histórico

**02 Tipo:**

Campo de Batalha

**03 Identificador:**

01 BBR Campo de Batalha da Roliça

**04 Designação:**

Campo da Batalha da Roliça

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Leiria

Concelho da Bombarral

Freguesia de Roliça

Coordenadas: 39°18'00.3"N 9°11'51.2"W

**06 Acesso:**

Pela rua do Picoto (inclui troço em terra), a partir da localidade de Azambujeira dos Carros.

**07 Proteção:**

Sem proteção

**08 Época de construção:**

Não aplicável.

**09 Imagem:**

Exterior:



BBR Picoto Marco Geodésico e Cruzeiro



BBR Picoto Cruzeiro



BBR Picoto Marco Geodésico e Cruzeiro (2)



BBR Picoto Vista (1)



BBR Picoto Vista (2)



BBR Picoto Vista (3)



BBR Picoto Paineis de Azulejos (1)



BBR Picoto Paineis de Azulejos (2)



BBR Picoto vista aérea

## 10 Enquadramento:

Situa-se na Serra do Picoto com uma vista privilegiada sobre toda a várzea de São Mamede até Óbidos e, mais além, o Vale Tifónico até Caldas da Rainha, abrangendo as Cesaredas do lado esquerdo e as elevações da Usseira e Boavista do lado direito. Acesso em terra a partir da localidade de Azambujeira dos Carros. No Vale do Roto, via seguida pela ala esquerda das tropas luso-inglesas, situam-se as grutas Nova da Columbeira, Lapa do Suão e das Pulgas, fonte de valiosos achados arqueológicos e numa das colinas vizinhas do Picoto situa-se um castro pré-histórico.

Enquadramento histórico:

Local onde se desenvolveram ações militares no dia 17 de agosto de 1808.

No seguimento da Revolução francesa (1792) e dos eventos que levaram ao poder o General Napoleão Bonaparte, os exércitos franceses iniciaram uma política militar de expansão territorial conquistando grande parte da Europa e que resultou numa série de alianças que uniram contra França, o Reino Unido, a Áustria, a Rússia e a Prússia.

Após terem ocupado Espanha os exércitos franceses invadiram Portugal em 1807 sob o pretexto da não adesão lusitana ao Bloqueio Continental que visava isolar o império britânico.

Comandava as tropas francesas o General Jean-Andoche Junot (futuro 1.º Duque de Abrantes) que chegou a Lisboa ainda a tempo de no horizonte observar as velas dos navios que transportavam a corte portuguesa para o Brasil.

Em face desta situação e como apoio à insurreição popular que se espalhava por Portugal, o Império Britânico respondeu enviando um corpo de tropas para Portugal. Após o desembarque do grosso do exército britânico na praia de Lavos, a sul da Figueira da Foz, Sir Arthur marchou com os seus homens em direção a Lisboa e o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Dão-se várias escaramuças até que, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. (...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas

formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia.(...) (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas orças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Delaborde, percebendo a manobra de envolvimento de Wellington, ordena a evacuação do planalto onde havia colocado as suas linhas, levando a que as várias horas de manobras aliadas não produzam efeito. Ordenadamente, os franceses passam pela aldeia da Roliça e dirigem-se para a elevação próxima da Columbeira e aí formam novas linhas, deixando *voltigeurs* camuflados no sopé da elevação.

Do alto da elevação, cuja visibilidade alcança o Montejunto, não existem sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos.

A aproximação das companhias ligeiras do sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas.

Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, comandou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, mesmo à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, (...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...) (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de artilharia, equipamento e bagagem diversa.

Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu parcialmente os seus objetivos atrasando a marcha dos inimigos e barrando o seu caminho para a capital.

O General Junot, vindo de Lisboa, e o General Loison, vindo de Tomar, encontraram-se no Cercal (Cadaval) mas apenas se juntariam a Delaborde em Torres Vedras participando então na Batalha do Vimeiro, a 21 de agosto de 1808.

A Batalha da Roliça, constitui um momento significativo no âmbito da Primeira Invasão Francesa, sendo a primeira batalha travada em solo português pelas forças inglesas e a primeira derrota das tropas do Império Napoleónico nas Guerras Peninsulares.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

Campo de Batalha

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

- Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Nova Galáxia. Caldas da Rainha.
- *Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça – 200 Anos (2008)*. Câmara Municipal de Óbidos.
- Buttery, David (2011). *Wellington against Junot – The First Invasion of Portugal*. Pen & Sword Books Limited. Barnsley.
- Silva, João Paulo Ferreira (2012). *Primeira Invasão Francesa 1807 – 1808: A invasão de Junot e a revolta popular*. Academia de Ciências de Lisboa.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Túmulo do Tenente-Coronel Lake  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas comemorativas

**02 Tipo:**

Monumento Comemorativo

**03 Identificador:**

02 BBR Túmulo do Tenente Coronel Lake

**04 Designação:**

Túmulo do Tenente Coronel Lake

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Leiria

Concelho da Bombarral

Freguesia de Roliça

Coordenadas: 39°17'48.3"N 9°11'34.7"W

**06 Acesso:**

Pela rua do Picoto (inclui troço em terra), a partir da localidade de Azambujeira dos Carros.

**07 Proteção:**

Sem proteção

**08 Época de construção:**

Século XIX

**09 Imagem:**

Exterior:



BBR Lake (1)



BBR Lake (2)



BBR Lake (3)



BBR Lake vista aérea

## 10 Enquadramento:

Na encosta da Serra do Picoto, uma cruz de pedra rodeada por uma vedação metálica e uma pedra de mármore com texto evocativo assinalam o local da sepultura do Tenente-Coronel Augustus Frederik Lake (1781-1808), que aqui perdeu a vida na Batalha da Roliça, a 17 de agosto de 1808.

O acesso é feito por uma estrada de terra lateral ao acesso ao Picoto e o local encontra-se rodeado de terrenos agrícolas.

Enquadramento histórico:

Enquadramento histórico:

No seguimento da Revolução francesa (1792) e dos eventos que levaram ao poder o General Napoleão Bonaparte, os exércitos franceses iniciaram uma política militar de expansão territorial conquistando grande parte da Europa e que resultou numa série de alianças que uniram contra França, o Reino Unido, a Áustria, a Rússia e a Prússia.

Após terem ocupado Espanha os exércitos franceses invadiram Portugal em 1807 sob o pretexto da não adesão lusitana ao Bloqueio Continental que visava isolar o império britânico.

Comandava as tropas francesas o General Jean-Andoche Junot (futuro 1.º Duque de Abrantes) que chegou a Lisboa ainda a tempo de no horizonte observar as velas dos navios que transportavam a corte portuguesa para o Brasil.

Em face desta situação e como apoio à insurreição popular que se espalhava por Portugal, o Império Britânico respondeu enviando um corpo de tropas para Portugal.

Após o desembarque do grosso do exército britânico na praia de Lavos, a sul da Figueira da Foz, Sir Arthur marchou com os seus homens em direção a Lisboa e o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Dão-se várias escaramuças até que, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. (...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia. (...) (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas orças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Delaborde, percebendo a manobra de envolvimento de Wellington, ordena a evacuação do planalto onde havia colocado as suas linhas, levando a que as várias horas de manobras aliadas não produzam efeito. Ordenadamente, os franceses passam pela aldeia da Roliça e dirigem-se para a elevação próxima da Columbeira e aí formam novas linhas, deixando *voltigeurs* camuflados no sopé da elevação.

Do alto da elevação, cuja visibilidade alcança o Montejunto, não existem sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos.

A aproximação das companhias ligeiras do sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas. Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, comandou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, mesmo à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, (...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...) (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada

não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de artilharia, equipamento e bagagem diversa.

Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu parcialmente os seus objetivos atrasando a marcha dos inimigos e barrando o seu caminho para a capital.

O General Junot, vindo de Lisboa, e o General Loison, vindo de Tomar, encontraram-se no Cercal (Cadaval) mas apenas se juntariam a Delaborde em Torres Vedras participando então na Batalha do Vimeiro, a 21 de agosto de 1808.

A Batalha da Roliça, constitui um momento significativo no âmbito da Primeira Invasão Francesa, sendo a primeira batalha travada em solo português pelas forças inglesas e a primeira derrota das tropas do Império Napoleónico nas Guerras Peninsulares.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

- Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Nova Galáxia. Caldas da Rainha.
- *Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça – 200 Anos (2008)*. Câmara Municipal de Óbidos.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Moinho da Roliça  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas agrícolas

**02 Tipo:**

Moinho

**03 Identificador:**

03 BBR Moinho da Roliça

**04 Designação:**

Moinho da Roliça

**05 Localização:**

Região Centro  
Distrito de Leiria  
Concelho da Bombarral  
Freguesia de Roliça  
Coordenadas: 39°18'59.7"N 9°11'02.6"W

**06 Acesso:**

Estrada Nacional 8-4,  
2540-546 Roliça BBR  
É necessário percorrer alguns metros em estrada de terra.

**07 Proteção:**

Sem proteção

**08 Época de construção:**

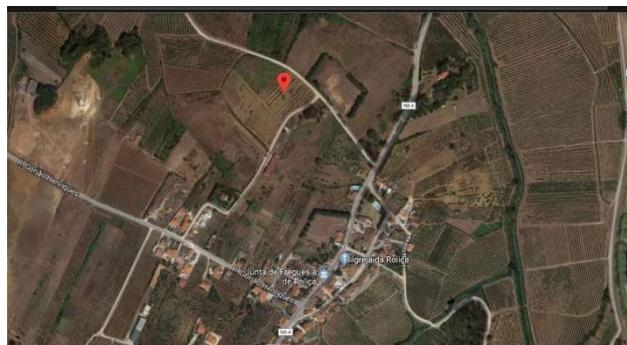
Século XVIII

**09 Imagem:**

Exterior:



BBR Moinho Roliça



BBR Moinho Roliça vista aérea

**10 Enquadramento:**

Espaço rural situado no limite do espaço urbano da aldeia da Roliça com vista para a Quinta da Freiria.

Local da primeira posição francesa na Batalha da Roliça e onde seguidamente se posicionou a artilharia inglesa

Enquadramento histórico:

Local onde se desenvolveram ações militares no dia 17 de agosto de 1808.

No seguimento da Revolução francesa (1792) e dos eventos que levaram ao poder o General Napoleão Bonaparte, os exércitos franceses iniciaram uma política militar de expansão territorial conquistando grande parte da Europa e que resultou numa série de alianças que uniram contra França, o Reino Unido, a Áustria, a Rússia e a Prússia.

Após terem ocupado Espanha os exércitos franceses invadiram Portugal em 1807 sob o pretexto da não adesão lusitana ao Bloqueio Continental que visava isolar o império britânico.

Comandava as tropas francesas o General Jean-Andoche Junot (futuro 1.º Duque de Abrantes) que chegou a Lisboa ainda a tempo de no horizonte observar as velas dos navios que transportavam a corte portuguesa para o Brasil.

Em face desta situação e como apoio à insurreição popular que se espalhava por Portugal, o Império Britânico respondeu enviando um corpo de tropas para Portugal. Após o desembarque do grosso do exército britânico na praia de Lavos, a sul da Figueira da Foz, Sir Arthur marchou com os seus homens em direção a Lisboa e o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Dão-se várias escaramuças até que, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. (...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia. (...) (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas orças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Delaborde, percebendo a manobra de envolvimento de Wellington, ordena a evacuação do planalto onde havia colocado as suas linhas, levando a que as várias horas de manobras aliadas não produzam efeito. Ordenadamente, os franceses passam pela aldeia da Roliça e dirigem-

se para a elevação próxima da Columbeira e aí formam novas linhas, deixando *voltigeurs* camuflados no sopé da elevação.

Do alto da elevação, cuja visibilidade alcança o Montejunto, não existem sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos.

A aproximação das companhias ligeiras do sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas.

Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, comandou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, mesmo à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, (...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...) (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de artilharia, equipamento e bagagem diversa.

Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu parcialmente os seus objetivos atrasando a marcha dos inimigos e barrando o seu caminho para a capital.

O General Junot, vindo de Lisboa, e o General Loison, vindo de Tomar, encontraram-se no Cercal (Cadaval) mas apenas se juntariam a Delaborde em Torres Vedras participando então na Batalha do Vimeiro, a 21 de agosto de 1808.

A Batalha da Roliça, constitui um momento significativo no âmbito da Primeira Invasão Francesa, sendo a primeira batalha travada em solo português pelas forças inglesas e a primeira derrota das tropas do Império Napoleónico nas Guerras Peninsulares.

## **11 Descrição (Opcional):**

.....

## **12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

- Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Nova Galáxia. Caldas da Rainha.
- *Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça – 200 Anos (2008)*. Câmara Municipal de Óbidos.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Monumento da Roliça / Painel de Azulejos  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas comemorativas

**02 Tipo:**

Monumento comemorativo

**03 Identificador:**

04 BBR Monumento Batalha Roliça

**04 Designação:**

Monumento da Batalha da Roliça

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Leiria

Concelho da Bombarral

Freguesia de Roliça

Coordenadas: 39°18'46.6"N 9°11'01.4"W

**06 Acesso:**

Rua Coronel Nicolau Trante

2540-659 Roliça BBR

**07 Proteção:**

Sem proteção

**08 Época de construção:**

1995

**09 Imagem:**

Exterior:



BBR Monumento Batalha Roliça



BBR\_Monumento Batalha Roliça Painel Azulejos



BBR Monumento Roliça vista aérea

### 10 Enquadramento:

Painel de azulejos comemorativo da Batalha da Roliça baseado numa antiga gravura *d'après nature* de Lévêque.

Situa-se na rua principal que atravessa a aldeia da Roliça, próximo do edifício da Junta de Freguesia e num largo ao lado de uma bomba de água.

Enquadramento histórico:

Local onde se desenvolveram ações militares no dia 17 de agosto de 1808.

No seguimento da Revolução francesa (1792) e dos eventos que levaram ao poder o General Napoleão Bonaparte, os exércitos franceses iniciaram uma política militar de expansão territorial conquistando grande parte da Europa e que resultou numa série de alianças que uniram contra França, o Reino Unido, a Áustria, a Rússia e a Prússia.

Após terem ocupado Espanha os exércitos franceses invadiram Portugal em 1807 sob o pretexto da não adesão lusitana ao Bloqueio Continental que visava isolar o império britânico.

Comandava as tropas francesas o General Jean-Andoche Junot (futuro 1.º Duque de Abrantes) que chegou a Lisboa ainda a tempo de no horizonte observar as velas dos navios que transportavam a corte portuguesa para o Brasil.

Em face desta situação e como apoio à insurreição popular que se espalhava por Portugal, o Império Britânico respondeu enviando um corpo de tropas para Portugal.

Após o desembarque do grosso do exército britânico na praia de Lavos, a sul da Figueira da Foz, Sir Arthur marchou com os seus homens em direção a Lisboa e o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Dão-se várias escaramuças até que, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. (...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia.(...) (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas orças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Delaborde, percebendo a manobra de envolvimento de Wellington, ordena a evacuação do planalto onde havia colocado as suas linhas, levando a que as várias horas de manobras aliadas não produzam efeito. Ordenadamente, os franceses passam pela aldeia da Roliça e dirigem-se para a elevação próxima da Columbeira e aí formam novas linhas, deixando *voltigeurs* camuflados no sopé da elevação.

Do alto da elevação, cuja visibilidade alcança o Montejunto, não existem sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos.

A aproximação das companhias ligeiras do sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas. Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, comandou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, mesmo à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, (...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...) (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada

não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de artilharia, equipamento e bagagem diversa.

Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu parcialmente os seus objetivos atrasando a marcha dos inimigos e barrando o seu caminho para a capital.

O General Junot, vindo de Lisboa, e o General Loison, vindo de Tomar, encontraram-se no Cercal (Cadaval) mas apenas se juntariam a Delaborde em Torres Vedras participando então na Batalha do Vimeiro, a 21 de agosto de 1808.

A Batalha da Roliça, constitui um momento significativo no âmbito da Primeira Invasão Francesa, sendo a primeira batalha travada em solo português pelas forças inglesas e a primeira derrota das tropas do Império Napoleónico nas Guerras Peninsulares.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Câmara Municipal do Bombarral, <http://www.cm-bombarral.pt/Batalha-da-Rolica>

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Marco Caveira  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas comemorativos

**02 Tipo:**

Marco

**03 Identificador:**

05 BBR Marco Caveira

**04 Designação:**

Marco Caveira

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Leiria

Concelho da Bombarral

União de Freguesias de Bombarral e Vale Covo

Coordenadas: 39°15'44"N 9°11'38"W

**06 Acesso:**

Caminho rural

Casal do Urmal

**07 Proteção:**

Sem proteção

**08 Época de construção:**

.....

**09 Imagem:**

Exterior:



BBR Marco Caveira (1)



BBR Marco Caveira (2)



BBR Marco Caveira vista aérea

### 10 Enquadramento:

Situa-se no interior de um pomar de pêra rocha, próximo de um marco geodésico com acesso através de um caminho rural em terra a que corresponderá o percurso da Estrada Real seguido pelas tropas francesas na sua retirada do local da batalha da Roliça.

No decurso desta retirada em direção a Torres Vedras, as tropas francesas sepultaram os seus mortos no local assinalado por um marco onde durante décadas foram surgindo à superfície caveiras e diversos artefactos.

#### Enquadramento histórico:

No seguimento da Revolução francesa (1792) e dos eventos que levaram ao poder o General Napoleão Bonaparte, os exércitos franceses iniciaram uma política militar de expansão territorial conquistando grande parte da Europa e que resultou numa série de alianças que uniram contra França, o Reino Unido, a Áustria, a Rússia e a Prússia.

Após terem ocupado Espanha os exércitos franceses invadiram Portugal em 1807 sob o pretexto da não adesão lusitana ao Bloqueio Continental que visava isolar o império britânico.

Comandava as tropas francesas o General Jean-Andoche Junot (futuro 1.º Duque de Abrantes) que chegou a Lisboa ainda a tempo de no horizonte observar as velas dos navios que transportavam a corte portuguesa para o Brasil.

Em face desta situação e como apoio à insurreição popular que se espalhava por Portugal, o Império Britânico respondeu enviando um corpo de tropas para Portugal. Após o desembarque do grosso do exército britânico na praia de Lavos, a sul da Figueira

da Foz, Sir Arthur marchou com os seus homens em direção a Lisboa e o primeiro embate com os franceses ocorre a 15 de agosto, nas imediações de Óbidos. Dão-se várias escaramuças até que, na manhã do dia 17, o exército inglês começa a formar a sua linha de batalha. (...) Na esquerda, o major-general Ferguson, com a sua brigada e a do brigadeiro Bowes, que deveria avançar pelos montes que ladeiam a Várzea; pela direita: o coronel Trant, comanda as forças portuguesas, avançando pelas colinas a esquerda. Ao centro, o próprio comandante em chefe, com força principal: 3 brigadas formadas em duas linhas com os caçadores portugueses na retaguarda, 400 cavaleiros e 12 peças de artilharia. (...) (Tormenta, 2005: 98).

A estratégia de Wellesley, era a de centrar a atenção dos franceses nas orças do centro, enquanto as duas alas atacavam Delaborde, pelos flancos. Delaborde, percebendo a manobra de envolvimento de Wellington, ordena a evacuação do planalto onde havia colocado as suas linhas, levando a que as várias horas de manobras aliadas não produzam efeito. Ordenadamente, os franceses passam pela aldeia da Roliça e dirigem-se para a elevação próxima da Columbeira e aí formam novas linhas, deixando *voltigeurs* camuflados no sopé da elevação.

Do alto da elevação, cuja visibilidade alcança o Montejunto, não existem sinais de reforços para Delaborde, o que também é sabido por Wellington. Este reproduz no período da tarde a manobra efetuada na manhã, com um avanço vagaroso na zona central e manobras em semicírculo nos flancos.

A aproximação das companhias ligeiras do sopé da elevação origina disparos e 12 peças de artilharia colocadas na Roliça, junto a um moinho, castigam as posições francesas.

Foi nesta tarde que o Coronel Lake, comandante do 29º regimento, comandou pessoalmente um ataque isolado em direção a uma das principais gargantas, mesmo à sua frente. Sob o comando do brigadeiro Brenier, (...) os franceses executam um contra-ataque sobre a retaguarda direita dos ingleses; a luta é intensa. O feroz ataque francês fez debandar os homens do 29º, que recuam deixando para trás 34 prisioneiros, entre os quais 4 oficiais, para além de 50 mortos que jazem no solo, incluindo o do próprio coronel Lake (...) (Tormenta, 2005: 102).

Os ataques britânicos sucederam-se durante cerca duas horas e Delaborde, constatando que não iria receber os reforços esperados, implementa novo plano de retirada pelos caminhos que convergiam para a localidade de Zambujeira. Mas esta segunda retirada não decorreu de forma organizada como a primeira e os franceses acabam por perder 3 peças de artilharia, equipamento e bagagem diversa.

Por volta das cinco da tarde terminou a batalha, com um saldo favorável aos aliados, mas Delaborde conseguiu parcialmente os seus objetivos atrasando a marcha dos inimigos e barrando o seu caminho para a capital.

O General Junot, vindo de Lisboa, e o General Loison, vindo de Tomar, encontraram-se no Cercal (Cadaval) mas apenas se juntariam a Delaborde em Torres Vedras participando então na Batalha do Vimeiro, a 21 de agosto de 1808.

A Batalha da Roliça, constitui um momento significativo no âmbito da Primeira Invasão Francesa, sendo a primeira batalha travada em solo português pelas forças inglesas e a primeira derrota das tropas do Império Napoleónico nas Guerras Peninsulares.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

Agrícola

**18 Proprietário (Opcional):**

Privado

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Vergikosc, Francisco (1995), “Bombarral: uma comunicação da Associação de Defesa do Património Cultural”, comunicação apresentada no 1º Seminário do Património da Região Oeste, realizado no Bombarral, 23 a 25 de junho de 1995.

Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Nova Galáxia. Caldas da Rainha.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Padrão da Batalha do Vimeiro  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas comemorativos

**02 Tipo:**

Padrão

**03 Identificador:**

01 LNH Padrão da Batalha do Vimeiro

**04 Designação:**

Padrão da Batalha do Vimeiro

Padrão Comemorativo da Batalha do Vimeiro

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

Freguesia de Vimeiro

Coordenadas: 39°10'34.4"N 9°18'57.4"W

**06 Acesso:**

Rua do Monumento, n.º 17-A

2530-835 Vimeiro LNH

**07 Proteção:**

IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26  
fevereiro 1982.

**08 Época de construção:**

Séc. XX (1908)

**09 Imagens:**

Exterior:



LNH Padrão Vimeiro (1)



LNH Padrão Vimeiro (2)



LNH Padrão Vimeiro (3)



LNH Padrão Vimeiro vista aérea

### 10 Enquadramento:

Implanta-se no cimo de uma pequena elevação sobranceira à povoação do Vimeiro, encontrando-se, atualmente, rodeado por um espaço ajardinado onde também foram colocados seis painéis de azulejo alusivos às batalhas da primeira invasão francesa. Desde 2008, por altura do bicentenário da Batalha do Vimeiro, foi edificado, junto ao padrão, o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro.

### 11 Descrição (Opcional):

Integrado no arranjo paisagístico escolhido para este espaço e de forma a dar maior destaque ao monumento, foi construído um embasamento piramidal caiado de branco que se ergue acima do solo. Foi sobre esta estrutura que se colocou o padrão composto por dois elementos: a base e o obelisco. A base do monumento de formato piramidal e com aparelho de pedra à vista surge truncada no topo para aí colocar o obelisco. Encastrada nesta base encontra-se a lápide comemorativa da batalha ostentando a seguinte epígrafe: *A expedição Britannica sob o commando do / general Wellesley, tendo desembarcado em / Lavos e reunido a si tropas Portuguezas / Marchou sobre Lisboa bateu as avançadas inimigas / na Roliça e sendo atacada pelo exército / do comando de Junot nestes sítios do Vimeiro / alcançou sobre elle uma gloriosa vitoria.* Sobre esta base ergue-se um obelisco retangular de quatro faces encimado pela representação de uma granada (*shrapnel*) em pedra. Refira-se que esta peça de artilharia foi utilizada pela primeira vez na Batalha do Vimeiro.

Na face principal do obelisco, sensivelmente a meia altura, surge um elemento escultórico de grande destaque correspondendo a uma cabeça de leão, evocando assim a força e a coragem demonstrada pelo exército anglo-luso contra os invasores.

Ainda na face principal, imediatamente abaixo da granada *shrapnel*, exibe-se o brasão nacional em bronze, ladeado por ramos de loureiro, reforçando assim o simbolismo do conjunto no quadro das comemorações do primeiro centenário da vitória sobre Napoleão. No total o Padrão possui cerca de 4,5 metros de altura.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74716>

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

O padrão comemorativo da Batalha do Vimeiro foi construído em 1908 tendo sido inaugurado a 21 de agosto desse mesmo ano na presença do rei D. Manuel II. Pretendia-se, com esta iniciativa, lembrar a batalha que, um século antes, opôs as tropas napoleónicas de Junot às do exército anglo-luso encabeçadas militarmente pelo general Wellesley, batalha essa que teve lugar precisamente na localidade de Vimeiro, a 21 de agosto de 1808. A batalha, que infringiu uma pesada derrota às tropas inimigas, integrou-se na primeira invasão francesa tendo sido decisiva para o seu termo.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74716>

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

Edifícios e estruturas construídas comemorativos - Padrão

**17 Utilização atual (Opcional):**

Edifícios e estruturas construídas comemorativos - Padrão

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã

Praça José Máximo da Costa  
2530 - 850 Lourinhã  
Tel. 261410100 ou 261988471  
Correio eletrónico: geral@cm-lourinha.pt

**20 Conservação geral (Opcional):**  
Bom

**21 Documentação (Opcional):**  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74716>

**22 Observações (Opcional)**  
.....

**23 Autor:**  
João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**  
2019

**25 Tipo de registo:**  
Atualização

Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas culturais e recreativas

**02 Tipo:**

Centro Interpretativo

**03 Identificador:**

02 LNH Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro

**04 Designação:**

Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro

**05 Localização:**

Região Centro  
Distrito de Lisboa  
Concelho da Lourinhã  
Freguesia de Vimeiro  
Coordenadas: 39°10'34.4"N 9°18'57.4"W

**06 Acesso:**

Rua do Monumento, n.º 17-A  
2530-835 Vimeiro LNH

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

Séc. XXI (2008)

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH CIBV (1)



LNH CIBV (2)



LNH CIBV (3)



LNH CIBV (4)



LNH\_CIBV (5)



LNH CIBV vista aérea

Interior:



LNH CIBV (6)



LNH CIBV (7)



LNH CIBV (8)



LNH\_CIBV (9)



LNH CIBV (10)



LNH CIBV (11)



LNH CIBV (12)



LNH CIBV (13)



LNH CIBV (14)



LNH CIBV 15



LNH\_CIBV Auditório

**10 Enquadramento:**

????

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

Arquiteto Augusto Silva

**13 Cronologia (Opcional):**

Inaugurado em 2008.

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

Edifícios e estruturas construídas culturais e recreativas - Centro Interpretativo

**17 Utilização atual (Opcional):**

Edifícios e estruturas construídas culturais e recreativas - Centro Interpretativo

**18 Proprietário (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã

Praça José Máximo da Costa

2530 - 850 Lourinhã

Tel. 261410100 ou 261988471

Correio eletrónico: geral@cm-lourinha.pt ou cibatalhavimeiro@cm-lourinha.pt

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

Bom

**21 Documentação (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã, <http://www.cm-lourinha.pt/cibvpaginaentrada>

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Campo da Batalha do Vimeiro  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Sítio histórico

**02 Tipo:**

Campo de Batalha

**03 Identificador:**

03 LNH Campo da Batalha do Vimeiro

**04 Designação:**

Campo da Batalha do Vimeiro

**05 Localização:**

Região Centro  
Distrito de Lisboa  
Concelho da Lourinhã  
Freguesia de Vimeiro  
Coordenadas: 39°10'34.4"N 9°18'57.4"W

**06 Acesso:**

Rua do Agostinho Estevão  
2530-835 Vimeiro LNH

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

.....

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH\_Campo Batalha Vimeiro (1)



LNH Campo Batalha Vimeiro (2)



prisioneiros. A batalha teve lugar em dois locais distintos, no lugar da Ventosa e Fonte de Lima (freguesia de Santa Bárbara) e no Vimeiro (lugar do Outeiro nas encostas da colina do Vimeiro e junto da Igreja de S. Miguel).

No Vimeiro, a batalha decorreu em locais que, atualmente, correspondem a campos agrícolas, na sua maioria. Existem vestígios materiais e arqueológicos daquele momento histórico que surgem à superfície durante a realização de trabalhos agrícolas.

Ao longo dos anos têm sido recolhidos objetos pelos proprietários dos terrenos e pela população local, sobretudo durante aqueles trabalhos de lavra, existindo muitas pessoas, residentes do Vimeiro, que ainda hoje dão conta disso mesmo através da história oral. Há vários e frequentes relatos, que remontam ao séc. XX, acerca do espólio proveniente do campo da batalha: desde balas que foram reutilizadas como pesos de pesca, até uma festa popular que terá sido paga graças aos baldes de balas recolhidos e vendidos pelas gentes da terra.

A comprovar a real existência e frequência destes achados casuais são alguns dos artefactos arqueológicos que chegaram ao Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, provenientes de doações feitas pelos habitantes locais e pelo espólio recolhido nas investigações arqueológicas realizadas por Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira (Ferreira 2015) e que deram origem à tese de mestrado realizada por Rui Ribolhos Filipe (Filipe, A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica 2015).

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

Campo de Batalha

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

Agrícola. É também utilizado no evento de Recriação Histórica da Batalha do Vimeiro & Mercado Oitocentista

**18 Proprietário (Opcional):**

Pela sua extensão, o denominado Campo de Batalha envolve vários proprietários.

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Ribolhos, Rui (2008), *A Batalha do Vimeiro*, Câmara Municipal da Lourinhã.

Ribolhos, Rui (2015), *A Batalha do Vimeiro numa Perspetiva Arqueológica*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Câmara Municipal da Lourinhã, <http://www.cm-lourinha.pt/batalhavimeiro>

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Quinta da Moita Longa  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifício e estruturas construídas residenciais

**02 Tipo:**

Casa multifamiliar

**03 Identificador:**

04 LNH Quinta Moita Longa

**04 Designação:**

Quinta da Moita Longa

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

União de Freguesias de Lourinhã e Atalaia

Coordenadas: 39°15'31.9"N 9°16'08.9"W

**06 Acesso:**

2530-246 Toxofal De Cima LNH

Estrada de terra batida, a partir do Toxofal de Cima

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

.....

**09 Imagens:**

Exterior:



LNH Quinta Moita Longa



LNH Quinta Moita Longa (1)



LNH Quinta Moita Longa (2)



LNH Quinta Moita Longa vista aérea

Interior:



LNH Quinta Moita Longa (4)

### **10 Enquadramento:**

Solar residencial rural e isolados, cuja construção remonta ao século XVI, composto por uma casa principal como capela e a oeste da casa principal desenvolve-se o jardim organizado em vários planos, integrando um tanque retangular, em torno do qual se reconhecem bancos e canteiros. Em 1808, uma divisão de infantaria do exército luso-britânico, comandada pelo general Campbell esteve aquartelada na quinta. (Fonte: Registo IPA 00011880 no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320))

### **11 Descrição (Opcional):**

.....

### **12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

### **13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Referência IPA 00011880<sup>77</sup> no Sistema de Informação para o Património

Arquitetónico [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6320)

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Atualização

---

<sup>77</sup> Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=11880](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11880). Consultado em 04.09.2019

Forte de Paimogo  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas militares

**02 Tipo:**

Forte

**03 Identificador:**

05 LNH Forte de Paimogo

**04 Designação:**

Forte de Paimogo

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

União de Freguesias de Lourinhã e Atalaia

Coordenadas: 39°17'14.3"N 9°20'27.0"W

**06 Acesso:**

Estrada do Paimogo

2530- 245 Praia de Paimogo LNH

**07 Proteção:**

Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 41 191, DG, 1.ª série, n.º 162, de 18 julho 1957.

**08 Época de construção:**

Séc. XVII (1674)

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH Forte Paimogo (1)



LNH Forte Paimogo (2)



LNH Forte Paimogo (3)



LNH Forte Paimogo (4)



LNH Forte Paimogo (5)



LNH Forte Paimogo (6)



LNH Forte Paimogo (7)



LNH Forte Paimogo (8)

Interior:



LNH Forte Paimogo (9)



LNH Forte Paimogo (10)



LNH Forte Paimogo vista aérea

### 10 Enquadramento:

Localizado na arriba da Praia de Paimogo, trata-se de um forte abaluartado, cuja construção iniciou em 1674, no âmbito das Guerras da Restauração. Integra-se na 2ª linha fortificada, de Peniche a Cascais e à barra do Tejo e é um exemplar quase único de fortificações posteriores à Restauração sem alterações arquitetónicas.

A pequena enseada, protegida pelos seus fogos, serviu de desembarque às tropas inglesas que vieram reforçar as forças anglo-lusas do comando de Wellington que tomaram parte no combate da Roliça e Batalha do Vimeiro, aquando da 1ª Invasão Francesa, em 1808.

### 11 Descrição (Opcional):

.....

### 12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã

Praça José Máximo da Costa

2530 - 850 Lourinhã

Tel. 261410100

Correio eletrónico: geral@cm-lourinha.pt

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

Em risco de derrocada devido à erosão na arriba que colocou a descoberto parte das suas fundações.

**21 Documentação (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã, <http://www.cm-lourinha.pt/FortePaimogo>

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Casa Quartel-General de Wellington - Vimeiro  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifício e estruturas construídas residenciais

**02 Tipo:**

Casa multifamiliar

**03 Identificador:**

06 LNH Casa Quartel-General de Wellington - Vimeiro

**04 Designação:**

Casa Quartel-General de Wellington

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

Freguesia de Vimeiro

Coordenadas: 39°10'44.2"N 9°19'03.2"W

**06 Acesso:**

Rua 21 de Agosto / Rua dos Oficiais

2530-835 Vimeiro LNH

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

.....

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH Casa Quartel-General



LNH\_Casa Quartel-General  
(2)



LNH Casa Quartel-General vista aérea

**10 Enquadramento:**

Edifício ainda hoje existente, localizado no centro da aldeia do Vimeiro, no qual esteve instalado o Quartel-General de Wellington de 19 a 23 de agosto e onde, na sequência da Batalha do Vimeiro, foram encetadas negociações entre ingleses e franceses, das quais resultaram os termos do Armistício.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Tormenta, João Pedro e Pedro Fiéis (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Nova Galáxia. Caldas da Rainha.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Hospital de Campanha - Vimeiro  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifício e estruturas construídas residenciais

**02 Tipo:**

Casa multifamiliar

**03 Identificador:**

07 LNH Hospital de Campanha - Vimeiro

**04 Designação:**

Hospital de Campanha do Vimeiro

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

Freguesia de Vimeiro

Coordenadas: 39°10'44.8"N 9°19'03.5"W

**06 Acesso:**

Rua 21 de Agosto

2530-835 Vimeiro LNH

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

.....

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH Hospital de Campanha - Vimeiro



LNH Hospital de Campanha - Vimeiro (2)



LNH Hospital de Campanha – Vimeiro vista aérea

**10 Enquadramento:**

Localizado no centro da aldeia do Vimeiro, a poucos metros da Igreja do Vimeiro e em frente ao Quartel-General de Wellington, encontra-se um edifício onde, segundo a tradição oral, terá sido instalado o Hospital de Campanha para tratamento dos feridos da batalha.

**11 Descrição (Opcional):**

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Câmara Municipal da Lourinhã, <http://www.cm-lourinha.pt/batalhavimeiro>

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

Hospital de Campanha - Fonte Lima  
(Pré-inventário de Recursos)

**01 Categoria:**

Edifícios e estruturas construídas residenciais

**02 Tipo:**

Casa multifamiliar

**03 Identificador:**

08 LNH Hospital de Campanha - Fonte Lima

**04 Designação:**

Hospital de Campanha – Fonte Lima

**05 Localização:**

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

Freguesia de Santa Bárbara

Coordenadas: 39°11'40.2"N 9°18'51.6"W

**06 Acesso:**

Rua da Nascente, Santa Bárbara

2530-728 Santa Bárbara LNH

**07 Proteção:**

.....

**08 Época de construção:**

...

**09 Imagem:**

Exterior:



LNH Casa Rural - Fonte Lima



LNH Casa Rural - Fonte Lima (2)



LNH Casa Rural - Fonte Lima



LNH Casa Rural - Fonte Lima vista aérea

## 10 Enquadramento:

Localizada em Fonte Lima, Freguesia de Santa Bárbara, esta antiga casa rural terá sido um dos locais onde foi feito tratamento aos feridos dos combates que tiveram lugar em Fonte de Lima no decorrer da Batalha do Vimeiro. “(...) Neale diz-nos ainda que os feridos foram assistidos numa casa rural. Ora, em Fonte Lima existe uma antiga casa rural onde, conta a população, foram assistidos os feridos da batalha. (...)” (Bento, 2019)

Enquadramento histórico:

A Batalha do Vimeiro foi travada no dia 21 de agosto de 1808, no âmbito da Primeira Invasão Francesa de Portugal. Opuseram-se o exército anglo-luso comandado pelo General Arthur Wellesley e o exército francês comandado por Jean Andoche Junot. Esta batalha resultou numa vitória clara do exército anglo-luso sobre as tropas da França Imperial, sendo também decisiva pois pôs o termo à Primeira Invasão Francesa e à sua governação de Portugal, que acontecia desde o fim de novembro de 1807.

O combate terá durado cerca de duas horas e meia e o número de baixas provocadas terá sido de 720 ingleses e 1800 franceses, entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros. A batalha teve lugar em dois locais distintos, no lugar da Ventosa e Fonte de Lima (freguesia de Santa Bárbara) e no Vimeiro (lugar do Outeiro nas encostas da colina do Vimeiro e junto da Igreja de S. Miguel).

## 11 Descrição (Opcional):

.....

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

.....

**17 Utilização atual (Opcional):**

.....

**18 Proprietário (Opcional):**

.....

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Bento, Ana (2019) “Desenterrar o passado: Mortos e Feridos da Batalha do Vimeiro”, P-45

*Jornal do Exército*, janeiro 2019.

**22 Observações (Opcional)**

.....

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo

## Igreja Paroquial do Vimeiro

Pré-inventário de Recursos:

### 01 Categoria:

Edifícios e estruturas construídas religiosos

### 02 Tipo:

Igreja

### 03 Identificador:

09 LNH Igreja Paroquial do Vimeiro

### 04 Designação:

Igreja do Vimeiro

### 05 Localização:

Região Centro

Distrito de Lisboa

Concelho da Lourinhã

Freguesia de Vimeiro

Coordenadas: 39°10'45.6"N 9°19'02.2"W

### 06 Acesso:

Rua 21 de Agosto

2530-814 Vimeiro LNH

### 07 Proteção:

.....

### 08 Época de construção:

Século XVI

### 09 Imagem:

Exterior:



LNH\_Igreja Vimeiro



LNH\_Igreja Vimeiro vista aérea

### 10 Enquadramento:

Inserida no perímetro urbano da povoação. Situada em terreno desnivelado, rodeada por adro murado, efetuando-se o acesso por escadaria a oeste e sul, onde também existe rampa.

Enquadramento histórico:

A Batalha do Vimeiro foi travada no dia 21 de agosto de 1808, no âmbito da Primeira Invasão Francesa de Portugal. Opuseram-se o exército anglo-luso comandado pelo General Arthur Wellesley e o exército francês comandado por Jean Andoche Junot. Esta batalha resultou numa vitória clara do exército anglo-luso sobre as tropas da França Imperial, sendo também decisiva pois pôs o termo à Primeira Invasão Francesa e à sua governação de Portugal, que acontecia desde o fim de novembro de 1807.

O combate terá durado cerca de duas horas e meia e o número de baixas provocadas terá sido de 720 ingleses e 1800 franceses, entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros. A batalha teve lugar em dois locais distintos, no lugar da Ventosa e Fonte de Lima (freguesia de Santa Bárbara) e no Vimeiro (lugar do Outeiro nas encostas da colina do Vimeiro e junto da Igreja de S. Miguel).

**11 Descrição (Opcional):**

Conforme IPA.00011026

**12 Arquiteto / Construtor / Autor (Opcional):**

.....

**13 Cronologia (Opcional):**

.....

**14 Tipologia (Opcional):**

.....

**15 Bens móveis (Opcional KIT03):**

.....

**16 Utilização inicial (Opcional):**

Religiosa

**17 Utilização atual (Opcional):**

Religiosa.

**18 Proprietário (Opcional):**

Diocese de Lisboa.

**19 Utente (Opcional):**

.....

**20 Conservação geral (Opcional):**

.....

**21 Documentação (Opcional):**

Ribolhos, Rui (2008), *A Batalha do Vimeiro*, Câmara Municipal da Lourinhã, p. 28.

**22 Observações (Opcional)**

Durante a Batalha do Vimeiro, ocorrida a 21 de agosto de 1808, tiveram lugar junto à igreja e nas ruas da povoação ataque entre as forças em combate: (...) O terceiro ataque comandado por Kellerman evitou subir a colina e, aproveitando ainda a confusão do primeiro ataque, flanqueou-a pela esquerda, procurando entrar na povoação. O General Brigadeiro Anstruther antecipando as intenções de Kellerman, ordenou que o 43º Regimento descesse a colina até ao adro da Igreja e tomasse a sua defesa (...). (Ribolhos, 2008, 28).

**23 Autor:**

João Paulo Henriques Mergulhão

**24 Data:**

2019

**25 Tipo de registo:**

Novo registo